

**UNIVERSIDADE DO EXTREMO SUL CATARINENSE - UNESC
PSICOLOGIA**

MALIÔ DAMIANI MARTINS

REFLEXÕES PELA PAZ: Violência, razão e cultura do cancelamento

**CRICIÚMA
2022**

MALIÔ DAMIANI MARTINS

REFLEXÕES PELA PAZ: Violência, razão e cultura do cancelamento

TCC apresentado ao Curso de Psicologia,
como parte dos requisitos necessários à ob-
tenção do título de Bacharel em Psicologia.

Orientadora: Janine Moreira

CRICIÚMA
2022

Dedico essa obra a nossa Mãe Terra, amada Gaia, que nos permite viver, criar e ser memória. Sua *regeneração* é o sonho mais belo e mais poderoso que já está se realizando, por isso apenas rogo que nós (em forma humana) possamos estar aqui para servir e apreciar tuas épocas de paz, fazendo parte de tua autoconsciência *noosférica*.

Agradecimentos

Agradeço a todas(os) meus ancestrais, que vieram antes de mim, e me permitiram respirar, pensar, sentir, sonhar e andar por essa Terra. Em especial aos meus pais, Gilberto Martins e Maria Adriana Bernardo Damiani Martins, sempre dispostos à *cuidar*, sem vocês eu não seria quem sou, eu os amo com a força do *Sol*. Quero também agradecer a toda inteligência, dedicação, amor e companheirismo de minhe companheire Solar Lopes, gratidão pelas perguntas certas nos momentos certos, que me enchem de coragem e firmeza, agradeço também seu acolhimento, delicadeza e carinho nos momentos difíceis, amo-nos.

A paz inicia na nossa disposição ao *cuidado*, quando ao sentirmo-nos *inter-ser* buscamos viver por meio de uma *presença compassiva*, por nós, pelo outro e por toda a natureza!

Resumo

Diante do emaranhado carretel da violência, a *cultura do cancelamento* é como um fio que pode ser puxado para nos auxiliar a conhecer mais acerca das antigas mazelas humanas, o individualismo, o egoísmo e a desconexão com nossa qualidade de *inter-ser*. Na trilha dessa jornada, o *cuidado* nos surge como uma disposição fundamental, uma verdadeira *medicina* para os males da alma humana que estão por detrás da violência. Convido você a uma viagem autorreflexiva e um mergulho por dentro da *tecnosfera* (através de uma pesquisa com o *software* Atlas.TI na rede social do *Twitter*) para conhecermos, uma das expressões epifenômicas da violência em nossa contemporaneidade e sua relação com a razão. Para que assim, tocadas(os) afetiva-espiritualmente possamos alinhar nossa razão para pensarmos juntas(os) caminhos de esperança através da ética e da *presença compassiva* para lidarmos com as questões concernentes ao sofrimento humano.

Palavras-chave: Paz. Cuidado. Violência. Razão. Cultura do Cancelamento. Ética. Decolonialidade.

Sumário

	Introdução	9
1	Sul: A Violência	19
2	Leste: A <i>medicina</i> do Cuidado - Compaixão e Revolta	32
3	Oeste: Liberdade, Sociedade e <i>Cultura do Cancelamento</i>	44
4	Norte: Esperança Ancestral de uma Ética-Decolonial	72
	Considerações Finais	84
	REFERÊNCIAS	87

O Convite

Não me interessa o que você faz para ganhar a vida.

Eu quero saber pelo que você sofre e se você ousa sonhar em ir de encontro ao desejo do seu coração.

Não me interessa a sua idade.

Eu quero saber se você vai arriscar parecer um tolo por amor, pelo seu sonho, pela aventura de estar vivo.

Não me interessa que planetas estejam no quadrante da sua lua...

Eu quero saber se você tocou no centro de sua própria tristeza, se você se abriu com as traições da vida, ou se você se encolheu e se fechou por medo de mais dor.

Eu quero saber se você consegue suportar a dor, minha ou a sua própria, sem escondê-la, ou diminuí-la, ou consertá-la.

Eu quero saber se você pode sentir alegria, a minha ou a sua própria, se você pode dançar loucamente e permitir que o êxtase percorra seu corpo até a ponta dos seus dedos sem alertar-nos para que sejamos realistas e sem lembrar-nos das limitações do ser humano.

Não me interessa se a história que você está me contando é verdadeira.

Eu quero saber se você consegue desapontar alguém para ser verdadeiro consigo mesmo; se você consegue suportar a acusação de traição e não trair sua própria alma.

Eu quero saber se você consegue ver beleza mesmo quando não for belo todos os dias.

Eu quero saber se você consegue conviver com o fracasso, seu e meu, e ainda assim ficar à beira do lago e gritar para a lua cheia prateada "Sim".

Não me interessa saber onde você mora ou quanto dinheiro você tem.

Eu quero saber se você consegue levantar depois da noite de dor e desespero, exausto e machucado até os ossos, e fazer o que é necessário ser feito para alimentar as crianças.

Não me interessa quem você é ou como você chegou até aqui.

Eu quero saber se você vai ficar no centro do fogo comigo sem se encolher.

Não me interessa onde, ou o quê, ou com quem você estudou.

Eu quero saber o que sustenta você a partir do seu interior, quando todo o resto desmorona.

Eu quero saber se você consegue ficar sozinho consigo mesmo, e se você realmente gosta da sua companhia nos momentos vazios.

Oriah Montain Dreamer

Introdução

Uma das maiores dificuldades que encontrei no decorrer da escrita dessa obra, foi a de não ser cooptada pelos pensamentos, lógicas e verdades tão pessoais dos(as) pensadores(as) que encontrei ao longo do caminho, seja a partir de obras (pessoas que tive como referência no decorrer dessa jornada) ou de conversas nos espaços em que transito. Afinal, somos sempre pessoais, por isso entendo que para ampliar nossas percepções para níveis coletivo-sistêmicos é necessária uma prática constante de *desidentificação*¹ diante de nós e do que nos acontece. Pois opiniões aglutinam-se sobre a realidade em todos os cantos da convivência humana, pessoalmente muito se julga, pouco se silencia ou se contempla.

Eis o modo de funcionamento típico do ser humano colonizado e colonizador Ocidental²; é muito comum que se tenha uma boa razão para compartilhar suas próprias opiniões sobre o mundo, as pessoas, a natureza, os animais, mas não sobre si, afinal, em nossa cultura, costuma-se ter a presunção de que o próprio discurso é neutro, objetivo e verdadeiro. Todavia essa mesma mentalidade de fluxo fragmentado e autocentrado (que percebe tudo a partir de si), é a que teima em catalogar, hierarquizar e discriminar tudo que surge pela frente, desmembrando a realidade e a percebendo em blocos desconexos.

Por outro lado, parece que o Ocidental *comum*³, não tem interesse em contemplar a realidade, e aprender com o silêncio de sua própria companhia, pois isso poderia o fazer entrar em contato com inúmeras de suas autorresponsabilidades, comumente, anestesiadas e negligenciadas frente a vida. O que poderia gerar uma angústia e desconforto, capazes de fazê-lo questionar o *status quo*, o que não me parece ser interessante para as pessoas e instituições que precisam que as coisas sejam como são, para terem poder, lucro e prazer (privilégios). Contudo, como ainda me aparenta condição fundamental utilizar dos mecanismos da razão para dialogar com aquelas(es) dispostas(os) a ir além da razão, dispostos(as) a utilizá-la como ferramenta para conhecer de si, e de suas próprias responsabilidades como parte da *teia da vida*⁴, assim o farei.

Por isso, escolhi compreender melhor o fenômeno da violência, e para tanto, vou desenovelar esse carretel a partir da ponta solta da *cultura do cancelamento*. Trata-se de um fenômeno contemporâneo de nossa cultura que, como pude perceber ao longo de minhas pesquisas, análises, reflexões e lembranças, tem um grande potencial de nos ajudar a entender como nossa sensação de separação, de individualidade, de desconexão com a

¹ Ato de renunciar à identificação com algo, alguém ou alguma situação, assim como está atrelado à renúncia ao conceito da existência de uma *identidade* única e permanente.

² Sempre que esse termo e seus correlatos surgirem no texto, é importante que lembremos que essa cultura Ocidental esparramou-se globalmente em nosso mundo contemporâneo.

³ Quando utilizar a palavra *comum* (no sentido aqui empregado) no decorrer da obra, estarei me referindo àquelas pessoas que não realizam um esforço consciente e consistente de libertação dos condicionamentos coletivos.

⁴ Referente ao caráter sistêmico da vida, relacionado ao conceito de *inter-ser* que será abordado ao longo da obra.

teia da vida parece estar por detrás daquilo que gera a violência humana.

Logo, decidi iniciar minha fala com uma primeira elucidação acerca do fenômeno da *cultura do cancelamento*, o que, para ser feito, nos levará aos contornos de um amálgama de diferentes acontecimentos e circunstâncias interrelacionadas, que vão desde o conhecido movimento das *hashtags* (#) nas redes sociais, que visa expor ao público pessoas e instituições acusadas de terem cometido crimes de alguma ordem; dos ataques virtuais conhecidos como *ciberbullying* de pessoas a outras, pelos mais infinitos motivos; até a perseguição organizada de pessoas públicas e não públicas, por diferentes motivos, com a finalidade de torná-las exemplo de algo, para que outras não venham a cometer algum comportamento específico (geralmente desaprovado moralmente).

O fenômeno em si passa por diversas possibilidades de manifestação, assumindo caracteres tão distintos que poderíamos desenovelá-lo em diversas direções diferentes, sem deixar de tratar do mesmo fenômeno. Desde o mercado econômico que pode se formar em torno da audiência do *cancelamento* de alguma figura em particular, como no famoso caso do *cancelamento* da mulher, negra e *rapper* Karol Conká, explicitado quando, após sua eliminação do programa televisivo Big Brother Brasil (na Rede Globo de Televisão), a emissora decidiu chamar os comerciais antes de entrevistar a eliminada, algo inédito até então na história do programa, o que fez com que os telespectadores que quisessem ouvir o primeiro pronunciamento da *rapper* tivessem que assistir aos comerciais (LIVRE, 2021); bem como os diferentes tipos de sofrimentos sentidos pelas pessoas envolvidas no espectro de acontecimentos do fenômeno do *cancelamento*, até aqueles sentidos por mim mesma quando vivi o fenômeno em minha vida.

Ao refletir sobre a *cultura do cancelamento* meu pensamento logo se defrontou com a questão: Será que se puxarmos esse fio encontraremos antigas mazelas humanas com delineados contemporâneos e justificativas atualizadas? E foi buscando uma espécie de ontologia desse fenômeno (nesse desenovelar) que me deparei com a antiga questão da *violência humana*. A partir daí, comecei a pensar no *cancelamento* menos em seus desdobramentos políticos e mais em suas questões existenciais, na tentativa, também, de livrar a reflexão dos ciclos de retroalimentação, de um tipo de raciocínio que parece levar às violências presentes na maioria das relações sociais.

Tomei essa direção, pois compreendi que, por mais que o atual cenário acadêmico diante de mim, dos mais diversos tipos de resistência político-social, tenha, em suas inúmeras possibilidades, infinitas opiniões acerca do fenômeno, o fato é que não encontrei por perto caminhos de esperança (do verbo esperar), de compaixão e *cuidado* que buscasse uma prática autorreflexiva pela paz e fraternidade cósmicas ao pensar e sentir a questão da violência, no sentido de se comover para além dela.

Dito isso, começo essa jornada refletindo acerca da *cultura do cancelamento*; parto do entendimento de que ela se trata de um fenômeno relacional, que acontece em diversos grupos de nossa sociedade (mesmo que, em muitos, não seja entendido por esse chavão),

como uma tentativa de “represália educativa”/correção coercitiva de alguns sujeitos sobre outros, com uma dinâmica de Vigiar e Punir (FOUCAULT, 2013). Sendo então, uma espécie de sub-efeito da *violência da iniquidade*⁵, que visa aniquilar as alteridades⁶ com a prerrogativa de, por justificativas racionais das mais diversas e elaboradas, submeter os sujeitos a exames para controlá-los.

Quase como uma tentativa distorcida de comportamento “educativo” que busca *reificar*⁷ as alteridades, baseando-se em fundamentos religiosos (cristãos) de penitência. O *cancelamento* acaba explicitando que: agora pode acontecer com todo e qualquer sujeito, o que ao longo de quase toda a história humana (até agora) era sofrimento exclusivo de alguns grupos desviantes das normas falso-hegemônicas coletivas. Ou seja, o que antes era uma tecnologia de violência aplicada aos corpos e almas de populações dissidentes e subversivas, como a LGBTQIA+, negra, de mulheres, de estrangeiros não europeus, loucos, leprosos, pessoas com deficiência, etc., agora também acaba recaindo sobre os grupos ditos normativos em nossa sociedade (lê-se burgueses-brancos-homens-cis-hetero-colonialcapitalísticos).

Porém, como as relações não deixam de se estabelecer numa complexidade interseccional (AKOTIRENE, 2019), mesmo seu epicentro que mais repercute, sendo uma tecnologia que surge com o fim de expor violências sofridas por grupos marginalizados e invisibilizados (aqui falo dos movimentos de *hashtags* nas redes sociais), como ainda é fruto de uma lógica que permanece refém dos raciocínios que levam à violência, em determinado momento, acaba sendo cooptada pelo poder autoproclamado *hegemônico* (dos grupos falso-normativos) e usada como arma apontada para as populações periféricas (e aqui podemos citar novamente o caso de Karol Conká). E nessa disputa contínua se explicita, para mim, que voltamos a recair na tentativa de solucionar a problemática da violência com as lógicas e ferramentas do colonizador/violentador, permanecendo presas num embaraço de violências sem fim.

Aí surge, reflexivamente, a questão da “educação violenta” em nossa sociedade, que nos enquadra a perceber como únicas possibilidades de resposta ao mal que sofremos lógicas que acometem a reprodução de algum outro tipo de mal. Mesmo não compreendendo a “educação violenta” como uma educação de fato, a prática dessa “educação” ainda é a realidade do *status quo* de nossa sociedade, presente desde as instituições educacionais até as judiciais, religiosas, familiares, etc. Confundimos educação (geração de autonomia, pertencimento e integração com a vida) com condicionamento (ensinamento de padrões) e

⁵ Falo aqui da iniquidade como aquilo que mais próximo nos leva das raízes ontológicas da violência. A *violência da iniquidade* é aquela que tenta aniquilar as alteridades, que não aceita a diversidade e por isso atua contra a dignidade e o direito de existência da vida. Sendo diametralmente oposta a equidade.

⁶ Derivada da palavra *alteritas*, do latim, trata-se da concepção que parte de um pressuposto básico de que todo o ser humano social interage e é interdependente do outro, dando base para o fundamento do que chamaremos adiante de *inter-ser*.

⁷ Tornar algo diferente daquilo que é, conformar alguém, alienando-o de suas ipseidades para que seja de acordo com algum fundamento metafísico (BASTOS; CABRAL; REZENDE, 2010).

devido à estrutura tecnocrática de nossa sociedade Ocidental (da qual falaremos ao longo dos capítulos), até mesmo com o ato de formar pessoas para serem funcionárias, e assim violentamos nossas crianças, assegurados(as) pelo discurso da correção disciplinar.

Uma palmada, uma desqualificação, uma barganha de afetos; a violência torna-se mecanismo na tentativa de controlar os corpos, discursos e *modos existenciais* das pessoas (FORGHIERI, 2021). A *cultura do cancelamento*, a princípio, parece ser uma tecnologia da violência, que aparece como fenômeno cultural de transborde dessa “violência educativa” (de controle e punição social), que inicia já na infância, para dentro dos contornos da vida adulta.

A princípio, porém, é fundamental que compreendamos de que violência estamos falando, e à luz da psicologia vou buscar uma *ontologia da violência*, e analisar seus modos tipicamente racionais de existência (BASTOS; CABRAL; REZENDE, 2010). Por conseguinte, faz-se relevante refletir acerca da compaixão e da revolta (CABRAL, 2021), já que são essas reações esperadas frente à *violência da iniquidade* (que tenta aniquilar as alteridades). Compaixão com a dor sentida por aquela(e) que é violentada(o), e revolta quanto ao sofrimento por ela(e) experienciado. A ideia, porém, é prestarmos atenção, reflexivamente, para a não-reprodução da violência como forma de dar vazão a essa compaixão e a essa revolta (CABRAL, 2021), para que, assim, não fiquemos presas num eterno ciclo de crueldade e violência.

Retomando a ideia do *cancelamento*, podemos definir ser *cancelado(a)* como ser alienado(a) da possibilidade da relação pelo não reconhecimento do outro enquanto legítimo de ser como é. Em nossa sociedade isso é mais comum do que a princípio pode parecer, basta que prestemos atenção quando algum(a) professor(a) “coloca de castigo” seu estudante, no “cantinho do pensamento”, ou seja, isolado(a) dos demais, como forma de o punir para o “educar” (leia controlar). Ou então, quando nos deparamos com a antiga punição presente em tantos presídios, que consistia em prender o detento em uma “cela solitária”. Todas essas são formas de desestimular comportamentos através da ausência de *carícias* (STEINER; PERRY, 2001). Configurando violências contra as alteridades e possibilidades de vir a ser dos sujeitos.

Analisando mais detidamente a questão da intencionalidade do fenômeno, pode-se entender que uma pessoa só pode ser *cancelada* por algum grupo social que consiga afetar alguma área de sua vida, ou seja, que utilize de sua expressão massiva para vigiar e punir o(a) *cancelado(a)*. Pois não haveria impacto algum ser *cancelado(a)* por pessoas cujas ausências ou ativismos não afetem diretamente a possibilidade de vir a ser da pessoa *cancelada*.

Portanto, como já visto, o *cancelamento* consiste em alienar o sujeito da possibilidade de relação, seja diretamente com outros sujeitos, com a sua instituição empregatícia, com a possibilidade de habitar certos locais, etc. Em geral, utilizando-se de discursos esterilizantes

das ipseidades⁸ da pessoa *cancelada*, na tentativa de homogeneizar as possibilidades de relação com ela a determinadas perspectivas que a universalizam como uma única imagem, para ser mais fácil de odiá-la.

O fenômeno pode também, comumente, envolver a perseguição organizada de um grupo no intento de desqualificação e desmoralização do(a) *cancelado(a)*, como “punição educativa”/controle, por algum ato, ou postura no mundo. Visto que, como já mencionado, diferente do que o senso comum pode ingenuamente supor, o *cancelamento* não consiste apenas em uma mobilização via *hashtag* (#) nas redes sociais, como geralmente acontece com movimentos de *cancelamento* de figuras públicas. Na vida cotidiana da pessoa *comum* ele assume vestes distintas, porém, não menos impactantes e violentas. Em todo âmbito, o *cancelamento* acontece através de racionalizações que visam punir e vingar-se do(a) *cancelado(a)* para *reificar* sua alteridade (BASTOS; CABRAL; REZENDE, 2010), conforme a expectativa de algum coletivo de pessoas (falaremos disso no Capítulo 3).

Por conseguinte, para iniciar a reflexão ética, é interessante que, já por aqui, se comece a pensar fenomenologicamente sobre a problemática fundamental de *relatar a si* (BUTLER, 2019). Tendo em vista que o sujeito nunca está totalmente acabado, e não é constituído nem totalmente por si-mesmo (ou seja, não é determinado), nem totalmente pelo outro. Por isso, “É importante repensar se nós captamos de forma esvaziada o outro, ou se nos abrimos à sua manifestação, enquanto presença, narrativa e subjetividade.” (TEIXEIRA, 2021, p.32). Pois é nesse fechar das possibilidades do outro que aparece a *violência ética* (que surge nessa pretensão de universalidades que ignora o *poder-ser* do sujeito). Portanto, se nem o próprio sujeito consegue *relatar a si*, a falsa pretensão de entendê-lo enquanto uma percepção, que nós ou um outro tem, a respeito de um instante de seu vir a ser, como sendo definidor de quem esse sujeito é, parece só ter a infeliz consequência de criar outorgas ilusórias acerca de quem pensamos ser o outro (e não a potência de nos permitir perceber nitidamente a realidade). O que não significa que não devemos tentar entender o outro e o mundo, e sim que temos que exercitar nossa humildade e humanidade a partir da *paz do puro ser*⁹, lembrando que aquilo que percebemos (mesmo que seja a nós mesmas) não é nada mais do que uma “sombra” projetada pelo passado e interpretada por nós no presente.

Em seguida, é importante que façamos a devida diferenciação dessa *violência ética* do que é a responsabilidade, eticamente falando (BUTLER, 2019). Para isso, precisamos levantar a problemática de que categorias estamos elencando para julgar determinado sujeito. Assim como, que sujeito é este que está sendo julgado. Portanto, faz-se também necessário definirmos esse sujeito, e para isso eu resgato o conceito de *performatividade* (BUTLER, 2019), para que se possa compreender esse sujeito enquanto uma repetição de si. Repetição essa que irá gerar uma sensação de temporalidade e continuidade, daquilo

⁸ Aquilo que é determinante para diferenciar um ser de outro(s)

⁹ Utilizo esta expressão para falar de uma paz interna do sujeito com sua própria vontade de ser.

que podemos pensar como suas *identidades* ao longo de sua vida.

Porém, quais seriam essas *identidades* passíveis de julgamento? Ou apenas o contexto relacional das ações seria? Para isso, podemos lembrar que quando um juiz ou um júri julga uma pessoa, deveria estar julgando suas ações, não suas *identidades*; porém, o que vemos em ação está para o julgamento de suas periculosidades, ou seja, se suas *identidades* são mais ou menos passíveis de transitar em meio à sociedade (FOUCAULT, 2013). Portanto, agora talvez já seja fácil para nós percebermos que essa lógica social em muito tem a ver com a alienação que se tenta realizar para com o sujeito *cancelado*.

Dessa maneira, julgar um sujeito não é julgar um “sujeito fechado”, é julgar um sujeito em *devir* (FORGHIERI, 2021), portanto, é julgar suas faltas, tão mais que alguma ideia universalizante que tente conformar e alienar suas *identidades* como algo fixo e permanente; por exemplo: o assaltante, o padeiro, o traidor, o homem, a assassina, a empresária, a mulher, etc. Compreender que esses universalizantes não são suficientes para determinar os sujeitos é fundamental. Bem como ter consciência de que as faltas são constitutivas de todo e qualquer ser humano pode nos auxiliar a deslocar o nível desse julgamento, de pessoal para relacional.

Neste momento, é relevante que apresentemos a questão do contexto ou condição. Pois aqui, o contexto/condição condiciona a forma do problema que surge com o *niilismo moral*. Ou seja, para que não se caia num esvaziamento da responsabilidade do sujeito admite-se a ideia de que as provisões dos sujeitos existem, porém, são provisórias e não determinantes e universalizantes. Esta ideia estabelece um contato fenomenologicamente mais fidedigno com a realidade do sujeito, na ordem de realizar seu julgamento ético.

Retornando à questão do *cancelamento*, é importante lembrar que o fenômeno se manifesta de diferentes formas, cada uma em seu contexto. Desde o *cancelamento* de figuras públicas, muito comum via redes sociais, até o *cancelamento* de cidadãos no acometimento de suas vidas cotidianas (como já mencionado). Relevante também é pontuar que nem sempre aqueles(as) que mobilizam o fenômeno do *cancelamento* entendem aquilo que estão fazendo como tal, pois o próprio fenômeno transpassa as margens daquilo que pode ser contornado por meio das *hashtags* (#), presentes nas redes sociais. Concomitantemente, visto que o fenômeno parece surgir a partir de espécies de mobilizações coletivas organizadas politicamente, buscar-se-á refletir também acerca da liberdade e da nossa sociedade.

Portanto, entendo que conhecer o sentido da vivência deste fenômeno consiste em, através da redução fenomenológica, chegar aos elementos essenciais que constituem a problemática em questão, para dialogar constantemente com o *devir* (FORGHIERI, 2021) do fenômeno na tessitura desses sentidos.

A intenção da pesquisa é a de levantar perspectivas subversivas que auxiliem na libertação dos ciclos contínuos de violência presentes em nossa vida social, fervilhando diálogos contundentes que nos permitam perspectivas outras sobre o fenômeno. Assim

como propor uma forma de reflexão da violência, a partir da *cultura do cancelamento*; buscando, desse modo, compreender que cosmopercepções¹⁰ (ou cosmopercepção) acabam por implicar nessa mobilização coletiva dentro de nossa cultura.

Ampliar-se-á, assim, a problemática sobre do que se trata o fenômeno da *cultura do cancelamento* e o que ela pode nos revelar acerca dos arranjos valorativos que dão suporte às nossas ações, com o objetivo central de analisar esse fenômeno de maneira *decolonial*¹¹ -psicológica.

Especificamente, este trabalho objetiva refletir, como já citado, acerca da *ontologia da violência* para que se possa pensar a constituição de relações de violência em nossa sociedade a partir de uma linha cuja ponta é o fenômeno do *cancelamento* para, a partir daí, tecer possibilidades de caminhos do que pode ser uma *ética decolonial*, que tenha em si o reconhecimento das diversidades como estratégia político-cultural para a questão da violência (BUTLER, 2019; TEIXEIRA, 2021).

O método de pesquisa será o da *autoetnografia* (SANTOS, 2017), juntamente com *pesquisa bibliográfica* (SOUSA; OLIVEIRA; ALVES, 2021) aliada à *análise documental* (SÁ-SILVA; ALMEIDA; GUINDANI, 2009), pois é imprescindível na metodologia *autoetnográfica* que haja o cruzamento entre um ou mais métodos de pesquisa (somados a ele), devido ao caráter autobiográfico presente no método. Esse caminho foi escolhido, por mim e minha orientadora, para que se possa unir a análise das manifestações culturais do *cancelamento* e dos casos públicos de *cancelamentos* encontrados no *Twitter*¹², como forma de contornar a realidade do fenômeno com os ganhos fenomenológicos do método *autoetnográfico*.

A *autoetnografia* foi escolhida devido aos seus ganhos em caráter político, transformador e subversivo no tocante à pesquisa e escrita; assim como para tornar a pesquisa acessível a diversos públicos (SANTOS, 2017), para que, por meio das reflexões, possa-se mobilizar as consciências a um entendimento cooperativo que consiga melhorar as nossas vidas em sociedade.

De forma subversiva, demarcando a posição existencial agênera *del autore*, cogitou-se a utilização da Linguagem Neutra (BERTUCCI; ZANELLA, 2014); porém, para facilitar o acesso a esses diversos públicos, visando auxiliar quanto à fluidez de suas leituras, entretanto ainda prezando pela coerência de meu posicionamento de caráter insubmisso, optei por transitar entre os *gêneros* masculino e feminino (quando me referindo a mim) ao longo de toda a escrita.

A primeira etapa da pesquisa foi a já mencionada *análise documental*, que foi realizada por meio do *software Atlas.ti* (MUHR, 1993); nesta etapa se visou mapear os contornos do fenômeno da *cultura do cancelamento* na plataforma do *Twitter* através de

¹⁰ Resgate de todas as dimensões humanas na construção de uma percepção de mundo e do real.

¹¹ O termo decolonial (que será usado no decorrer da obra), refere-se ao intento de libertação dos *modos de ser, saber, sentir e estar* no mundo condicionados por longos períodos de colonização de países como o nosso.

¹² O *Twitter* é uma Rede Social focada em textos curtos, popularmente utilizada para a emissão de opiniões, para o compartilhamento de citações (de outros publicadores) e interação entre *internautas*.

hashtags (#) vinculadas a esse movimento nessa rede social que, por sua vez, foi escolhida por ser a comunidade virtual mais conhecida pela propagação desse fenômeno na *internet*. Essa etapa metodológica foi escolhida como forma de entrar em contato com o que se pensa do fenômeno culturalmente, bem como traçar contornos de realidade em volta dele. A pesquisa foi feita nos dias 23/09, 30/09, 05/10, 08/10, 10/10 do ano de 2022¹³. Encerrou-se a pesquisa devido ao grande volume de documentos coletados nesses cinco dias. Todos os *tweets* foram lidos um a um e selecionados qualitativamente; tanto aqueles que não possuíam conexão com *cultura do cancelamento*, como aqueles que, mesmo possuindo, não tinham material suficiente para uma adequada análise qualitativa, estarão no Anexo A, no final desta obra. No capítulo três você encontrará os *tweets* analisados e catalogados a partir de uma semelhança narrativa entre suas mensagens.

Doravante, foi através do reencontro constante com as *vulnerabilidades* de minhas próprias experiências vividas que busquei registrar a compreensão de afetos e sentidos experimentados por mim com relação à temática da violência durante toda minha vida; realizando a segunda etapa da pesquisa, que denomino (fenomenologicamente) de *descrição do envolvimento existencial*. Este momento teve como proposta apresentar experiências pessoais vividas para, a partir delas, ampliar o panorama de análise sobre o fenômeno estudado. Realizou-se isso, então, concomitantemente, a reflexão fundamentada dos fenômenos analisados e descritos.

Por conseguinte, é relevante que se perceba que a *autoetnografia* (SANTOS, 2017) tem, a seu modo, uma postura fenomenológica: podendo-se notar que ela consiste na dinâmica entre o *envolvimento existencial* e o *distanciamento reflexivo* (YOLANDA, 2021). Trata-se de uma metodologia de pesquisa qualitativa que tem como objetivo a problematização da relação entre o eu (auto) com o coletivo (etno) na pesquisa e escrita (grafia) científica, abrindo possibilidades de um fazer científico que se sabe atravessado pelas subjetividades e objetividades, e que se realiza a partir daí.

Faz parte de sua prática o *envolvimento existencial*, que consiste no(a) pesquisador(a) abdicar preliminarmente dos conhecimentos e conceitos que possa ter acerca do fenômeno, saindo de uma atitude intelectualizada para mergulhar no fenômeno de forma espontânea e profunda. O que aqui se caracteriza no âmbito da experiência vivida previamente (autobiografia), tal como prevê a metodologia *autoetnográfica*. Assim como, também, ocorre por meio do *distanciamento reflexivo*, em que o(a) pesquisador(a) realiza um distanciamento do fenômeno (no tempo e/ou espaço) para refletir a partir e com os conceitos e ideias que possam auxiliar a ampliar a compreensão dele, de modo que consiga captar e enunciar os sentidos e significados daquele fenômeno no seu existir. Também é relevante anunciar o caráter paradoxalmente inter-relacional e reversível das etapas; o que, em síntese, nos diz que elas não seguem uma linha de sucessão cronológica, e sim têm uma relação sistêmica e *radial* entre si. O que significa que elas se repetirão alternadamente inúmeras vezes

¹³ Segundo o calendário gregoriano.

durante todo o seguimento da pesquisa.

No decorrer da obra utilizarei o recurso narrativo das *notas de rodapé* para que aquelas(es) que já estão familiarizadas(os) com o assunto possam aproveitar de uma leitura mais fluída e contínua, e os que não estão tenham recurso para compreender o que estará sendo dito.

Além disso, falarei nos próximos capítulos de forma poética e alegórica, através da ideia das quatro direções cardeais, como forma subversiva-*decolonial* de demarcar meu posicionamento de aliança com as sabedorias originárias da Terra. Abordando as direções para além da perspectiva geopolítica europeia, que irá nos pensar como sul e se dizer norte¹⁴; logo quero nos lembrar que as direções são coordenadas de localização que dependem de um ponto de referência.

Sendo assim, apresento as direções leste, norte, oeste e sul, que, pronunciadas nessa ordem, nos ensinam sobre o movimento que ocorre do nascer ao pôr do sol, o que também poderá nos revelar uma poesia de fundo nos próprios capítulos que se seguirão, nos quais podemos interpretar o leste como o surgimento da luz do sol, o norte como o refinamento dessa luz ao passar pela linha do horizonte, o oeste como o mergulho dessa luz nas sombras e o sul como o amadurecimento e crescimento do fruto que recebeu a luz, no decorrer da noite.

Então, utilizando de um recurso linguístico estilístico, cada capítulo receberá o sinal de uma das direções, porém, nessa liberdade poética, não estarão dispostos na ordem de movimento do sol, ainda que carregando cada uma das respectivas simbologias apresentadas; portanto, *decolonial* e subversivamente, diremos que o sul (que nos suleia) será o capítulo que irá nos guiar ao longo de todo o percurso de nossa análise, revelando o instante de amadurecimento da obra que se seguirá. Por sua vez, o leste (local em que o sol nasce) virá para iluminar nossas percepções, e nos apresentar uma *estrela guia* durante toda nossa jornada; seguido do oeste (onde o sol se põe) que vai nos sinalizar grandes desafios de articulação coletiva que precisam ser transcendidos, no mergulho da luz nas sombras. Para que, por fim, sinalizado pela direção norte (aludindo *decolonialmente* a parte do continente globalizado associada aos colonizadores), o último capítulo venha, insubordinadamente, propor uma ética para além dos moldes coloniais, refinando a maneira com que experienciamos nossas relações .

Assim como, durante toda a escrita, optou-se insubordinadamente por uma retórica dinâmica entre a primeira, segunda e terceira pessoas. Cada qual, cumprindo um objetivo de assertivamente expressar melhor as ideias, acontecimentos e diálogos em questão; sendo a primeira pessoa utilizada para tratar de um posicionamento pessoal da autora, a segunda para referir a uma comunicação direta com quem lê, e a terceira como modo de reforçar a impessoalidade do que é dito. Esta forma é diferente das propostas estereis de

¹⁴ Ainda assim, honrando a luta de nossa ancestralidade utilizo o termo sulear (substituindo o nortear) de forma decolonial.

comunicação geralmente exigidas pelo cânone científico, porém, muito mais próximo da realidade com que estabelecemos nossas relações no dia a dia. Com isso, tenho a intenção de aproximarmos e falar diretamente para além dos muros fechados das universidades.

Sendo assim, os caminhos que serão percorridos abrem quatro importantes áreas de análise, alinhavadas com cada um dos capítulos. A primeira das áreas é a da violência em si, e sua ontologia. A segunda, a questão da compaixão, da revolta e da crueldade. Por conseguinte, a terceira é a reflexão acerca da *cultura do cancelamento* em nossa sociedade, e o que ela tem a ver com o medo que o ser humano parece ter de sua própria liberdade. E por sua vez, a quarta questão é sobre a ética e a *decolonialização* dos valores para além de uma *moral restritiva* (TEIXEIRA, 2021), fervilhando possibilidades insubmissas.

Assim, declaro minha intencionada subversão epistemológica, para além de tudo que eu mesmo posso esperar ou das expectativas alheias, permitindo-me pura e simplesmente compor, na minha justa condição, essa obra científica. Dito isso, agora, irei começar a puxar a ponta do fio, que é a *cultura do cancelamento* para que, por meio desta pesquisa, se possa revelar uma reflexão da violência que nos auxilie a ampliar nossas consciências acerca do fenômeno; para que se possa articular caminhos possíveis para além dessa mazela social, através da autorresponsabilidade e da *presença compassiva*¹⁵. Afinal, a raiva e a dor podem até ser inevitáveis, mas quando se tornam sofrimento, nosso manejo desse sofrer pode fazer com que nós reproduzamos mais ou menos violências no mundo.

¹⁵ Quando me referir ao longo da obra à *presença compassiva* em itálico quero dizer da qualidade de estar atenciosa e compassivamente consciente ao que se passa em cada momento do tempo-espaço do agora-aqui diante de nós, em disposição de *cuidado*.

1 Sul: A Violência

Minha latinidade e *suledade*¹ ensinou-me na convivência com meu povo, com as ruas de chão de terra batida que ligavam minha vizinhança, e através da criação que recebi em minha juventude, embebida nas *sabedorias-sobreviventes*² das mulheres *benzedadeiras*³ de minha família, que aquilo que realmente importa é o que acontece nas companhias do dia a dia. Por isso, quero pensar durante o decorrer dessa obra sobre as violências no cotidiano, pois é ali que a vida realmente acontece.

Porém, as interseccionalidades abrem horizontes infinitos de cotidianos, através das múltiplas possibilidades de intercruzamentos identitários, de vivência do fenômeno da violência. Sendo assim, na busca de coerência em minha jornada, tendo envolvido-me existencialmente com minhas próprias andanças e sofrimentos (causados pelas violências tanto cometidas quanto sofridas), vou experimentar escrever, a partir de um significativo *distanciamento reflexivo*, minhas próprias experiências de violência enquanto uma pessoa-política branca-trans-agenera-não-binária-afeminada-pacifista em nossa sociedade.

Todavia, para que eu possa ter um suficiente ângulo para realizar as reflexões acerca do fenômeno da violência, realizarei um diálogo com ideias que vão nos auxiliar na busca por uma *ontologia da violência*. Diálogo alinhado à prática da *desidentificação*, por meio de rotinas meditativas (práticas de silêncio contemplativo), para não arriscar ficar presa nas falanges superficiais do emaranhado engodo das nossas crenças coletivas, que limitam nossas percepções e reflexões, fazendo-nos acreditar em compreensões enevoadas pela *panema*⁴. Faço isso para que esse capítulo possa ser um Sul, que nos oriente durante toda a realização desta *autoetnografia*.

Sendo assim, iniciarei minhas primeiras considerações acerca da violência justamente falando sobre nossas ilusões cotidianas. Quando, por exemplo, afastadas(os) de uma nítida compreensão, atribuímos ao conceito a ideia de que se trata de algo que está em outro lugar, geralmente longe de nós. Provavelmente anunciado nas televisões (e na mídia em geral), ou nas redes sociais (que não deixam de exercer uma espécie de poder midiático em nossas vidas).

¹ Aqui falo de *suledade* (ou *sulidade*) subversivamente, como um ato de identidade alinhada à uma epistemologia e cosmopercepção em libertação, contra hegemônica e decolonial. Mais adiante, retomarei, em nota, a questão da *suledade* mais detidamente.

² Conceito de uma ordem de ensinamentos de sabedorias das mais distintas, que são passadas de geração em geração, geralmente, de forma oral.

³ Pessoas, em geral mulheres, que são responsáveis pelos cuidados com os membros da comunidade, e demais necessitados que as procuram. Detentoras de muitas *sabedorias-sobreviventes* a respeito do autocuidado com as ervas, dos cantos devocionais, das rezas curativas, do contato com os Espíritos da natureza, etc.

⁴ Palavra de origem Tupi com diferentes significados aplicada a distintos contextos, porém geralmente com viés negativo, refere-se de modo geral a algo que dificulta a assertividade de alguma ação por uma espécie de “confusão de percepções”. Também está relacionada (em alguns contextos) à dificuldade de ver além/através daquilo que os olhos podem ver (da materialidade), como a dificuldade de se conectar com o mundo espiritual ou transcendental.

A violência passa a ser para o ser humano *comum*, as mortes, espancamentos, assassinatos, guerras e demais manifestações estereotipadas do fenômeno que vemos nos noticiários. Surrupiadadas da possibilidade da reflexão crítica, do aprofundamento conceitual e do desnublado meditativo, nossa sociedade comum segue acreditando em imagens reproduzidas por notícias que visam reduzir os fenômenos a uma pequena gama de suas manifestações, no geral, tendenciosamente pensadas para gerar algum tipo de sensação, através do suscitar das emoções.

Emoções que, após serem estimuladas, podem ser conduzidas como “baterias energéticas” para gerar ações esperadas, conduzidas por certas lógicas. Lógicas essas que facilmente também podem ser estruturadas por meio da edição da apresentação dos fatos, para que o(a) espectador(a) comum acredite que a raiva que sente após assistir uma cena cruel e violenta, por exemplo, na verdade é de determinada situação ou pessoa, que surge na notícia seguinte, sendo retratada nos mesmos termos e tom de voz da notícia anterior. Porém, eu apenas ponho essas questões aqui como um alerta acerca de como é fácil em nossa sociedade conduzir nossas crenças e afetos por meio de manipulações imagéticas, personalizadas para gerar determinadas sensações nas pessoas.

Por isso é determinante que eu assinale para quem está lendo que a violência constitui um *modo de ser*⁵, e não um compilado de atos previamente definidos e ditos violentos (BASTOS; CABRAL; REZENDE, 2010).

Trata-se também de uma questão fundamental, falar que é interessante para a conservação de uma estrutura de violência (em nossa sociedade), que os sujeitos que entram em contato com determinado ato dito violento, e que serão usados muitas vezes como força massiva para vigiar e punir (ou autorizar penitências para) aquele dito violentador, não se identifiquem como também violentos. Por isso é que geralmente as violências retratadas nos noticiários não são as violências cotidianas (no geral, simbólicas e psíquicas), pois para a manutenção do sistema da violência é necessário que as pessoas não se percebam experimentando aquilo que é falado para elas como violência, para que não se gere um sentimento de comprometimento com a importância da mudança. Daí, a mídia limita-se a apenas alastrar o medo da violência, para poder usar essa emoção (como já mencionado) como uma espécie de “bateria energética” que facilite conduzir os sujeitos para comportamentos desejados, por instituições com intenções de lucro econômico. Como por exemplo, quando uma cidade tem uma imprensa que foca em noticiar manchetes acerca da criminalidade e dos assaltos urbanos, acaba sendo uma consequência, um crescimento regional na procura por moradias em condomínios fechados (pela promessa da segurança), ou pelo pedido de portes de arma, e até um aumento na compra dessas armas (também como uma falsa ideia de estar comprando aquilo que precisam para suas seguranças).

O *mito da não violência* no Brasil, incentivado pela mídia, transloca a ideia de violên-

⁵ Tem que ver com as ações empreendidas pelos seres humanos que se configuram como possibilidades de ser que ele desdobra.

cia soldando-a à ideia de criminalidade, aliado à ilusão de que a violência é estritamente um fenômeno que afeta a dimensão da fisicalidade humana; o que não é real, já que o fenômeno infere também nas dimensões simbólica e psíquica (CHAUI, 2018). E como explicarei mais adiante, sua ontologia parece nos levar à compreensão do fenômeno como um *modo de ser* que engendra dispositivos de violência através da universalização das diferenças, por meio de uma lente metafísica que tende a valorar o plano das ideias (transcendente) como superior ao *dever*/ao acontecimento das coisas (imane) buscando, a partir daí, a *reificação* das pessoas, baseada em ideias que fundamentam como as coisas devem ser.

Contudo, retomando ao *mito da não violência* brasileira, é essencial que se diga que ele vem sendo construído desde muitíssimo cedo por nossa historiografia, que canonicamente (e colonizadamente) insiste em dizer que nossa história foi feita sem sangue (CHAUI, 2018), fazendo alusão a momentos históricos como o da saída da condição de colônia portuguesa (com o grito de independência do filho do então rei de Portugal), ou a declaração de que havíamos uma República nos tornado (com o grito de um marechal nas praças do Rio de Janeiro).

O sangue dos povos negros escravizados, dos povos originários massacrados e dizimados, e de tantos e tantas brasileiros e brasileiras que morreram e morrem no cotidiano de uma nação estruturada com uma mentalidade colonial de exploração da Terra e de todos os seres vivos, humanos (que não sejam brancos-europeus-de-classes-privilegiadas) e não-humanos, deixou um rastro de sangue, destruição e violência, não apenas ao longo de nossa história em sua materialidade, mas também deixou marcas em nossa cultura, portanto, em nosso *modo de ser*.

Conquanto, esse *modo de ser* violento não é uma condição apenas da população brasileira (ou de nossos colonizadores europeus). O fenômeno da violência não representa apenas um acidente na história de algumas culturas humanas, e tem sido tão presente em nossos cotidianos, historicamente, que alguns pensadores (como Sigmund Freud em suas cartas para Albert Einstein) chegaram a cogitar que a violência seja de um caráter congênito⁶ à história da humanidade (BASTOS; CABRAL; REZENDE, 2010).

Lembrando-me de inúmeras cenas de exclusão e violência que sofri enquanto frequentava o Ensino Fundamental, eu me recordo daquelas que talvez tenham sido minhas primeiras experiências de violência estereotipicamente vividas. Violências que só foram compreendidas e elaboradas anos à frente, relacionadas à LGBTfobia de colegas e, em certos momentos, até mesmo de professores(as), coordenadores e padres católicos (de minha convivência). Era comum ouvir de colegas de sala de aula maldosas zombarias que buscavam desqualificar minha *performatividade*⁷ afeminada, de vontade pacifista de ser no mundo, comumente sancionado pelo aval ou desatenção dos professores, por não corresponder à imagem do que é ser homem em nossa sociedade.

⁶ Trata-se da particularidade de alguma coisa que está presente desde o seu nascimento/surgimento.

⁷ Conceito que nos coloca para além das identidades, assinalando que, de maneira fluída, existem apenas identificações com as possibilidades de ser em nossas vidas, e não imagens permanentes de quem somos.

Minhas primeiras lembranças de preconceito, humilhação e chacota remontam dos meus 10 ou 11 anos de idade, e deixaram marcas profundas que só foram cicatrizar anos à frente, com o entendimento, ressignificação e libertação dos acontecimentos.

Uma das mais graves e marcantes cenas de que tenho memória é a de um espancamento que sofri enquanto voltava para casa, depois de uma manhã de estudos na escola, por volta dos meus treze anos de idade. Sete rapazes, todos mais velhos do que eu, me encurralaram e agrediram até que alguém apartasse a situação. Essas perseguições, que para mim eram sem sentido na época, revelaram-se, com o passar do tempo, características de uma perseguição e ódio ao meu jeito de ser (*performance*), comumente justificadas e embasadas de diferentes formas, do meu ponto de vista, com a lógica que melhor soasse para o(a) violentador(a) como uma boa razão para a violência.

Isso nos coloca, então, frente à questão da relação existente entre a razão e a violência. Algo profundamente importante de ser dialogado, já que em nossa sociedade o fenômeno da violência é banalmente relacionado com a animalidade e a bestialidade, e não com a razão; a qual geralmente é entendida como aquilo que nos afasta da violência (BASTOS; CABRAL; REZENDE, 2010).

Desde o início do período histórico humano, parece que vivemos uma dicotomia entre bestialidade e razão. Quase como que uma *esquizofrenia*⁸ aplicada a nossa autopercepção e percepção do Mundo. Compreendendo em nós, por um lado, nossa parcela animal (bestial) e por outro nossa parcela Divina (racional). Sendo atribuído (pelos(as) herdeiros(as) do pensamento europeu, os atuais colonial-capitalistas) que a razão seria aquilo que de melhor existe no ser humano, servindo para nos resgatar da prisão de comportamentos impulsivos e instintivos.

Os instintos então, em diversas tradições (em geral de descendência europeia) estão relacionados com nossa maior provação aqui na Terra. Vistos como expressões de nossa inferioridade mundana; para melhor compreender nossa relação entre eles e a razão, podemos citar o antigo mito dos *Centauros*⁹ (muito utilizado para falar sobre o assunto), em que nossa parte cavalo seria nossa metade instintiva, enquanto a razão seria nossa metade humana e Divina.

A antiga mitologia grega diz ainda que existem duas classes de *Centauros*, aquelas descendentes de *Íxion e Nefele*¹⁰, que representavam os *Centauros* que submetem seu lado Divino ao seu lado animal; e os descendentes de *Filira e Cronos*¹¹, que submetem a sua faceta bestial a sua faceta racional (BASTOS; CABRAL; REZENDE, 2010). Essa metáfora permite-nos compreender mais facilmente a estruturação da antiga lógica humana (europeia) de divisão do ser humano entre suas “duas partes”. Divisão que deu origem, no Ocidente,

⁸ Do grego *schizo* = divisão, cisão e *phrenos* = mente ou cognição.

⁹ São seres mitológicos que habitaram a região da antiga Tessália, na Grécia, e que tinham o torço e a cabeça de humanos e o corpo de cavalo.

¹⁰ Personagens da mitologia Grega.

¹¹ Outros personagens da mitologia Grega.

a todo um movimento de *ascese* que visa elevar nossa metade animal até a razão, vista como o mais elevado nível humano; mesmo que para isso seja necessário abdicar da relação saudável com nosso corpo, emoções, sexualidade, dentre outras questões humanas diretamente relacionadas com o *devir* ou o que é imediatamente efetivo (aquilo que acontece na vida cotidiana).

Essa *ascese*, de diferentes e variados modos, foi responsável por gerar o sentido que fundamentou a reprodução de diversas práticas do Mundo Ocidental, como o platonismo, aristotelismo, estoicismo, cristianismo, islamismo, diversos científicismos, dos antigos até os contemporâneos, e quase que todas as lentes de se saber, sentir e fazer política.

Aí temos um ponto para que possamos notar a já instaurada percepção da realidade a partir de uma *duplicação metafísica* do Mundo (já citada anteriormente) a qual surge como uma tentativa de driblar a “lógica das incertezas” que gera uma sensação de insegurança existencial na vida dos sujeitos (BASTOS; CABRAL; REZENDE, 2010). O que significa dizer que nossa aversão ao real (presente nos acontecimentos imediatamente materiais) se dá como uma forma de tentar nos proteger das possibilidades infinitas de não-sobrevivência. Ou seja, temos medo das mudanças e diversidades da vida, e por isso nos refugiamos em nossa razão.

Devido a isso é que podemos dizer que antes de ser uma disciplina da filosofia e até mesmo de ser cunhada como expressão por Andrônico de Rhodes¹², a metafísica é uma *perspectiva vital*¹³ que vem tentar solucionar o problema da *estabilidade vital*¹⁴; condicionando práticas, comportamentos e afetos, enquanto contorna os alcances da realidade compreensível (BASTOS; CABRAL; REZENDE, 2010). Portanto, induzindo os sujeitos a perceberem as coisas a partir de sua influência a dicotomizar suas relações com a realidade, pensando-a, por exemplo, em termos de razão e bestialidade, Divino e mundano, certo e errado, bom e mau, homem e mulher, etc. Sendo então, o sustentáculo fundamental de tecnologias de violência que geram algum alívio ao *tipo vital fraco* que não suporta as coisas como são no *devir*, na vida cotidiana (imediatamente efetiva).

Eis que surge diante de nós uma poderosa interrogação: se o ser só é violento por conta de sua parte animal, por que os animais não-humanos não vivenciam o fenômeno da violência? Aqui, você poderia me questionar (talvez ainda viciado nas imagens estereotipadas do que é a violência), o que seriam então as investidas de uma onça em sua presa para comê-la, ou até as mordidas dadas por um cachorro acuado após ser maltratado pelos seres humanos; e a isso chamamos de agressividade instintiva. No que lhe concerne, quero que compreenda que utilizo o termo agressividade aqui em sua raiz etimológica que vem do Latim, com o sentido de agir ou atacar em direção a algo. Neste sentido, esses animais não-humanos são agressivos mobilizados por meio de seus condicionamentos instintivos (já que estes animais não operam seus funcionamentos interfaceados pelo que chamamos

¹² Filósofo grego.

¹³ Posicionamentos existenciais adotados por pessoas e seus grupos com o fim de orientar suas existências.

¹⁴ Está relacionada à questão da sobrevivência.

de razão).

Aprofundar essa nuance acerca do fenômeno da violência permite-nos ampliar significativamente nosso raio de compreensão dele para além do senso comum. Doravante, podemos falar de uma espécie de Paz Natural¹⁵ (leia como uma realidade natural de não-violência), muito diferente e até quase impensável quando comparada à realidade humana. Pois a Paz em termos humanos consiste na realização consciente e determinada de ações que sustentem esse fenômeno (WEIL, 2017 e MAGALHÃES, 2007).

Todavia, não há preâmbulos para se afirmar que exista alguma espécie de genocídio canino, ou que os tubarões, onças e demais predadores sentem prazer apaixonado ao atacarem suas presas. Muito menos de animais não-humanos que se inflijam sofrimento ascético para se purificarem de um mal metafísico. Animais não-humanos não são cruéis, sadomasoquistas, psicopáticos ou assassinos (BASTOS; CABRAL; REZENDE, 2010). Pois mesmo quando matam algum outro animal dentro de sua cadeia alimentar, não o fazem “de caso pensado”. Algo, que mesmo na justiça humana, quando mencionado, pode ser um agravante na delimitação de uma penitência/punição por um crime cometido. Em síntese, animais não-humanos não fazem sofrer outro ser vivo deliberadamente.

Por sua vez, parece ser o momento de definir do que estamos tratando quando falo da violência enquanto fenômeno humano; estreitando nossa análise a uma espécie de violência que parece estar mais próxima da raiz ontológica do fenômeno, que é a *violência da iniquidade*. Essa violência surge da *reificação* das alteridades, do extermínio e perseguição das diversidades, pelo *tipo vital fraco* que, inseguro de sua possibilidade de sobrevivência frente à instabilidade do vir a ser, engendra mecanismos de aniquilação do outro.

Retomando a questão da razão, para ampliar a compreensão a seu respeito, iremos pensar sua relação com a loucura; pois perpassando por algumas das reinvenções históricas que o conceito assumiu, encontramos já na Idade Clássica¹⁶ sua ideia relacionada à desrazão, aqui ainda usada para se referir à pessoa que infringia alguma norma de moralidade social. (FOUCAULT, 2014) Em seguimento, devemos demarcar que na Modernidade¹⁷, com movimentos marcados por um ímpeto psicologizante, o louco assume a outorga de alienado. Por sua vez, enquanto alienado, o ser humano é atrelado aos moldes da patologia psiquiátrica, a uma ideia de antítese humana.

Importante ressaltar que aqui falo da psiquiatria enquanto uma instituição moral e social, que acaba fazendo da medicina um instrumento salvífico em nome de uma essência normatizadora e reguladora (BASTOS; CABRAL; REZENDE, 2010). Baseada numa noção de verdade (aqui já atrelada à razão) como aquilo que faz parte da - mais influente - convenção social vigente em cada época histórica. Ou seja, após convencionar-se a norma, instituições (como a psiquiátrica) servem para fazê-la ser cumprida, sob diferentes pretextos

¹⁵ No sentido de que não há guerra entre os animais não-humanos.

¹⁶ Notação cronológica usada pelos descendentes da cultura europeia (registrada através do calendário gregoriano), tal como é utilizada por Foucault, e que corresponde ao período entre os séculos XVI e XVII.

¹⁷ Período identificado por Foucault como subsequente à Idade Clássica, no qual ainda estaríamos vivendo.

e salvos-condutos.

Doravante, como até aqui viemos compreendendo que a violência emerge como um fenômeno de alienação das singularidades dos seres, pula-me em frente aos olhos a forte influência da psiquiatria no controle das almas e manutenção do atual raciocentrismo¹⁸, sendo apenas mais um epifenômeno¹⁹ (em forma de tecnologia de violência) da já bem consolidada intolerância Ocidental para com as *instâncias não-rationais*²⁰ constituintes da vida humana (BASTOS; CABRAL; REZENDE, 2010). Por isso é que podemos dizer que a história da loucura ocidental, é correlata a história da violência sob as experiências *não-rationais* no Ocidente.

Entretanto, esmiuçando a relação da violência e da razão numa direção ontológica, acabei me deparando com a dinâmica: razão, erro, diálogo que pode nos ser ilustrada com uma célebre história do escritor Rubem Alves (BASTOS; CABRAL; REZENDE, 2010) sobre o tênis e o frescobol.

O escritor nos faz alusão ao tênis enquanto uma atividade que nos leva à competição, e do clássico frescobol brasileiro como uma que nos leva à cooperação. Pois no tênis, ficamos felizes com a infelicidade do(a) outro(a), quando o erro do(a) outro(a) é minha pontuação. Já no frescobol, pelo contrário, é o acerto do(a) outro(a) que é a nossa felicidade, pois sua dinâmica não intenciona uma pontuação e sim uma permanência na companhia do jogo.

Numa relação, quando se perde a referência do pronome “nós” e se instaura a relação entre “eus”, incorremos rapidamente para dentro do espectro da violência. Aqui, você poderia argumentar que é importante pensarmos e defendermos as necessidades do nosso “eu”, e de fato isso é verdade. Porém, apenas quando, após tendo nos relacionado suficientemente conosco mesmos, estivermos cientes da nossa própria responsabilidade com a satisfação de nossas necessidades, maduros e concisos de que o mundo não tem a obrigação de atendê-las para nós, por mais justas e ponderadas que elas nos possam parecer, é que teremos a capacidade de mergulhar na questão da relevância do pronome “nós” em nosso convívio social.

Quando instaura-se a dinâmica entre “eus”, em detrimento da experiência do “nós”, a relação entre adversários se torna inerente e inescapável. Sendo assim, tal como no tênis, a razão presente numa conversação, por exemplo, estará a serviço da vitória de uma das partes. Ela atua como uma ferramenta para perseguir a pontuação que fará com que um dos “eus” em particular consiga o que quer, mesmo que isso cause a infelicidade do outro “eu”, que aqui, caso aceite a “vitória” da argumentação do outro, terá de se alienar (ignorando suas singularidades), por via de ceder a essa razão.

Não obstante, podemos também conceituar que o verbo violentar tem seu significado

¹⁸ Ditadura da razão humana, em que toda noção de realidade se organiza a partir da razão.

¹⁹ Fenômeno que é derivado de um fenômeno primário.

²⁰ Todas as funções humanas emocionais, intuitivas, sensoriais, etc. que não estejam na ordem da razão e do pensamento lógico.

original da palavra violar, portanto, tornar o(a) outro(a) digno(a) de aniquilação ou *reificação* (BASTOS; CABRAL; REZENDE, 2010). Assim, o ato de “ganhar” uma argumentação entre “eus” tende a significar uma expressão do fenômeno da violência através do ato de violar o(a) outro(a), utilizando da razão para torná-lo(a) digno(a) de não ser como é, dizer o que diz, fazer o que faz, sentir o que sente, etc.

Outro fator de nossa cultura popular (leia cotidiana) que vem a denunciar a conexão entre a violência e a razão é o conhecido jargão “perder a razão”, relacionado com incorrer em algum ato (geralmente estereotipado) de violência. Contudo, você já refletiu sobre o que essa expressão vem nos contar? Caso você a tenha relacionado com uma sentença que explicita a relação valorativa que damos à razão como o ideal humano de elevação, você não está equivocada. Desta forma, essa clássica expressão brasileira comumente refere-se à pessoa que parte para alguma espécie de agressão (verbal ou física), por não ter suas necessidades atendidas em alguma circunstância em que se sente cheia de razão. Dessa maneira, quem “perde a razão” age de forma violenta devido à razão que acredita possuir.

Assim, se o(a) outro(a) só é alguém que mereça ser aniquilado(a), oprimido(a) ou rebaixado(a) ao ter razões para isso, revela-se inegável a relação da razão com o fenômeno da violência. Pois é apenas no excesso de razão que se encontra a justificativa para se consumir a “perda da razão” (BASTOS; CABRAL; REZENDE, 2010). Logo, cabe aqui que busquemos uma espécie de *genealogia da razão*²¹, que nos auxilie a compreender melhor sua composição em nosso mundo contemporâneo, já que racionalizar a existência parece ser antes uma forma de disfarçar a violência, do que transcendê-la.

Posto isso, eu convido-nos a levar nossas atenções ao Iluminismo²², movimento que marcou o mundo contemporâneo com sua compreensão racional da realidade, como uma espécie de caricatura do Raciocentrismo do Ocidente. Desse modo, podemos iniciar nossa incursão reflexiva através do que Kant²³, em seu texto traduzido como: Resposta à pergunta: “O que é o Iluminismo?” (KANT, 1784, tradução de Artur Morão), diz-nos acerca do assunto; ele afirma que o Iluminismo se trata de uma saída da menoridade do ser humano para sua maioridade, em que conseguiria pensar sozinho sem precisar da interseção de mediadores, que seriam responsáveis pela tutela da verdade.

Daí fica fácil perceber o porquê a razão se consolida no Ocidente em uma posição de promessa salvífica da humanidade; porém, como já é possível que se pontue, é exatamente nessa tentativa de emancipação através da razão que o ser humano se torna refém dela, restringindo toda sua compreensão da realidade aos moldes da lógica e da razão, acaba negando sua sensorialidade e demais capacidades de relação com o real.

Entretanto, desenovelando o fio da razão no Ocidente, podemos chegar até os

²¹ Através de alguns apontamentos que alicerçam a explicação dos fundamentos da razão em nossa contemporaneidade (aqui a intenção não é tecer uma vasta e detalhada genealogia).

²² Trata-se de um movimento intelectual e filosófico que foi hegemônico através da influência de suas ideias na Europa durante o século XVIII (segundo a datação do calendário gregoriano).

²³ Immanuel Kant foi um filósofo prussiano, grande influenciador do pensamento europeu Iluminista, operando entre o racionalismo continental e a tradição empírica inglesa.

conhecidos *Sócrates* e *Platão*²⁴, em torno do século IV e V antes da Era Comum²⁵, em que ela parece anunciar o exorcismo de toda obscuridade (BASTOS; CABRAL; REZENDE, 2010), inaugurando a era do *Logos* em detrimento da do *Mythos*. Essa era vem anunciar que tudo pode ser elucidado através da lógica, como se dali em diante não houvessem mais mistérios que não pudessem ser descobertos, ao serem transformados em enigmas, equacionados em problemas e encarados como desafios pelo ser humano racional; e é aí que, abstraído de todas suas demais experiências *transracionais*, o ser humano passa a usar a razão como a régua de medida do real. O que, em nossa época, ocasiona na negação, desdém e chacota de toda e qualquer experiência que não seja bem compreendida a partir da razão humana, como as intuições maternas, as paixões arrebatadoras, as inspirações artísticas, o acolhimento terno de um gesto atencioso, os tranSES espirituais, etc. (BASTOS; CABRAL; REZENDE, 2010) É extremamente relevante que se entenda que essa razão é também condicionada por diversos elementos advindos da cultura, da relação de sua subjetividade com as crenças dominantes de sua época de modo geral, que modulam sua experiência lógica (falaremos mais a respeito disso, no capítulo 4).

Pois, aquilo que torna certos elementos mais passíveis de serem observados que outros, bem como mais ou menos valorosos diante de uma análise filosófica, falam tão mais do pensador (e de suas crenças) do que do *devir* (do que realmente acontece). Tanto, que é essencial que levemos isso (e tantas outras questões) em consideração, para podermos de fato diminuir as famosas BIAS²⁶ de uma pesquisa. E aqui, volto a ressaltar, que por compreender isso desta maneira, busco praticar o exercício de declarar abertamente no decorrer desta obra as justificativas racionais que me levam a minhas análises e percepções. Para anunciar o porquê percebo certas coisas, em detrimento de outras ao pensar o fenômeno da violência e da *cultura do cancelamento*.

Em um afã de auto-importância, a razão tenta dizer que o ser humano é um animal racional (na mesma cadência que visa anunciar que a violência é fruto de nossa animalidade/bestialidade), sendo assim, atribui-se a razão o que existe de mais elevado nos seres humanos; o que, se estivermos atentas, perceberemos que é tal como analisar a razão e sua importância a partir dela mesma. Sendo assim, parece se esvaziar o tônus de veracidade indubitável atribuída à razão, também por ela mesma (BASTOS; CABRAL; REZENDE, 2010). Ou seja, a razão limita tudo a si mesma, baseada na sua própria lógica.

Caso admitamos que a razão não surge do nada, alinhados ao princípio Ontológico que diz que um fenômeno não se explica por si só, é relevante pensarmos que, então, ela possui raízes, e se existem raízes, isso significa que ela não é a dimensão mais originária do ser humano.

Para ficar bem nítido, eu assevero que não se pode chegar à raiz da razão a partir

²⁴ Filósofos gregos.

²⁵ Segundo o calendário gregoriano (também chamada de Era Cristã).

²⁶ Em estatística dizemos que são os desvios sistemáticos de um valor real. Equivalente a isso, podemos falar daquilo que nos afasta de uma reflexão fidedigna.

dela mesma! Pois toda lógica que poderíamos usar faria com que buscássemos essa raiz através da própria razão. Com isso eu quero dizer que para chegarmos na dimensão originária da razão, precisamos abdicar da lógica, pois não é possível alcançarmos o que possibilita algo de existir, permanecendo dentro desse algo. Ou seja, a razão não tem como ver-se com os próprios olhos (BASTOS; CABRAL; REZENDE, 2010). Para experienciar suas raízes, é preciso que abduquemos dela mesma, e nos darmos conta de que já estamos na raiz em que a razão se origina; acreditemos ou não, saibamos ou não, gostemos ou não, somos mais do que apenas a nossa razão (BASTOS; CABRAL; REZENDE, 2010).

Em síntese, a razão não é nossa única capacidade enquanto seres humanos, nós somos o complexo de nossas percepções sensoriais, dinâmicas psíquicas (incluindo nossa dimensão noética²⁷) e materialidade²⁸. Como já asseverado, a razão não é nem mais, nem menos importante que nossas demais características humanas. Tendo sua função atrelada com o processo da tentativa de assegurar uma antecipação do curso dos entes²⁹ (“prever o curso dos acontecimentos”), ela busca procedimentos para realizar a normatização e o controle dos modos de existência (BASTOS; CABRAL; REZENDE, 2010). Servindo como uma maneira de assegurar ao *tipo vital fraco* alguma sensação de estabilidade frente à instabilidade do *devenir*.

Influenciadora cruel do esvaziamento dos sentidos, a razão faz com que tudo precise, de algum modo, “dar a razão de sua existência” para ser considerado legítimo e verdadeiro no Ocidente. Nossos afetos justificam-se como resultados de mudanças hormonais, nossos pressentimentos como produtos de cargas elétricas de regiões cerebrais; e já a partir daí, o germe da atual Tecnocracia (a qual abordaremos mais detidamente no próximo capítulo) começa a se fundamentar. Bem como nessa tecnificação, a razão se mobiliza a reprimir todo singular, condicionando as relações a serem percebidas como meros detalhes acidentais; portanto, bem servindo ao fundamento de tecnologias de dominação colonial. Pois desse modo, para ela, os entes passam a ser apenas objetos autorregulados separadamente e de forma isolada, que facilmente substituíveis em sua função, se relacionam com os demais apenas tecnicamente e não essencialmente.

Para o filósofo Nietzsche (BASTOS; CABRAL; REZENDE, 2010), a razão (e o intelecto humano) estão inseridos dentro da natureza, mesmo não admitindo se perceber contidos nela. Para o filósofo, a razão assim o faz devido a seu orgulho e soberba, que não aceita admitir não ser o centro do real, assim como devido à fuga da auto-análise, já que, não estando contido na natureza, o ser humano racional pode examiná-la sem ter que examinar a si mesmo. Desatando-se da teia sistêmica vital da natureza, o ser humano aliena-se de si mesmo.

Todavia, aqui você poderia me questionar sobre qual é a função do intelecto humano? E inicialmente, posso lhe dizer que ele aparece com o intento de conservar, para diminuir

²⁷ Pontuo essa dimensão em linhas filosóficas, para falar da experiência espiritual humana.

²⁸ Circunstância material que nos constitui.

²⁹ O que existe, o que é, ser, coisa ou objeto.

os riscos presentes em um combate direto. Na tentativa de sobreviver, o ser humano usa o seu intelecto como um princípio de estabilidade do real. Isso significa que o *tipo vital impróprio/fraco*³⁰ engendra o uso da razão para, através da força do coletivo, conservar sua qualidade vital (não morrer).

Logo, surge-nos a questão da linguagem que, em sua “parte social”, pretende-se exterior às pessoas, dando a impressão de que não pode ser modificada por seus falantes, e que deve seguir um - sólido e permanente - contrato social pré-definido, entre os membros de determinada comunidade (FIORIN, 2019). Chamo a isso de ilusão! Pois de fato a linguagem é viva, e constituída de convenções atualizáveis, menos por assembleias e mais pelo cotidiano de cada singularidade falante em nossa sociedade. Entretanto, a questão problema aqui é que, geralmente, essa linguagem (ou, melhor dizendo, as palavras) não são entendidas como meras convenções; pois para que, através da força da persuasão, consigam convencer, precisam dar a entender que retratam a realidade de uma forma absoluta (BASTOS; CABRAL; REZENDE, 2010). E é essa falsa sensação de absolutos que a linguagem pode gerar, que está atrelada à perseguição das “verdades e mentiras”, geralmente autorizadas por fundamentos metafísicos que pouco ou nada se relacionam com o *dever* do dia a dia. O que, a meu ver, irá também estar na base da fundamentação metafísica daquilo que permite à *moral restritiva* negar as diversidades (explicarei isso mais detidamente no capítulo 4).

Como já anunciei, a razão se trata de um modo de abertura para o mundo que acaba ocultando seus próprios pressupostos ontológicos, confinando tudo em categorias e produzindo a falsa interpretação de que tudo está dado, inclusive o ser humano, levando a uma supressão do seu caráter de *poder-ser*. Porém, você pode indagar nesse instante se, de fato, isso ocorre, por que o ser humano Ocidental, seguiu por esse caminho de idolatria da razão? E a resposta não deve se concluir numa simples enunciação, entretanto, por seu caráter ser intrigante e essencial em nossa reflexão, irei pontuar acerca das tentações da razão.

Fundamentalmente a razão dá a impressão de que pode resolver os problemas encontrados no existir; sendo que, frente à responsabilidade de responder pelo nosso próprio caráter performativo, ela surge como um subterfúgio à instabilidade do vir a ser, dando-nos a sensação de que temos “tudo sob controle”. Portanto, ela é tentadora, pois promete transformar uma “estabilidade relativa” em uma “estabilidade absoluta” (BASTOS; CABRAL; REZENDE, 2010).

Faz-se relevante que pensemos agora acerca da Verdade e sua conexão com a Razão. Historicamente a Verdade, quando afigura-se como um conceito, aparenta funcionar como um mecanismo de dominação, através de uma determinada lógica (endossada pela razão), que visa a perpetuação de determinados tipos de existência, em detrimento da

³⁰ Nomenclatura de Nietzsche para se referir ao ser humano que não aceita as alteridades e diversidades da vida, ou a agonística da natureza, por medo da extinção, alienando-se do caráter *performativo* que sustenta sua própria existência.

plural diversidade humana.

Exemplo disso dá-nos Michel Foucault (FOUCAULT, 2014) quando nos detalha, ao revisitar a História da Loucura no Ocidente, que a ideia de razão gera a da desrazão, que logo é associada à loucura, a qual, por sua vez, é usada como “verdade” para controlar os corpos e subjetividades das pessoas. Portanto, é imperativo que eu assinale para você, caro leitor, que toda conceituação da Verdade, através da razão, acaba resultando numa violência de limitação do *poder-ser*, ou seja, uma *violência da iniquidade*, da aniquilação.

Em vista disto, é dedutível que a Verdade não pode ser reduzida ao nível do discurso, estando ela, em um nível existencial. Pode ser difícil concebermos isso em nossa malfadada civilização Ocidental, pois antes de se importar com o conhecimento ou com a Verdade, parece que a maioria das pessoas apenas têm interesse nas consequências agradáveis que determinadas verdades (ou simplesmente opiniões) tenham para si mesmas (BASTOS; CABRAL; REZENDE, 2010). Do mesmo modo que a maioria das pessoas não parecem odiar o engano em si, e sim as consequências hostis que determinados tipos de engano podem ter em suas vidas.

O que nos sanciona uma justa preocupação a respeito do estatuto da mentira. Já que a Verdade parece-nos estar para além dos limites da moralidade e da razão (por não poder ser assegurada ou constatada por nenhuma das duas), o contraste com a mentira é o que, de fato, pode nos ampliar a noção de seu caráter existencial (NIETZSCHE, 2001).

Se a mentira, no senso comum, está associada com a não verificação de sua enunciação com a realidade em si, aqui a mentira assume um caráter poético e conformativo, inerente à linguagem. Ou seja, como a linguagem trata apenas de um caráter de aproximação metafórica do fenômeno, e não do fenômeno em si, a linguagem por excelência é a expressão da mentira (BASTOS; CABRAL; REZENDE, 2010 & NIETZSCHE, 2001). Portanto, a mentira/linguagem é um processo poético que tem como característica o poder de definir nossa noção de realidade.

Ampliado o espectro do fenômeno da violência, já é possível constatarmos que existe uma relação entre uma espécie de ânimo de igualdade (equivalência) e equidade frente às ipseidades, e os atos de contra-violência ou até mesmo de paz com o(a) outro(a). Ou seja, que a paz num nível da mediação passa pelo reconhecimento de que, por mais diversos que sejam todos os entes do real, estes também são equivalentes quanto a sua inexorabilidade existencial, todos existem e não deveriam ter que provar seu “direito” de existir tal como são. E aqui falo das diversidades marginalizadas que são cotidianamente desautorizadas, perseguidas e mortas pelo assentimento da *moral restritiva* (TEIXEIRA, 2021).

Dessa maneira, nesse chão da encruzilhada epistêmica entre a violência, a razão, o intelecto, a verdade, a mentira e a linguagem, já tecemos as bases que irão nos orientar no decorrer desta obra. Nos encontros e desencontros da escrita desse capítulo, com autores e seus conceitos, pessoas, e vivências, fiz-me e refiz-me em meio à escrita. Percebo, até

aqui, o quão desafiante é, depois de em torno de cinco anos de formação universitária nesse Bacharelado em Psicologia, tendo vivido alguns outros numa formação, também acadêmica, de Engenharia da Computação (que não foi concluída), que escrever livre dos condicionamentos esterilizantes das normas positivistas, racionalistas, cientificistas, etc. de nossa ciência canônica é um verdadeiro desafio.

Falar da Violência, postulada como sub-fenômeno de nossa condição racional, dentro de uma universidade em meu primeiro trabalho de conclusão de curso, é inquietador e fascinante. Pois permite encarar reflexões necessárias para podermos lembrar o real motivo de fazermos ciência, filosofia e até mesmo arte. E sem a intenção de uma resposta homogeneizante para a oração que acabo de escrever, sobre esse motivo, espero que ele reverbere em seus espíritos tanto quanto reverbera no meu. Em título de confissão, descubro que estou aqui pela Paz.

2 Leste: A *medicina* do Cuidado - Compaixão e Revolta

Renascer em nome da paz tem sido minha motivação mais genuína durante todo o decorrer de minha vida; acho importante retomar aqui que compreendo e sinto a paz, nesse âmbito humano, enquanto um esforço ativo e contínuo de equilíbrio entre *entropia*¹ e *sintrópia*², de nós conosco, e frente à *teia da vida*. Faço questão de reforçar a nítida consciência de que a paz só pode existir a partir da ação atenciosa, e da disposição em lidar com os desconfortos, angústias e problemas (nossos, do(a) outro(a) e do planeta). Daí podemos falar de um exercício da arte de viver em paz conosco, com o(a) outro(a) e com a natureza (WEIL, 2017).

Por demasiadas vezes, a paz foi temática central de minha vida, sendo assim, a violência e o conflito também; por isso me dediquei à *desidentificação* e ao que hoje entendo como decolonização³ de condicionamentos presentes em minha percepção como estratégias que ainda hoje busco realizar no intento da paz, pois entendo que a missão da paz começa quando iniciamos a libertação de nossas formas de perceber, sentir, entender e ser no nosso cotidiano.

Busco viver a minha experiência sem negar a do próximo, numa disciplina constante de não pessoalização frente às coisas da vida que me incomodam. Exercito cotidianamente não me limitar à necessidade de ter razão diante do mundo ou das pessoas, por sentir como uma grande violência quando o(a) outro(a) tenta impor sua visão (geralmente universalizante) sobre mim. Porém, somos feitas de incoerências e inconstâncias, o que é preciso dizer, convida-me constantemente a uma retomada à autoanálise, para que eu refine meu compromisso com minha própria autorresponsabilidade frente à minha *vontade de ser*⁴.

Ainda assim, lembro-me de algo que escutei repetidas vezes ao longo da minha vida: “você precisa aceitar que as coisas são assim mesmo”, o que hoje me parece uma forma de negar a realidade do(a) outro(a), e não de aceitá-la. Uma frase disfarçada de aceitação, porém, agindo em prol da opinião de quem a diz, geralmente em conotação de defesa do *status quo* e de suas tecnologias de violência e extermínio das diversidades. Para reforçar o que digo aqui, pontuo que minha questão não tem a ver com a não aceitação da realidade, e sim com a constatação da não existência de um caráter congênito das “verdades” sociais e culturais impostas, que ao meu ver sustentam uma guerra sem fim entre os seres humanos em seus cotidianos.

Hoje entendo que desde minha infância os absolutos me incomodaram, e que venho resistindo às normatizações subversivamente dia a dia. Compreendo que a paz inicia em uma autoanálise que deve ser constante, com o intuito de libertarmos-nos de padrões

¹ Medida de desordem de um sistema.

² Também pode ser chamada de entropia negativa, pois está relacionada à medida de ordem de um sistema.

³ Reconhecer e agir subversivamente frente aos ecos culturais da colonização, presentes em nosso *modo de saber, pensar, sentir, e ser* no mundo.

⁴ Aqui busco trazer a ideia da possibilidade de autotransformação do *inter-ser* rumo a quem busca se tornar.

repetitivos de violências que são passados de geração em geração, pelos costumes culturais entranhados nas crenças familiares. Ou seja, a paz passa pelo desconforto.

Busco diariamente fortalecer minha disposição de me encontrar com as inúmeras verdades no meio do caminho, pois isso me soa fascinante (pelo encontro com as possibilidades da vida) e amoroso (pela não negação da própria vida). Por conta disso, digo que o modelo absolutizador e universalizante que nossa cultura usa para dominar tudo e todos me revolta! Pois é essa mesma cultura que me condicionou a investir constantemente minhas forças em sobreviver, negando-me a liberdade de simplesmente ser, a qual busco reconquistar através do exercício da *presença compassiva*, do amor comigo mesma e da autorresponsabilidade na busca das violências inconscientes constantemente reproduzidas.

Esse mesmo sofrimento experimentado parece ter me ensinado, desde cedo, a importância de auxiliar que todas as pessoas ao meu redor sentissem que têm o seu lugar entre as demais. Hoje, compreendo esse sofrer como fazendo parte da raiz de um sofrimento comum em nossa sociedade, o sofrimento de *desencaixe-sofrimento*), ou *Dukkha* em sânscrito, como nos relatam as tradições budistas (CABRAL, 2021).

Entretanto, as formas que os seres humanos adotam para lidar com esse sofrimento são das mais variadas. Por estar relacionado com uma necessidade de autoproteção frente ao fluxo de impermanência da vida, algumas dessas estratégias para lidar com o *desencaixe-sofrimento* acabam se tornando reproduções das Violências da Iniquidade (como já mencionado no capítulo anterior). Nesse tipo de violência se negam as diversidades pelo medo da instabilidade do vir a ser. Desde aqui, começo a notar que esse *desencaixe-sofrimento* parece estar na base do ciclo de violências.

Ao longo de minha vida, talvez pela não aceitação e pelas violências sofridas desde a infância pelo meu *modo de ser*, tudo isso aliado à característica introspectiva de meus pais, mantive-me sozinha. Sem amigos(as), sem contato com meus vizinhos, tendo meus demais familiares distantes espacialmente, apenas me relacionando com os animais do bairro (cachorros, corujas, formigas, etc.), com a terra de chão batido, com as árvores, com conhecidos do dia a dia e comigo mesma.

Na escola, logo cedo, as meninas com quem nos primeiros anos de vida me entendia melhor, estavam por demais interessadas em falar dos meninos, o que lembro de perceber que tornava minha presença incômoda; já os meninos tinham três interesses que ainda me recordo: futebol, meninas e masturbação (ainda em idades precoces). Lembro-me que a maneira como falavam de todos os três interesses gerava-me um desconforto e angústia tremendos, porém, naquela época, sentia que deveria haver algo de errado comigo, pois tenho a memória de ser lida e chamada de “sensível demais”, “fresco”, etc. e os(as) outros(as) pareciam naturalmente confortáveis reproduzindo suas falas e comportamentos (porém, hoje percebo que essas falas e comportamentos eram frutos de nossa cultura que

normaliza uma lógica machista, heteronormativa, cisgênera e racista⁵).

Por muitas vezes tentei pertencer, mas isso parecia simplesmente impossível, e logo tornei-me uma das principais pessoas excluídas da turma; recordo-me que os excluídos até tentavam fazer amizades, mas como nos nossos casos, a única coisa em comum que tínhamos era o sofrimento da violência dos demais colegas, essas relações acabaram não se tornando em amizades. Sendo que muitos dos excluídos costumavam aproveitar quando os ataques não eram contra eles para se voltarem contra os(as) outros(as), talvez para se sentirem menos vítimas, aceitando qualquer oportunidade para serem perseguidores.

Nessa época, mesmo sem saber, já estava experimentando a realidade de que para algumas pessoas (como eu) o *desencaixe-sofrimento* não se trata apenas de um desconforto latente (e sofrimento corrente), também serve como um sinal de alerta, que passa a ser essencial para garantir nossa sobrevivência, assinalando até mesmo quais são os ambientes seguros e quais são os perigosos, para sabermos onde transitar.

Conforme cresci, já por volta dos 12 anos de idade descobri que poderia conhecer pessoas de outras escolas da cidade, tive certo contato com alguns conhecidos mas, como aprendi, as amizades para a maior parte deles eram construídas por relações diárias na escola, aliadas pela relação de convívio e incentivo vinda de seus pais; e essas ausências, somadas a eu ser um forasteiro na cidade, parecem ter contribuído com a minha dificuldade de integração e pertencimento com os demais. Quando realmente me dei conta do que estava vivendo (ainda na adolescência), pouco a pouco fui aceitando minha solidão; pois mesmo quando mais a frente me mudei de escola, e tive a oportunidade de conhecer novas pessoas, essas também pareciam estar vivendo os mesmos padrões ásperos, não receptivos, violentos e preconceituosos que condicionavam as relações de meus colegas anteriores.

Nesse período de minha vida, já mais velho, até tentei replicar alguns modos de conduta para não ser visto novamente como o “esquisito afeminado” (nas palavras com cunho pejorativo de alguns de meus colegas “o viadinho”), e até consegui me esconder e me defender durante os anos do ensino médio. Contudo, os ecos desses comportamentos, tal como um veneno em doses homeopáticas, causaram-me um sofrimento por alguns anos, mesmo após a saída da escola.

Como por exemplo, o silenciamento de meu mundo interno e de meus sonhos (geralmente satirizados e infantilizados quando compartilhados), o que me fez começar a agir em funcionamento mais racional, algo que certamente gerou (e ainda gera) violências inconscientes advindas da razão em minha vida. O que, por algum tempo, fez-me agir muito mais egoisticamente; afinal, a razão é ótima criando estratégias (de violência) para nos “proteger”. Ainda hoje, busco ir além da razão em minha vida, para que ela seja um instrumento que me auxilia, e não uma bússola que me guia.

Daí seguiram-se alguns anos que passei limpando (como gosto de dizer) e me

⁵ Mesmo não tendo sofrido com essa última, decidi citá-la como nota de consciência de sua existência.

desidentificando daqueles modos de conduta com os quais fingia concordar no ambiente escolar (do ensino médio), para me esconder das ofensas e perseguições (limpeza essa que percebo se seguir até os dias de hoje, e não sei se um dia terá fim); por sorte (ou providência, teologicamente falando) a *meditação*⁶ surgiu muito cedo em minha adolescência; o que vem facilitando, a meu ver, tanto a não identificação com esses padrões, quanto que todo aquele vazio e solidão, em minha jornada, tenha se tornado profundidade e solitude. Mesmo que essa profundidade, nunca tenha sido valorada como algo positivo pelos meus familiares mais próximos, com o tempo, compreendi que ela é, sim, algo de bom valor.

Um traço comum que percebo em nós seres humanos é o de acreditar apenas naquilo que realmente queremos acreditar, usando nossas razões apenas para criar justificativas para tal; iludidos(as) pela alta identificação com as universalidades, seguimos cegos(as) pela *panema*, geralmente sem nem tentar, verdadeiramente, perceber o real. Pois esse real passa, necessariamente, pela consciência de nossa autorresponsabilidade frente àquilo que fazemos, diante do que nos acontece. Pela minha experiência de vida, percebo que a nossa cultura não costuma nos autorizar a errar, sendo assim, todo e qualquer erro se torna passível de castigo, com a intenção de correção (baseado no modelo punitivista de correção a partir da coerção, algo muito comum em nossa sociedade); o que parece incentivar as pessoas a não se autorresponsabilizarem por seus erros e faltas, tornando banal o movimento de racionalização e projeção de nosso mal (gerado por nossas inconsciências) no(a) outro(a), como forma de fuga do ódio dos(as) punidores(as).

A partir dessas reflexões, aprendi que nossa sociedade tem a tendência de projetar o mal fora de si, imaginando que esse conceito metafísico trata-se de uma entidade ou pessoa que habita o mundo, e que, portanto, pode ser caçada e punida, para que seja corrigida e até extinta. Parece que ainda hoje é difícil para as pessoas perceberem que o mal se encontra na banalidade (AGUIAR, 2002), na inconsciência de nossas ações, e não em algum lugar lá fora. Tal como fez com a natureza, o ser humano Ocidental, com sua visão-dicotômica-maniqueísta, adotou a tendência de compreender o mal como algo externo, seja na figura de um “Anjo Caído” ou na do seu vizinho detestado. Parece-me que isso ocorre pela dificuldade das pessoas em lidarem com conflitos; com diferenças de opiniões, percepções da vida, cosmogonia⁷, atitudes, hábitos, necessidades, desejos, etc (WEIL, 2017). Ou seja, dificuldade de lidar com as diversidades, sem tentar aniquilá-la pelo medo de ser impedido de ser.

Daí nos ressurge a importância da comunicação (em todas suas manifestações, não só a verbal), já que a linguagem, através do comunicar, é o que permite uma interface entre as diversidades do real; sendo assim, para diminuir as próprias armadilhas desse ofício,

⁶ Prática de atenção consciente que, nesse caso (para mim), consiste em, estando em silêncio, manter-me numa postura ereta, com os olhos entreabertos, num ângulo quarenta e cinco graus, prestando atenção no fluxo natural da respiração e exercitando a desidentificação com os pensamentos e sentimentos (GOLEMAN; DAVIDSON, 2017).

⁷ Qualquer modelo relacionado à existência da origem do cosmos.

trago para você, meu/minha caro(a) leitor(a), uma breve contextualização de minha relação com o comunicar.

Como a minha comunicação com os demais durante toda minha infância foi limitada por todas as questões supracitadas, busquei desde cedo estratégias para não restringir minha comunicação com o mundo externo. A contemplação da natureza, as canções inventadas, as poesias infantis declamadas e as brincadeiras de faz-de-conta em solitude e silêncio, aliadas pelo incentivo de minha mãe para que eu me expressasse genuinamente (devido a sua, comumente dita, vontade de construir uma relação sincera comigo), possibilitaram-me dar asas a minha imaginação, assim como saber que podia permanecer em silêncio, sem afobamentos. Desde aí, minha relação com a linguagem foi prazerosa, simples e profunda.

Desse modo, hoje em dia, ⁸ (orientada) pela perspectiva (já mencionada) que nos revela a linguagem como apenas uma interface precária e poética da relação com os fenômenos da realidade, faço do empreendimento deste capítulo, antes de uma investigação etimológica ou léxica, uma navegação fenomênica. Portanto, meu intuito aqui é ampliar nosso espectro de relação com o fenômeno da Compaixão, desde seu enlace com o sofrimento, a revolta, a crueldade, a *vulnerabilidade*, suas demais significações qualitativas em nossas vidas, até sua mais nobre intenção: a Paz.

Vale aqui, como um nivelamento contextual, iniciarmos nossa reflexão acerca de um histórico e realista uso da ideia da compaixão em nossa sociedade: como fundamento do altruísmo coercitivo; denunciado (por exemplo) pelos mobilizadores da reforma psiquiátrica (SZASZ, 1994). Coerção que ocorre quando um grupo de pessoas, geralmente amparadas por uma instituição ou movimento social, justifica comportamentos de controle, opressão e violência em nome do que encenam ser uma vontade pelo benefício e cuidado do(a) outro(a).

Segundo Szasz (1994), a forma mais eficiente de racionalizar o engendramento dessa violência é se permitir desrespeitar o “beneficiário” em questão, deixando de pensar nele como sendo uma pessoa, passando a entendê-lo como apenas um membro de um grupo específico. Em exemplo, ele nos diz, que é tal como quando se faz com o Paciente Psiquiátrico, para com o qual se tem uma compaixão abstrata (com sua condição de “enfermo”), porém, um desdém indiferente para com sua condição concreta de ser humano (com a pessoa que ele realmente é).

Explicita-se assim, o costume de nossa sociedade de se relacionar com conceitos universais ao invés de pessoas reais; alienados pela *panema*. Como bem notado ao prestarmos atenção na psiquiatria, o Ocidente tem uma tendência à coerção e ao controle, facilmente percebida quando ainda hoje tenta-se curar pessoas doentes mesmo contra suas vontades, com justificativas de aprimorá-las, ou reabilitá-las socialmente (SZASZ, 1994).

⁸ O termo suliar (ou sulear) problematiza o caráter universalizante ideológico-colonial-eurocêntrico do termo nortear, que irá definir o norte como algo que está acima e que é superior ao sul.

Isto torna-se ainda mais alarmante quando compreendemos que aquilo a que em psiquiatria comumente se chama de “doença” tem que ver com padrões de comportamento/atitudes desviantes da norma.

Aplicando a medida que se usa para averiguar o adoecimento de um órgão do corpo humano, diz-se que quando não se está funcionando como o esperado pela norma, uma pessoa está doente. Isso é facilmente ilustrado quando pensamos na homossexualidade, que era chamada de *homossexualismo* (até antes do ano de 1973) e assim considerada como uma doença no Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais. Dessa maneira, é simples percebermos como a compaixão pode ser usada como justificativa para ações de controle e coerção, assim como nos revela a prática de uma psiquiatria, com o intento de *reificar* as alteridades em nome da moral dominante e do *status quo*; mesma área médica que é tão aceita e aplaudida pelos cânones da ciência, pela mídia e por muitas parcelas da sociedade, como agente salvífica e compassiva.

Vivemos em uma sociedade tecnocrática, em que à tecnologia moderna parece deixar, cada dia mais, de ser meio para nossa expressão e relação com à vida, passando a ser o motivo, em si mesmo, de nossa relação com à vida, produzindo um sistema autorregulador que tudo ataca e extrai em nome do progresso, que está diretamente atrelado a ela mesma (como quando se extraem os minérios da Terra, em nome do desenvolvimento tecnológico), formando uma verdadeira camada *tecnosférica*⁹ ao redor do planeta; transformando tudo e todos em meros potenciais energéticos a serem explorados (BASTOS, 2010). Diante disso, será que seria possível refinar à compaixão como uma vontade de *cuidado* e retomada de sentido entre as relações dos seres humanos, consigo mesmos e com toda a Terra? Na vontade maior de ir além do modelo tecnocrático? Eu penso que sim, que a *medicina do cuidado* (que acontece por meio da *presença compassiva*) pode ser o *antídoto* ao veneno da violência do individualismo; mas para isso, primeiro precisamos refletir sobre a tecnocracia.

Nessa lógica tecnocrática o ser humano é compreendido como *funcionário(a)*. Esse mesmo ser aceita ser uma função que serve para a operação de produção energética (BASTOS, 2010), assim, esvaziando-se do *encantamento*¹⁰, e se condicionando a ser uma simples engrenagem em prol da eficiência e produtividade. Trabalhando alienado do real, tendo acesso apenas àquilo que seus dominadores decidem que é relevante para continuar produzindo suficientemente, até ser descartado por um(a) outro(a) *funcionário(a)* (em geral mais jovem e “barato”).

Para o ser humano *comum* se vende a tentação de acreditar que a tecnologia pode nos oferecer segurança e a tão esperada (pelo *tipo vital fraco*¹¹) normatização da existência humana. Promete-se acabar com a angústia e o medo do existir; todavia, a tecnocracia apenas alastra a violência e a crueldade como lógica do Ocidente (BASTOS, 2010).

⁹ Refiro-me às estruturas constituídas pela ação do ser humano no espaço da biosfera.

¹⁰ Ato ou efeito de encantar ou de se encantar pela e através da vida.

¹¹ Trago uma nota de lembrança de que aqui volto a citar Nietzsche, para falar daquele que não sabe lidar com a instabilidade e diversidade do devir.

Como um dos grandes problemas humanos (contemporâneos) parece ser o de ver a vida como apenas um manancial energético a ser explorado, esses querer mesquinhos e capitalísticos fazem com que a compaixão se anuncie como uma necessidade de sobrevivência de nossa espécie.

Visto isso, precisamos começar a pensar novos caminhos para o encontro com a compaixão. Logo, penso ser importante falarmos de uma perspectiva sistêmica, refletirmos sobre a nossa ciência e cultura, abrindo caminhos para questionamentos que nos auxiliem a pensar *Designs* de Culturas Regenerativas, que surjam como um *brilho do nascer do sol*, nos permitindo a esperança na tessitura de uma humanidade para além da Violência. Para iniciarmos essa empreitada, trago-nos uma citação de Albert Einstein (apud WAHL, 2020, p. 40):

Um ser humano é parte do todo - chamado por nós "universo", uma parte limitada no tempo e no espaço. Ele conhece a si mesmo, seus pensamentos e sentimentos como algo separado do resto - uma espécie de ilusão de ótica de sua consciência. Este delírio é uma espécie de prisão para nós, restringindo-nos aos nossos desejos pessoais e à afeição por algumas pessoas mais próximas. Nossa tarefa deve ser libertar-nos desta prisão ao ampliarmos nosso círculo de compaixão a fim de abraçar todas as criaturas vivas e toda a natureza [...] [grifos do autor]

Por conseguinte, podemos refletir acerca de que, por detrás do empreendimento moderno de nossa ciência-técnica, que apregoa a neutralidade e objetividade metodológicas (quase como se tivesse ido além da necessidade de suas bases filosóficas), está a regência de uma perspectiva de realidade, que é sim sustentada por uma filosofia, a do *realismo materialista* (BOFF, 1999), a qual acredita em um modelo individualista e desconectado (não-sistêmico) do real.

Denomina-se de *realismo materialista*, pois esta filosofia tem como verdade que a realidade existe através de objetos (materiais) que são independentes dos sujeitos que os observam. Essa maneira de compreender o real não considera o fenômeno da subjetividade e da consciência como relevantes ou axiomas¹² da realidade, geralmente postulando-os como epifenômenos de uma materialidade destituída de sentido, portanto considerando irrelevante o encontro, que é o fenômeno criador de sentidos. Assim fica mais nítido de percebermos que frente à tecnocracia não importam os encontros, apenas seus produtos (algo bem que soa maquiavélico!).

Eventualmente você poderia estar, nesse momento, desconfortável com tais proposições, afinal, poucas são as culturas globalizadas que não foram entranhadas pelo modo de saber, pensar, sentir e ser colonial-tecnocrático; e tudo isso até aqui pode estar gerando um tremendo desconforto em você. O que pode ser um bom sinal, afinal, como mencionado, a paz passa pelo desconforto. Porém, neste momento você honestamente pode me per-

¹² Trata-se de uma sentença ou proposição que não precisa ser provada ou demonstrada e é entendida como óbvia ou como um consenso inicial necessário para o fundamento, a construção ou a aceitação de uma teoria.

guntar “mas como você pode querer comparar algo intangível (como a consciência) com a materialidade tangível em grau de importância no real?” Não é mesmo?

Porém, como minha intenção aqui não é embarcar em uma navegação filosófica longínqua acerca dos axiomas do real, pois é nítido que poderíamos ficar por páginas sem fim conversando acerca do que queremos dizer ao falar de consciência (por existirem infinitas reflexões que podem ser feitas a respeito de um assunto tão complexo); apresento como proposta uma reflexão da consciência por meio de uma única via principal, que basearei em uma teoria iniciada pelo filósofo David Chalmers (2020), de que a consciência é uma propriedade fundamental do universo (tal qual a massa, o tempo e o espaço). O que penso, permite-nos inferir acerca da consciência enquanto a capacidade universal da realidade de perceber, através da articulação das inteligências¹³, processar e responder por meio de uma reação equivalente (objetiva e subjetivamente) ao estímulo recebido por um sistema. E com essa definição, tenho a intenção de *desantropologizar* o conceito de consciência, para além da ideia de que é uma característica intrinsecamente humana, ou até mesmo de que é apenas um subfenômeno cerebral. Podendo ser percebida como uma característica de sistemas minimamente complexos; o que nos permite observá-la desde na reação de uma bactéria a um estímulo externo, na resposta eletrônica dada por um átomo que recebe energia de uma fonte externa ao sistema, na resposta de um ecossistema a um agente externo que produza uma entropia¹⁴ nas suas cadeias, assim como em infinitos outros exemplos observáveis.

Por conseguinte, poderíamos pensar na consciência humana enquanto apenas uma manifestação complexa da consciência. Daí, para refletir sobre a consciência humana podemos conversar com a ideia da autoconsciência como sendo um nível de sofisticação dessa complexidade. Isso se pensarmos nela como uma autopercepção interna das próprias vivências do ser. Aí, podemos falar de uma alta capacidade de articulação entre as inteligências, em um grau tão sofisticado de resposta do sistema, que aquilo que percebemos como *sentido*¹⁵, seria uma sofisticação desta relação interpretativa entre as informações percebidas do meio.

Porém, estejamos falando da consciência, ou da consciência humana, fato é que a consciência, em si, é fundamento do real. Pois, como enunciado, em suas diversas manifestações tipológicas e variações de níveis de complexidade, ela está presente em toda parte, em qualquer tempo e em toda massa. Entretanto, para apresentar a importância da consciência para os seres humanos, talvez bastassem as perguntas: Quando na história humana existiu qualquer coisa sequer sem a presença da consciência? Será que é possível

¹³ Capacidade de conhecer e distinguir diferentes informações recebidas do meio (não apenas de modo racional), através das diversas formas de captação perceptual e/ou sensorial (no caso de seres vivos). Ou por alguma espécie de capacidade interpretativa das informações recebidas, que é presente em todo sistema.

¹⁴ Aqui referida como perda energética de um sistema.

¹⁵ Compreendo sentido enquanto uma resposta altamente complexa daquilo que é criado através das relações no *devoir*.

que as fundações de um prédio, ou as peças de um computador se construam sem a ação de uma consciência humana para organizar seus componentes (informações) em sistemas complexos (invenções), a partir da inteligência? Talvez aí, o tecnocrata que ainda ecoa em nós como um eco da cultura sinta-se mais aliviado e inclinado a reconhecer a inexorabilidade da consciência.

O *racionalismo materialista* predominante em nossa cultura parece ainda não ter atinado acerca do fato de que a matéria não é simplesmente “material”, e mesmo os defensores da tecnocracia vendo a tudo como um potencial energético, parecem ainda não ter se dado conta de que, até mesmo essa matéria é um sistema de forças invisíveis em diversas interações complexas; sustentado por princípios fundamentais, os quais a razão chama de axioma, devido a sua incapacidade de compreendê-los.

A ditadura da razão afigura ter sua predileção pelo materialismo, já que filologicamente¹⁶, a própria palavra presume ser a matéria a mãe de todas as coisas, até mesmo da vida; Sendo que a vida, em uma breve conceituação, pode ser facilmente compreendida como o próprio princípio de auto-organização da matéria (BOFF, 1999), através disso que chamamos de consciência.

A partir dessas breves reflexões, tive a intenção de demonstrar o caráter frágil e instável de alguns pressupostos que soam através do senso comum (de nossa cosmopercepção Ocidental), como algo que já é bem entendido cientificamente, tal como a própria ideia ilusória de que a matéria é a base fundamental da realidade. Com a vontade de romper com a falsa sensação (que percebo ser comum em nossa cultura) de que a razão é isenta de ilusões e de que é nosso ideal mais sofisticado de capacidade relacional com a realidade; já que como visto até aqui, ela é limitada em diversos quesitos. E daí, surge-nos a relevância do afeto relacionado à compaixão, quando queremos um sábio exercício da razão. Aqui, também tive a intenção de nos abrir à importância do sentido, do significado e do sutil em nossas vidas. Rogo poeticamente pela ascensão de uma consciência compassiva, sistêmica, ecológica e regenerativa de sermos coletivamente; e faço um apelo de que isso seja encontrado na direção do reconhecimento do *inter-ser* (CABRAL, 2021).

O conceito de *inter-ser* também vem do budismo, e não nos permite pensar o ser individualmente, solitariamente, nem isoladamente. Convida-nos a compreender que a experiência humana (e dos demais seres vivos) é sistêmica, e desse modo o próprio sofrimento, que acontece na *teia da vida* (CABRAL, 2021), também o é. O que nos lembra acerca da interconexão entre tudo que há, e da importância de nos mantermos em uma postura de *vulnerabilidade* frente às alteridades da existência, pois para sustentarmos um sistema equilibrado de mútuos pertencimentos, deve existir abertura às possibilidades.

Aí é que o sofrimento surge para nós (nas possibilidades), e temos que ter disposição para lidar com ele em nome da sustentação da possibilidade do *poder-ser*, e dos infinitos *modos de ser*. Pois, mesmo o sofrimento não sendo uma condição ontológica do ser

¹⁶ É o estudo da linguagem em fontes históricas escritas.

humano (tal como a dor é), acaba sendo uma possibilidade dessa *vulnerabilidade* tão essencial à existência e à permanência da vida. Portanto, o que talvez realmente importe de nós, frente aos sofrimentos, é quem somos e o que fazemos a respeito deles; e não se é justo que existam, ou se devemos ou não odiar aquilo no real que os produz. Em outras palavras, como nos responsabilizamos pelos sofrimentos dos viventes em geral? Porém, podemos pensar também que o sofrimento surge da impossibilidade, e é aí que se confessa a relevância do princípio do *inter-ser*, para atuarmos subversivamente contrários ao aniquilamento das possibilidades de ser.

Esse princípio tem articulação direta com o princípio (dentro de um referencial budista) da *insubstancialidade do eu*, ou do *não-eu*; que fenomenologicamente está para a noção de *performatividade*, fundamentado no entendimento de que a existência de uma *identidade* fixa é uma ilusão, permitindo-nos retomar o entendimento de que os fenômenos são contextuais e não identitários. Isto abre uma nova maneira até mesmo de raciocinarmos acerca do que significa a compaixão (CABRAL, 2021).

Diferente do que se pode imaginar, a princípio, a compaixão citada por Thomas Szasz (SZASZ, 1994) não faz jus à verdade daquilo que buscamos nos referir quando falamos a respeito desse fenômeno. Aqui é fundamental que se fale que no interior da tradição filosófica ocidental a compaixão não tem um lugar-comum. Até o surgimento do cristianismo tal conceito não era relevante, nem mesmo bem aceito. Platão, como exemplo, não possuía nenhuma afeição por ela, assim como não havia simpatia por ela entre os austeros estóicos (CABRAL, 2021).

Foi no evangelho cristão de Lucas que uma das mais conhecidas narrativas sobre a compaixão se registrou em seus primórdios, por meio da *Parábola do Bom Samaritano* (do *Samaritano Compassivo*) (CABRAL, 2021), contada por Jesus para provocar o pensamento e suscitar novos *modos de ser*, pois assim se dá a função das parábolas. Jesus busca fazer refletir acerca de quem é o nosso próximo, revelando-nos que ser próximo não se trata de uma condição *a priori*, que acontece dependente de quem é o(a) outro(a) (quase como se aquele(a) que pudesse ser considerado nosso(a) próximo(a) estivesse catalogado(a) em uma lista a ser consultada), e sim uma condição de disposição. Ou seja, em síntese, só eu posso tornar-me próximo(a) do(a) outro(a), por uma disposição minha, e não por uma característica ou ausência de característica do(a) outro(a). E na parábola, o que se mostra é que a gênese do tornar-se próximo do(a) outro(a) é a compaixão.

Desse modo, ficam ainda mais evidentes as palavras de Einstein (citadas acima), que nos convidam a ampliarmos nossa noção de próximo a todos os seres vivos do planeta, e eu diria, à própria Terra. É aqui que a *vulnerabilidade* e o sofrimento do(a) outro(a) passam a ser problema de quem se compadece; o que fortalece nossas relações sistêmicas. Potencializando nossa força coletiva, tal qual poeticamente disséssemos que fazemos parte do corpo-mente do Planeta Terra, e que ao funcionarmos lúcidos e equilibrados, conscientes de nossa interconexão, podemos atuar coletivamente para o bem-estar, saúde e paz de

todo o nosso sistema planetário.

Logo, se a compaixão é uma experiência anti-narcisista, ela acaba situando a pessoa para além das bordas de um eu identitário, permitindo a experiência da realidade do *inter-ser* (CABRAL, 2021). Diferentemente do que o pensamento Ocidental costuma acreditar, a compaixão, nesse sentido, não é uma dissolução do eu no tu, e sim uma espécie de suspensão do eu, próximo ao que a tradição budista denomina como *Anatman* (CABRAL, 2021). Portanto, a compaixão é um *modo de ser* que não se anula nem se mistura com o(a) outro(a), um si-próprio, uma ipseidade, porém, é atravessada pelo(a) outro(a). Para melhor entendê-la é preciso levar em consideração o pronome nós, que é algo que está para além da soma do tu e do eu.

Assim se dá a importância ecológica da compaixão! Na direção da afirmação das vidas, e revolta para com as experiências de sofrimento. Sendo assim, quando nos compadecemos, somos o próprio exercício do pronome nós (CABRAL, 2021).

Resta-nos agora falar acerca da revolta e de seu papel central junto à compaixão. Revoltar-se não é negar simples e banalmente algo ou alguma situação, outrossim, é ousar negar para transcender aquele que é negado. Não num sentido metafísico, pois aqui não se quer falar da revolta somente enquanto dissolução, tão mais quer se falar dela enquanto criação (CABRAL, 2021). Revoltar-se é decidir o que fazer a respeito; e para isso é necessário tanto a dissolução daquilo que não se quer, quanto a criação de novas possibilidades de *poder-ser-de-outro-modo*.

O ser humano é ontologicamente livre, portanto, todos os modos calcificados de ser e fazer as coisas a que nossa cultura nos viciou têm muito mais a ver com o poder da moralidade, dos hábitos, das normatizações comportamentais, das identificações afetivas e dos vícios em cacoetes religiosos ou laicos, do que com algum determinismo biológico ou da essência do que é ser humano. Já que, graças a nossa capacidade de dizer não, de nos revoltarmos e seguirmos em outra direção, sustentamos, garantidamente, nossa liberdade (CABRAL, 2021), a qual eu chamarei, em especificidade, de *liberdade do puro-ser*¹⁷.

A revolta clama por mudanças qualitativas frente à injustiça, e é importante (mesmo que superficialmente) diferenciar o “não” gerado pela revolta de um “não reativo” reproduzido pelo ressentimento. O ressentimento tem como qualidade se nutrir da desvitalização de outros(as) viventes, gerando reatividade e mais violências. Pois no ressentimento ainda se tem a vontade da aniquilação, só que dessa vez pelo “justamente” apontado como produtor da violência em questão. É uma tentativa de vingar a violência sofrida, com mais violência. Podemos fazer um paralelo com a colonialidade para elucidar a questão, pensemos juntas: se temos a tese como uma violência colonial, a antítese como uma violência do colonizado, a síntese aqui pode até ser a sobrevivência, porém não será a decolonização.

Para haver decolonização de fato precisamos transcender as ferramentas, lógicas

¹⁷ Liberdade de ser para além de toda forma e manifestação da materialidade, possibilidade de poder-ser independente dos acometimentos do *devoir*.

e *modos de fazer e ser* permitidos e ensinados pelos colonizadores. Não podemos nos decolonizar enquanto nos limitamos às dores que nos são causadas; frente aos sofrimentos da *violência da iniquidade*, a revolta e não o ressentimento deve ser nosso grito! Ou seja, para existir a decolonização, é necessário que nos revoltemos pelo direito do livre *dever*, das alteridades subversivas e das diversidades não hegemônicas (pois são essas impedidas de ser). Para isso, temos a arte, a filosofia, a ciência e o ato político da existência-resistência¹⁸.

O imperativo ético-existencial que surge entre o sofrimento e a revolta nos incita que através da revolta sejamos para além do sofrimento, tendo a revolta o papel de negar a iniquidade que aniquila (injustamente) as possibilidades afirmativas de *inter-ser* na *teia da vida*.

Podemos começar a demarcar a relação direta entre revolta e compaixão na palavra *dignidade* (*dignitas*, conceito de matriz cristã), que contorna a disposição de não aceitar a violação do direito de existir dos viventes e demais seres que fazem parte da *teia da vida*. A revolta não banaliza o sofrimento nem o naturaliza, nem normaliza o *desencaixe-sofrimento*, mas, pelo contrário, atua na transcendência¹⁹ desse sofrer. Quando desnaturaliza-se o sofrimento tem-se mais condição de lidar com as dores causadas pelas violências da vida, e assim é possível falarmos de uma verdadeira compaixão.

A compaixão revoltada (CABRAL, 2021) é uma das formas com que inúmeros sujeitos humanos agiram pela paz ao longo de toda nossa história. Como nos lembra Alexandre Cabral (2021), Mahatma Gandhi, Leonardo Boff, bell hooks, Ailton Krenak e incontáveis outros seres humanos fizeram (e ainda fazem) dessa postura de revoltada compassividade parte integral de seus *modos de ser* no mundo; seres humanos que podem nos inspirar à insubmissão através da compaixão.

¹⁸ Ato político-existencial de não submissão às normas alienadoras do autoproclamado sistema hegemônico, tampouco à *moral restritiva*, através de ações do cotidiano.

¹⁹ Aqui não me refiro a algum tipo de ascese metafísica, e sim ao movimento que cria a possibilidade do *inter-ser* se realizar de outra maneira na *teia da vida*.

3 Oeste: Liberdade, Sociedade e *Cultura do Cancelamento*

Início este capítulo com um convite à reflexão daquela que penso ser uma problemática central perante a questão da violência: o ser humano *comum* está disposto a lidar consigo mesmo?! Levanto essa questão, pois pelas minhas andanças e reflexões no decorrer dos últimos anos, parece-me cada vez mais que para fugir de nossa autoconsciência, temos que fazer um esforço constante para não buscar tudo fora de nós mesmos, opiniões, verdades, razões e crenças que usamos para nos co-mover (movimentarmo-nos juntos a algo); conduta que é seguida fanaticamente, por alguns(mas), talvez pelo medo da exclusão e pela promessa do pertencimento. Compreendi que assim se instaura o *status quo*, os modismos, e eu arriscaria dizer até mesmo que há algo aí, nessa reprodução inconsciente (irrefletida e não sentida), que também é responsável pela perpetuação das culturas.

Aquilo a que chamamos popularmente de cultura, tem que ver com a intervenção humana junto à vida na criação (ou transformação) e repetição de formas. Como forças transformadoras, temos o potencial de fazer diferente, seja daquilo que viemos fazendo, ou da natureza. Com tudo isso quero dizer que, mesmo frente aos ensinamentos e sabedorias que podemos aprender *biomimeticamente*¹ acerca do funcionamento harmônico dos sistemas naturais, parece que, coletivamente, continuamos criando formas artificiais, sustentadas por uma ilusão (que entendo ser herdada pelas lógicas coloniais) de que somos algo superior e separado do meio natural. Lógica essa, visto nossa herança colonial-cristã, que entendo ser perpetuada por uma tradução bíblica popular, em Gênesis 9:2-3 (BIBLIA), que diz ser o ser humano (o que frente a uma análise cultural, podemos dizer que mais especificamente se fala do homem), é o detentor do poder sobre tudo que é natural:

Todos os animais da terra tremerão de medo diante de vocês: os animais selvagens, as aves do céu, as criaturas que se movem rente ao chão e os peixes do mar; eles estão entregues em suas mãos. Tudo o que vive e se move servirá de alimento para vocês. Assim como dei a vocês os vegetais, agora dou todas as coisas.

Essa forma de pensar e viver a cultura é a adotada pelas mais conhecidas e economicamente influentes nações do planeta Terra, culturas essas que estabelecem uma relação de depredação e extrativismo (ou seja, violência) com a natureza (com o meio). E que por isso vem destruindo e devastando o meio ambiente. Porém, movimentos que buscam imaginar outros mundos possíveis, influenciados e realizados por povos originários de diferentes territórios (sobreviventes das chacinas recorrentes realizadas pelo homem branco-europeu-colonizador), vêm ficando mais populares dentro de nossa famigerada cultura Ocidental. Esses povos são a memória viva de seus ancestrais, e nos lembram que nosso sistema social é só uma perspectiva (por mais que ainda seja adotada como única possibilidade por nossos governantes e por nós); e que não é a perspectiva mais inteligente,

¹ Essa é uma forma de conhecimento com o objetivo de estudar as estruturas e funções naturais, em busca de aprender com a natureza, com as suas estratégias e soluções, para que possamos utilizar esse conhecimento em diferentes áreas da vida humana.

e muito menos a mais sábia, se queremos continuar existindo como espécie sobre a Terra. Pois a Terra, e eu ousar dizer, a vida por aqui, seguirá seu curso, independentemente se as condições para a continuidade de nossa frágil espécie existirão ou não.

Essa memória, protegida pelos povos originários sobreviventes, tem influenciado movimentos como o do *Bem Viver*, cujo pensador Alberto Acosta (2016) é um dos principais colaboradores. Essa é uma mobilização que busca refletir formas práticas de modos decoloniais de ser coletivamente. Uma maneira de nos relacionarmos com a vida para além da ideia de desenvolvimento, respeitando os direitos da natureza, pensando sistemas econômicos que considerem a inteligência ecológica, e até Estados que se reconheçam plurinacionais. Portanto, essa memória vem nos facilitar pensar culturas que não sejam antropocêntricas, e que não apregoem a ilusão de que somos separados da natureza.

Aqui, como nota, retornando à questão do *cancelamento*, pontuo que o termo *cultura do cancelamento* trata-se de um nome popular dado a esse fenômeno que estamos buscando melhor compreender, e que, na verdade, se trata de um subfenômeno cultural que nos permite ter uma perspectiva ampla de nossa cultura Ocidental. Não entraremos, porém, no quesito de se o fenômeno trata-se ou não de uma cultura; tão mais me importa seu espectro na realidade, seus impactos em nossas vidas e realizar uma análise que nos permita ampliar nossas percepções a respeito do assunto da violência. Portanto, aqui, compreendo esse fenômeno como um subfenômeno cultural, poderíamos até falar de um subfenômeno transcultural, já que está presente em diferentes culturas ao redor do planeta (como veremos na análise de *tweets* de falantes do português e do espanhol); porém, como entendo essas culturas cooptadas pela cosmopercepção colonial-eurocêntrica no processo de globalização, seguirei falando em níveis existenciais (a partir de nossa sociedade brasileira).

Por isso, eu começo essa jornada em busca de refletir sobre uma problemática que considero a central diante disso. A questão da liberdade! Enquanto existencialmente não me restam dúvidas dessa liberdade, os diversos níveis dessa questão me instigam a interrogar, somos livres? Afinal, a história Ocidental esgueira-se em torno das guerras, conflitos políticos e econômicos, da escravidão, da miséria, da peste, da fome e das mazelas religiosas que parecem nos manter prisioneiros ao ar livre, de condicionamentos sem fim. Bem como por todos os esforços em nome da liberdade dos povos, dos dominados, em cada contexto humano.

Outro fato marcante é que muitos(as) daqueles(as) que num momento foram oprimidos(as) e lutaram pela liberdade político-social, ao conquistá-la (através da guerra contra o opressor), de outra forma, também oprimiram, lutando não mais em nome da mudança, e sim pela prevalência da continuidade de seus privilégios, mesmo à custa dessa opressão dos demais (FROMM, 1983). Em certo momento histórico, a *liberdade do indivíduo* (mais detidamente), passou a ser tema central das lutas no Ocidente, liberdade essa até hoje, muitas vezes (devido a nosso histórico colonial-burguês), associada com a liberdade do

usufruto de posses e bens (atrelada ao liberalismo). Com a ascensão do Estado (aliado à burguesia) acima do poder absoluto da Igreja, uma nova ordem social se instalou, dando novas formas às velhas mazelas humanas; surge então (cada vez mais da maneira que conhecemos), a já mencionada tecnocracia.

Outra ilusão comum no Ocidente é a do desenvolvimento, como se não bastasse ter sua origem num sentido de antítese ao envolvimento (des + envolver, com traços da palavra em Latim *volvere* “rolar, fazer girar”), essa ilusão ainda pode nos dar a falsa sensação de que estamos saindo de um ponto no *tempo-espaço*² para outro mais avançado, conforme, simplesmente, os dias passam e as coisas acontecem. Também é relevante que lembremos que essa é uma característica tipicamente colonial-linear-tecnocrática de perceber a realidade, e fantasiar com um amanhã em que a tecnologia será a resposta para todos os nossos problemas.

Um exemplo dessa crença no fator utópico do desenvolvimento é a ideia presunçosa, comumente reproduzida no decorrer da Segunda Guerra Mundial, de que a Alemanha Nazista e a Itália Fascista (FROMM, 1983) apenas precisavam de mais tempo (sob treinamento [sob aplicação técnica]) para amadurecerem democraticamente, e que logo atingiriam a maturidade política presente em outras nações. Essa ilusão do desenvolvimento como força salvífica é também, até hoje, a justificativa racionalista para a extração e devastação do planeta Terra; pois se usa a ilusão de um desenvolvimento tecnológico acabando com todo o sofrimento do mundo como razão para a destruição da natureza em nome do progresso capital.

Outra ideia comum desse período foi a de que pessoas como Adolf Hitler governaram devido à força bruta, e não à chancela e apoio da população, nem sob tutela e possibilidade do sistema governamental. (FROMM, 1983) Essas ideias são evidentemente ilusórias, pois é preciso reconhecer que milhares de alemães e italianos, por exemplo, durante a Guerra (e até depois) pareciam estar mais que dispostos(as) a abdicar da *liberdade democrática* pela qual seus antepassados tanto lutaram para conquistar. Isso também pode nos revelar algo acerca da ilusão que nos afasta do compromisso com nossa autorresponsabilidade frente à nossa liberdade. Questão, como já colocada, diretamente relacionada com a reprodução de condutas violentas.

Algo que, definitivamente, pode ser angustiante para algumas(uns) de nós, aparece no instante em que percebemos que em nosso mundo globalizado, essa problemática (da fuga da autorresponsabilidade) não se restringe nem a uma dada Nação, nem a uma dada época, como no exemplo da antiga Alemanha Nazista. Pois, mesmo que seja muito mais fácil para os descendentes colonizados da cultura europeia, e o próprio povo europeu, reconhecer o ultraje da violência quando ela acontece dentro da própria Europa, ou melhor dizendo, entre as próprias populações de sujeitos brancos; ainda é preciso que nos

² Conceito relacionado a um sistema de coordenadas utilizado como base para estudos em física, porém, utilizado aqui fenomenologicamente, para referir-se ao fluxo do *devenir*.

demos conta que atrocidades tão terríveis quanto as que foram realizadas na Europa foram cometidas como normalidade através do projeto de colonização que a Europa empreendeu com os *povos outros*³, como facilmente podemos nos recordar ao serem evocadas as memórias registradas da história da escravidão do povo negro e da perseguição e massacre dos povos originários, algo que, nesse segundo caso, acontece até hoje nestas terras (que invadimos e tomamos dessas etnias). A perseguição e assassinato dos povos originários, das populações negras, LGBTQIAP+, de mulheres e o capacitismo que violenta a vida das pessoas com deficiência são velhas heranças coloniais dessa cultura-europeia que sempre invisibilizou o sofrimento desses *povos outros*.

Contemporaneamente, com a finalidade de aproximar ao nosso contexto epocal, podemos também tecer um paralelo comparativo dessa questão percebida na Alemanha Nazista com o cenário político de nosso país (o Brasil), pois nos últimos anos gregorianos (aproximadamente desde o ano de 2017 até 2022), temos vivido um fenômeno de defesa da antiga e cruel Ditadura Civil-Militar Brasileira. Nesse período que falo a você, é possível presenciar uma vontade reacionária, de algumas parcelas da população, que de diversas formas se mobilizaram, até mesmo através de protestos em praça pública, e pelas redes sociais, pelo retorno da Ditadura Civil-Militar Brasileira, bem como por outros nítidos retrocessos democráticos, que podem ser percebidos na defesa de um governo com ideais explicitamente fascistas, que prega o ódio às diversidades e sai em defesa da *moral restritiva*.

A crença num amanhã melhor, a própria esperança, parece ser a força mais potente presente na mobilização dos *corações e mentes* dos seres humanos (FROMM, 1983). Seja esse um amanhã libertário de um sonho que quer se realizar, ou de uma sensação nostálgica de um ontem que nunca aconteceu, senão na memória afetiva dos mais saudosistas.

O fato é que o *tipo vital fraco*, não contente com a realidade que encontra, teme pelas instabilidades do futuro, e busca no desejo por uma ideia de futuro seu alento, para poder ter a sensação de controle do que virá; assim como na fixação por uma ideia de passado, a promessa de retorno dos bons tempos, que acredita que o protegerá da instabilidade vital (grande problemática que surge frente ao seu medo de sobrevivência). Acredito também ser importante pontuar que essas lembranças do passado geralmente, como no caso da nostalgia ditatorial, apenas parecem boas para algumas pessoas, ou por serem lembranças enevoadas e romantizadas, ou por motivos egoístas que desconsideram o sofrimento de milhares de outros seres humanos.

Entretanto, será que podemos contornar as bordas do que é a liberdade para que, ao menos, tenhamos uma noção de como perceber o fenômeno? Vou tentar rabiscar algo neste sentido para alinharmos nossos pensamentos e alinhavarmos com a questão principal deste capítulo.

³ Conceito que vem demarcar a violência colonial, que considera a Europa como centro (e hoje também os Estados Unidos da América), e os demais povos do planeta como outros, ou às margens.

Em síntese, gostaria de pronunciar que me parece evidente que podemos escolher entre uma coisa ou outra, porém, também é óbvio, para mim, que não somos capazes de controlar o que acontecerá depois de fazermos nossas escolhas. Portanto, compreendo que a liberdade está entre a ausência ou a presença de pressões externas que podem ou não estar sobre as pessoas em uma sociedade, e a presença de uma espécie de fator afirmativo da possibilidade do *poder-ser*, que é inerente ao ser humano. Portanto, entendo que a liberdade é esse estado de limiar experienciado pelo *inter-ser*, ao se movimentar⁴ pela realidade.

Por conseguinte, para nos auxiliar a refletir sobre a relação entre liberdade e violência, proponho que se pense na frase popularmente atribuída ao famoso presidente estadunidense, Abraham Lincoln⁵, quando ele diz, na defesa do fim da escravidão, que “Até que todos os homens sejam livres, seremos todos escravos de alguma coisa”, ou seja, ao compreendermos essa afirmativa existencialmente, podemos dizer que, enquanto houver uma pessoa sequer sofrendo com a *violência da iniquidade*, todas nós sofreremos de alguma forma.

O fato é que parece não importar sobre quais símbolos os “inimigos da liberdade” (FROMM, 1983) atuam. Se sob a égide do fascismo declarado, ou do antifascismo. As lógicas de violência, como já explanamos, estão entranhadas nas mentalidades racionalistas; onde se mudam as justificativas, apenas para que se perpetuem os ciclos de violência. E o que fica cada vez mais evidente é a presença das racionalizações humanas como matrizes do princípio dessas violências aniquiladoras do(a) outro(a) (que é sempre diferente⁶ do eu).

Caricaturalmente, podemos, em *indução lógica*⁷, perceber que se a violência é antes uma *violência da iniquidade*, que por sua vez é um ato contra o *poder-ser*, então pode-se presumir que sendo a liberdade um ponto fundamental do *poder-ser*, e estando o abrir-mão dela relacionado com a fuga da autorresponsabilidade frente às decisões tomadas no presente (como escape da liberdade de ter que decidir sozinho(a)), a violência é, também, a ausência de *presença compassiva* no agora e aqui do *tempo-espaço* (do *dever*).

Compreendo que essa fuga da *presença compassiva* está relacionada com a evitação das relações de *vulnerabilidade*, algo que é incentivado em nossa cultura machista, nutrido por uma espécie de medo egoísta de “admitir sua falibilidade”, por não querer sentir dor, desconforto, ou até mesmo por ter pavor de ser aniquilado. Talvez pelo medo da punição por seus erros e faltas é que o ser humano fuja da autorresponsabilidade de sua liberdade. Entendo que é isso que acaba fazendo com que nós projetemos o mal fora de nós, no(a) outro(a), como um mecanismo de defesa. Porém, inevitavelmente, isso acarreta

⁴ Ao tomar decisões que o permitam ir de um estado a outro através do *tempo-espaço* (do *dever*).

⁵ Lembrando que assim como na leitura de todo e qualquer autor, é preciso situá-lo em seu contexto epocal. E que aqui não está em pauta os motivos que o presidente poderia ter para buscar esse fim da escravidão.

⁶ Com ênfase na aniquilação dos “mais diferentes”, destoantes das normas do que é ser Universal no Ocidente (de-classe-privilegiada-branco-homem-cis-binário-heteronormativo-pronto-para-a-guerra).

⁷ Esse é um método racional que nos diz que após considerar um número suficiente de casos particulares, podemos concluir uma verdade geral.

num afastamento do comportamento de *cuidado* (o qual retomaremos mais adiante), por nos alienar de nossa condição ontológica compassiva e de *inter-ser*. Daí compreendo que uma sociedade punitivista é uma sociedade que fortalece a violência.

Uma mudança radical e transformadora nesse *modus operandi* seria se num ato de *presença compassiva* através do - nós -, começássemos a identificar esse mal na relação do *entre*⁸ e não no(a) outro(a), pelo bem do coletivo. Isso, aliado à consciência de autorresponsabilidade frente às nossas condutas, conscientes e inconscientes, permitirá uma nova maneira de nos relacionarmos coletivamente; que entendo ser fundamental na tessitura de uma vivência de paz nas relações cotidianas com o(a) outro(a). E isso pode estar nos sinalizando que para podermos sustentar a paz com o(a) outro(a), precisamos começar a aprofundar o entendimento do que é estar em paz conosco mesmo. Pois, enquanto agirmos através da mentalidade do *eu contra ele(a)*, ou do *nós contra eles(as)* (em ampliação fractal⁹), continuaremos causando guerra e violência por toda parte. Assim, como não nos responsabilizamos pelos efeitos de nossos comportamentos (principalmente os inconscientes, que geram resultados não esperados por nós), continuamos recaindo num dos principais sustentáculos da violência, a fuga da autorresponsabilidade.

Sendo assim, assevero que na *ausência* da *presença compassiva* decidida no agora e aqui do *tempo-espaço*, a violência se prolifera. Portanto, sendo a razão uma função atemporal, com capacidade de projetar o futuro e remontar uma ideia de passado, apenas quando seu funcionamento está para o exercício prático da *presença compassiva* é que podemos esperar a não-violência. Já que é baseado nas ideias de uma linearidade do tempo que se prostra o medo do aniquilamento, que acarreta na *violência da iniquidade*, pelo *tipo vital fraco*, e conseqüentemente no afastamento da compaixão. Evidentemente, esse é um comportamento que demanda energia e atenção, e que pode ser realizado em diferentes níveis (não apenas na sua ausência ou presença), condizentes com o que cada contexto nos permite, e com a condição que dispomos. Por isso, o importante aqui tem que ver mais com a nossa disposição a isto.

Tudo isso é corroborado quando lembramos que os grandes seres humanos que viveram em nome da paz em nosso Planeta, como, por exemplo, Sidarta Gautama (o Buda histórico) ou Mahatma Gandhi, ensinaram-nos sobre a primazia da nossa relação de *cuidado* com a vida. *Cuidado* esse que tem como fundamento a *presença compassiva* no agora e aqui do *tempo-espaço*. Mesmo *cuidado* que é um dos traços mais fundamentais do que nos faz humanos, afinal, não se conhece um bebê humano que consiga cuidar-se sozinho para sobreviver. Portanto, nós, ontologicamente cuidamos, essa é uma *dimensão fontal*¹⁰ dos seres humanos (BOFF, 1999). Fundamental para a sobrevivência da espécie.

⁸ Aquilo que está em suspensão como um terceiro elemento, não restringindo-se a ser a soma das partes (eu e tu), revelando-nos a dimensão do nós.

⁹ Conceito de Benoit Mandel Brote, que foi um matemático francês de origem judaico-polonesa, advindo da geometria, que fala da repetição das proporções em diferentes escalas, de padrões da natureza.

¹⁰ Dimensão originária, que não pode ser totalmente desvirtuada, que não deixa de existir.

Logo, podemos dizer que o *cuidado* é um *modo de ser* essencialmente humano. Uma característica em prol da vida de nossa espécie, que devemos potencializar através de nossa *presença compassiva*. Voltando a nos rememorar acerca da importância de alcançarmos uma percepção sistêmica (WAHL, 2020), que nos possibilite, por meio da compaixão ampliada (como nos sugere Einstein¹¹), sofisticar nossa relação com as condutas de *cuidado*, na direção de uma *ética planetária* (BOFF, 1999 e MAGALHÃES, 2007), seja nos termos de uma *ética do amor*, como nos propõe bell hooks (2021), ou de uma *ética da diferença*, como articula Thiago Teixeira (2021).

Conquanto, é importante ressaltar a diferenciação do que chamamos de *cuidado* do que podemos compreender como *salvamento* (WOOLLAMS, 1999), que é um *papel dramático* que costumamos representar no engendramento de *jogos psicológicos*¹², para termos a sensação de bem-feitoria, sem que realmente tenhamos que nos abrir à *vulnerabilidade* e à *intimidade*.

Retomando nossa questão central, aqui, já é possível asseverar para você que: o ser humano *comum* renuncia a sua liberdade, pois não está disposto a lidar consigo mesmo (HOFFER, 1968). Por isso também renuncia a sua liberdade individual por uma ideia de liberdade coletiva, como forma de afastá-lo da prática diária de transformação daquilo que o angustia em sua vida. O que não invalida as práticas coletivas de ações pela liberdade, porém, nos facilita perceber que essas só são válidas na senda de nos convidar à revisão e autoanálise pessoal (suscitando a autorresponsabilidade) sobre quem somos, como somos, porque somos frente aos fenômenos e o que geramos nos meios por onde passamos. E isto para que não nos limitemos, como de costume, a recair no uso de nossa razão para criar justificativas para a violência, apontando como deve ser o(a) outro(a). Pois quando, referente ao(à) outro(a), a razão deve servir apenas como uma mediadora que aceite as diversidades, sem desvalidá-las, muito menos monstrificá-las.

Também é interessante colocar que, por mais coletivistas que possam ser as justificativas que um ser humano possa dizer que têm, ao incorporar um movimento social, na realidade, são seus próprios sentimentos (com base em suas próprias emoções), que fazem cada um ter os motivos que realmente os mobilizam frente a alguma pauta coletiva. Portanto, aí salienta-se a relevância da *paz do puro ser*, ou seja, uma experiência de vivência de paz frente a sua *vontade de ser*; e aqui quero salientar acerca da importância, para aqueles sujeitos que buscam uma *vontade de ser* alinhada ao bem-estar coletivo, da *presença compassiva*. Retomando a relevância da autorresponsabilidade, quero enfatizar que é significativo que, por exemplo, antes de acreditarmos-nos justos(as), e por isso julgar se os(as) outros(as) são suficientemente justos(as) ou não, prestemos atenção sobre como nós mesmos(as) podemos ser justos(as) agora e aqui, frente a cada uma de nossas relações

¹¹ Citado no capítulo anterior.

¹² Conceito advindo da Análise Transacional, de Eric Berne, que nos fala sobre uma tríade composta pelo papel da vítima, do algoz e do salvador. Usado como forma de conseguir carícias (positivas ou negativas), estabelecendo contatos sem intimidade (WOOLLAMS, 1999).

com a vida.

Caso contrário, os movimentos sociais tornam-se antros vazios de retóricas hipócritas, que buscam dizer que o(a) outro(a) precisa mudar (ou até parar de existir) por agir dessa ou daquela forma, enquanto são nutridas pelas mesmas raízes de violência, apenas vestidas com outras peles (o tal do lobo em pele de cordeiro). Portanto, aqui quero retornar à questão da tríade da paz, a paz consigo mesmo, a paz com o(a) outro(a) e a paz com o meio ambiente (WEIL, 2017); para nos lembrar que não há como vivermos a paz *biosférica* e *noosférica*¹³ (pode ser lida também como planetária) (VERNADSKY, 2019), sem antes experimentar a paz do *inter-ser*, bem como essa paz só pode ser vivida se pudermos encontrar a paz de ser quem somos, no caminho de quem estamos nos tornando. A qual, como já mencionado, eu gosto de chamar de a *paz do puro ser*.

Como anunciei no decorrer desta obra, minha intenção aqui é desenovelar o carretel da violência puxando uma de suas pontas, que é a *cultura do cancelamento*. Portanto, trata-se de algo fundamental que se contorne a existência do fenômeno. Para isso, utilizei de uma *análise documental de tweets*¹⁴; e assim também o fiz para buscar visualizar o fenômeno em sua manifestação mais popular: por meio das redes sociais. Devido também a ser dessa forma que mais facilmente podemos perceber sua existência.

A busca pelos *tweets* foi realizada utilizando das funções livres da plataforma/*software* de pesquisas *Atlas.ti* (MUHR, 1993), e reuniram buscas no banco de dados do *Twitter* focados em três *hashtags*, são elas: *#cancelado*, *#cancelada*, *#cancelamento*. Após as pesquisas, foi feita uma *peneira* manual dos dados para que fossem selecionados apenas aqueles que estivessem relacionados ao tema. A pesquisa se deu do dia 23/09/2022 até o dia 10/10/2022 (do calendário gregoriano), e foram feitas 5 coletas ao todo (especificamente nos dias 23/09, 30/09, 05/10, 08/10 e 10/10), ela foi encerrada pelo número suficiente de material encontrado para seleção e análise.

Os *tweets* trazidos para análise dentro deste capítulo serão aqueles considerados mais relevantes para o diálogo com o tema, contudo, todos os *tweets* relacionados ao assunto, estarão contidos no Apêndice A, bem como a soma total dos *tweets*, incluindo os *tweets* desviantes da temática (porém, com a mesma *hashtag*), e aqueles que não possuíam elementos qualitativamente suficientes para serem analisados. Uma nota importante é a de que a pesquisa foi realizada com foco em falantes de português e espanhol ao redor do mundo (como já citado), selecionados segundo os critérios de funcionamento da ferramenta de pesquisa *Atlas.ti*.

Começo a análise dos dados mencionando que muitos foram os *tweets* que, mesmo não possuindo caráter qualitativamente suficiente para reflexões acerca do fenômeno, permitem-nos a constatação de sua realidade e presença nas redes sociais. Os *tweets* serão apresentados na íntegra, por se tratarem de documentos públicos disponibilizados via

¹³ Esses conceitos, de Vladimir Vernadsky, falam da Terra enquanto um ser vivo, dotado de um nível de consciência responsável pelo funcionamento dos ciclos naturais estudados pela ecologia.

¹⁴ Esse é o nome utilizado para designar as publicações feitas na rede social do Twitter.

rede social. Para iniciar, trago para você alguns desses *tweets*, sem suficiência qualitativa, com finalidade demonstrativa da realidade do fenômeno:

tupu @waiting4us16
@armaandoox_ #CANCELADO
Retweets: 0 • Curtidas: 1 • 10/10/2022, 00:00 • [Link](#)

Fonte: pesquisa no Atlas.TI

... <barbatos ! @freedicane
@mzzxie #cancelado
Retweets: 0 • Curtidas: 0 • 08/10/2022, 00:00 • [Link](#)

Fonte: pesquisa no Atlas.TI

Também é relevante ressaltar que para a realização da análise dos *tweets*, outras pesquisas informais tiveram de ser realizadas, por meio do buscador *google*¹⁵, com a finalidade de compreender a contextualização de alguns *tweets*, bem como para que se pudesse entender certas gírias presentes na comunicação via *internet*, dos usuários da plataforma.

Algo de extrema importância que deve ser pontuado, notado desde o primeiro contato com as publicações dos *tweets*, é que as *hashtags* (#) que contornam a existência do fenômeno parecem se dividir ao longo de um espectro de seriedade e maturidade¹⁶ diversificado quando utilizadas. Elas são usadas desde para a denúncia de possíveis crimes e a exposição de certos desvios de conduta social (geralmente acompanhadas pela intenção de exposição de alguém), até para brincadeiras (violentas) com pessoas próximas, em tom de ameaça de cancelamento, por exemplo. Ou mesmo em demonstrações de um humor satírico consigo, ao usar alguma das *hashtags* (#) para “cancelar a si mesmo”.

Trago exemplos, prestemos atenção; iniciarei com aqueles que parecem ser uma apropriação da *cultura do cancelamento*, por uma espécie de cultura popular (cultura *pop*), e que, portanto, não trazem denúncias sérias, e aparentam apenas ser reclamações ou opiniões desgostosas sobre algo, ou alguém, não necessariamente mencionado diretamente pelo *tweet* (quase como um desabafo):

¹⁵ Famoso buscador da internet no século XXI (datação gregoriana).

¹⁶ Com evidente consciência de responsabilidade social, afetiva e pessoal.

Clara☆ @yaayaayyyyyyy
 Professora de matemática #cancelada
 Retweets: 0 • Curtidas: 0 • 22/09/2022, 00:00 • [Link](#)

brey @brey_bernardo
 vim expor minha raiva, lá estava eu no insta dboa quando vejo
 um stories de @Joao_98765 querendo fazer novas amizades
 perguntei como q faz pra parar de ser amigo e ele debochou
 da minha cara e ainda falou pra eu vir aqui no tt
 #cancelamento #hablomesmo
 Retweets: 0 • Curtidas: 1 • 24/09/2022, 00:00 • [Link](#)

Winston Villamil @WistonVillamil
 La gente que se cree con derecho a opinar sobre ti o tus cosas
 que les pasa, ubicate por favor #cancelado
 Retweets: 0 • Curtidas: 1 • 08/10/2022, 00:00 • [Link](#)

Não é a Carolyne @naoeacarolyne
 Uma criança no omegle me chamou de "carinha chifrudo"
 #CANCELADO
 Retweets: 0 • Curtidas: 0 • 18/09/2022, 00:00 • [Link](#)

Fonte: pesquisa no Atlas.TI

. @GabiDoArrasca_
 Esse sid interage com todos menos cmg
 #cancelada #faleitoleve
 Retweets: 0 • Curtidas: 1 • 22/09/2022, 00:00 • [Link](#)

kita lvs lu -2 KISCARA 600 DAYS @dainsleifly
 NO ME VA A AMAR AUNQ FUERA UN PEZ
 #cancelado twitter.com/noviodeyujj/st...
 Retweets: 0 • Curtidas: 0 • 22/09/2022, 00:00 • [Link](#)

ray @rayyanecheirosa
 gnt, cancelem minha prima pq ela tá fazendo bullyng comigo
 por ser alta e ter as canela fina #cancelada
pic.twitter.com/RBc8MfNQk
 Retweets: 0 • Curtidas: 1 • 23/09/2022, 00:00 • [Link](#)

Tiffany O... @TiffiSs
 @iamsroque Comió sin mi? #cancelado
 Retweets: 0 • Curtidas: 1 • 23/09/2022, 00:00 • [Link](#)

Fonte: pesquisa no Atlas.TI

z8 @anitaeskere
 @jjlopezdelaosa el monopoli es en juego capitalista
 #cancelado #abolición
 Retweets: 0 • Curtidas: 1 • 04/10/2022, 00:00 • [Link](#)

Fonte: pesquisa no Atlas.TI

Agora apresento para você a diferença desses para com alguns *tweets* de exposição de condutas, de pessoas, ou de denúncia de possíveis crimes cometidos, que, como podemos perceber, aparentam ser uma tentativa de protesto e exposição de comportamentos de opressão e possíveis crimes, como o machismo, a LGBTfobia, a misoginia, o racismo, o capacitismo, até outros que simplesmente expõem violências de ordens diversas que são cometidas; e também mesmo opiniões de repúdio a comportamentos de controle sobre o que o(a) outro(a) deveria ou não fazer (baseado em certezas pessoais):

_climentt @hug_me_ifuseeme
 LA AVRIL ME HACE BULLYING CANCELARLA #STOPBULLYING
 #CANCELADA
 Retweets: 0 • Curtidas: 1 • 23/09/2022, 00:00 • [Link](#)

Ryce @DaLaryce
 @brudg07 estou mt decepcionada contigo agr 🙄 triste
 #nãoparaahomofobia #cancelada
 Retweets: 0 • Curtidas: 1 • 24/09/2022, 00:00 • [Link](#)

eeu_zadoraa @Euuu235678
 Naelly errou o pronome da ana clara #cancelada
 Retweets: 0 • Curtidas: 0 • 25/09/2022, 00:00 • [Link](#)

mufina @on_melodrama
 @Vanessaalb2000 bifobica #cancelada
 Retweets: 0 • Curtidas: 0 • 23/09/2022, 00:00 • [Link](#)

pica braba @_clara_rm
 marcos machista #cancelado
 Retweets: 2 • Curtidas: 2 • 28/09/2022, 00:00 • [Link](#)

cs.ss @Blondbitter
 Natália oprimindo as minorias
 #cancelada
 Retweets: 0 • Curtidas: 0 • 23/09/2022, 00:00 • [Link](#)

JAROM Music @JaroMMusic
 Que es eso de Joan Simo y @Jaumedelaiguana entrevistando
 y trabajando con el bastardo @3gerardpique ? #levandowski ?
 Por que seguir trabajando e idolatrando a un ser despreciable
 que piensa primero en su autosatisfacción que en lo que fue
 su propia familia #cancelado pic.twitter.com/XsRaMXa1dA
 Retweets: 0 • Curtidas: 1 • 08/10/2022, 00:00 • [Link](#)

Marcela Fernandez @heter2022
 @yanilatorre Claro xq diacriminaste a una mujer "prostituta"
 sos un asco de persona. Igualmente la vida ya se encargó se
 darte tu merecido. Tu marido ama a las prostis y a las trans.
 No tiene nada de malo. Lo malo es tu postura #cancelada
 Retweets: 0 • Curtidas: 1 • 21/09/2022, 00:00 • [Link](#)

wendelsoueu ●HEXA @Wendosoueu
 @whindersson Mulheres não são comidas ou ingredientes
 para serem chamadas de gostosas, isso reforça um estereotipo
 de aquisição do masculino sobre o feminino, grande
 decepção wehinderssoon #cancelado
 Retweets: 0 • Curtidas: 0 • 27/09/2022, 00:00 • [Link](#)

Fonte: pesquisa no Atlas.TI

Claudiiiiii @claudiiiiiiiv
 @armaandoox_ no habérmelo hecho! Todos los hombres sois
 iguales, aun sabiendo las consecuencias seguistes para
 delante... Y ahora que eh? el hijo no es tuyo? COBARDE!!!
 #cancelado
 Retweets: 0 • Curtidas: 4 • 10/10/2022, 00:00 • [Link](#)

CH Green @chinitaagreen
 Acabo de darme cuenta que novio me mansplainea (?
 #Mansplaining #cancelado
 Retweets: 0 • Curtidas: 0 • 10/10/2022, 00:00 • [Link](#)

Fonte: pesquisa no Atlas.TI

Xitãozinho @NATI84694133

marcos querendo me calar #cancelado

Retweets: 3 • Curtidas: 4 • 28/09/2022, 00:00 • [Link](#)

KEVIN @itskeevin

@Serabates Yo lo haría mierda solo por ese "poquis" guapa. Quién se cree ese Man? #cancelado los 0tes aprenden por las malas

Retweets: 0 • Curtidas: 0 • 01/10/2022, 00:00 • [Link](#)

Diegué @Darizaa1

El @Eduardobau08 se está echando un humor clasista bien loco. #cancelado

Retweets: 0 • Curtidas: 2 • 01/10/2022, 00:00 • [Link](#)

Goey @elxokas169

@jesusalca O sea que si cuesta 1600-1800 no okei #Racismo #Cancelado #Ozuna #BezemeMirei

Retweets: 0 • Curtidas: 2 • 02/10/2022, 00:00 • [Link](#)

Nick_bos @Nicole142984974

#polémica

Un compañero le dijo pelado a una nena con cáncer de instragram y se ríe hasta que supo que tenía cáncer

#cancelado

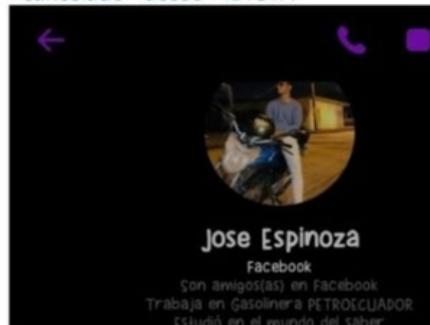
Retweets: 0 • Curtidas: 0 • 29/09/2022, 00:00 • [Link](#)

_@thaizcl

Hola gente, quiero quemar a este idlota que está insistiendo en que le mande pxcks y a pesar de que le digo que no, no para de molestarme.

Ahí les dejo su cuenta para que se la cancelen, lxs amo bai.

#cancelado #acoso #IDIOTA



Retweets: 0 • Curtidas: 0 • 02/10/2022, 00:00 • [Link](#)

tweets p3ndej0s @tweets_p3ndej0s

@vinoypastillas @ShitpostRandom #Cancelado esta tortuga no debe formar parte de esta sociedad #nomasracismo la tortuga fue criada por un miembro del kkk y se demuestra por su desprecio al color negro, esto debe parar, primero fue en persona, y ahora en animales

Retweets: 0 • Curtidas: 0 • 29/09/2022, 00:00 • [Link](#)

Fonte: pesquisa no Atlas.TI

Joaquín @bjdrf

@portalmvd Si antes me parecía un gran pelotu*** ahora me parece un mega pelotu**. Lo más triste de todo es que hay miles de personas que aplauden y se ríen con este nefasto. Cero responsabilidad como ciudadano y menos como comunicador. Deja mucho que decir....lamentable #cancelado

Retweets: 0 • Curtidas: 2 • 29/09/2022, 00:00 • [Link](#)

Lira D. Alvo @lialvo_

Lenilso agressor de animais #cancelado

Retweets: 0 • Curtidas: 3 • 01/10/2022, 00:00 • [Link](#)

Belsy Sánchez Th @BelsySanchezTh

@lfalvarezz Aceptar la diferencia es base de una buena amistad ♀ #cancelada

Retweets: 0 • Curtidas: 1 • 27/09/2022, 00:00 • [Link](#)

Dra. iauraB @limoncito

Lo único bueno de que @maca_online Maca sea la conductora de #LMD5 es que al final terminará #cancelada y va a sepultar su carrera de dizque conductora. Los gays ponen, los gays quitan.

Retweets: 0 • Curtidas: 3 • 28/09/2022, 00:00 • [Link](#)

El Caballo que Ríe @MrJosetoscano

Hyperballad de vdd es sólo la cinica declaración de su autora sobre su constante contaminación del medio ambiente y como ve el deterioro de este como un indicador de su bienestar mental #twisted #cancelada



Retweets: 0 • Curtidas: 1 • 28/09/2022, 00:00 • [Link](#)

Ginoferaa @Ginoferaa

Brune asumí mi género CANCELADA #CANCELADA #Cancun #maleducada #conVidelanopasaba #overparty #muertealoszurdos #quevuelvaelfalconverde #lanochedeloslapices

Retweets: 1 • Curtidas: 2 • 03/10/2022, 00:00 • [Link](#)

Fonte: pesquisa no Atlas.TI

~Fe @frndgr_

me ajudem a cancelar essa pessoa, onde já se viu uma coisa dessas em pleno 2022!!!! #racismonão #cancelamento #toguro #pleno2022



Retweets: 0 • Curtidas: 3 • 02/10/2022, 00:00 • [Link](#)

putafrancesa @putafrancesa

Me lo voy a sacar y no me importa si quedo #cancelada

Una cosa es documentar la ayuda comunitaria y hacia dónde se dirige, otra es el espectáculo que muchos quieren llevar y lo que quieren sacar de esto.

1. La gente no te debe explicaciones NO importa si les estás donando.

Retweets: 1 • Curtidas: 1 • 30/09/2022, 00:00 • [Link](#)

Rodri @rodrigooneee

@gssantiago_14 @fatimabarreraa Q machista ew wakala, #CANCELADO

Retweets: 0 • Curtidas: 0 • 05/10/2022, 00:00 • [Link](#)

ampharos @amparitomrn

y pensar q esta chavala siempre hace sentir mal a la Peña llamándola racista y cosas del estilo... #cancelada pic.twitter.com/VgJUH9kTSR

Retweets: 0 • Curtidas: 1 • 05/10/2022, 00:00 • [Link](#)

RojosMoradosNuncaMas @PcBuild93

@pavese Dónde quedan les jóvenes, lxs jxvxnxs, y demás especímenes, una feminista que discrimina a las minorías no me parece. #cancelada

Retweets: 0 • Curtidas: 0 • 01/10/2022, 00:00 • [Link](#)

P4ulaaa28 @p4ulaaa28_

ALDARA ES HOMÓFOBA #cancelada

Retweets: 0 • Curtidas: 0 • 04/10/2022, 00:00 • [Link](#)

Fonte: pesquisa no Atlas.TI

tua mãe é minha @alessascl

@nseicomoussaiss0 é homofóbico de acordo com matéria publicada de leo dias #cancelado

Retweets: 0 • Curtidas: 0 • 21/09/2022, 00:00 • [Link](#)

Janna banana @YanzhyZ

Carlos es un grosero, abusa de su autoridad, y me habla feo, en verdad me cae mal, es el peor compañero de trabajo, ojalá lo corran

#YaNoMás #Cancelado #Malo #HombresMalos

Retweets: 0 • Curtidas: 2 • 20/09/2022, 00:00 • [Link](#)

tallinho @thpontes13

Sir Criston totalmente homofóbico #cancelado

Shady @shalvsldr

Diego misogino machista ódienlo Diego #cancelado

Retweets: 0 • Curtidas: 0 • 19/09/2022, 00:00 • [Link](#)

madu do 011 | árvore do tt @blondedmadu

@itsgioagain isso é homo e emofobia #cancelada

Retweets: 0 • Curtidas: 0 • 25/09/2022, 00:00 • [Link](#)

Dr0wnb0y @nachota31040724

El @santi_mcqueen es un violador #cancelado #puto #gay

Retweets: 0 • Curtidas: 2 • 22/09/2022, 00:00 • [Link](#)

Bren @bbrendacristal

@FranChagnier hoy le hizo bullying a un perro con 3 patas #cancelado #franisoverparty

Retweets: 0 • Curtidas: 0 • 19/09/2022, 00:00 • [Link](#)

Thati_silvaz @silvaaz_02

Gente rodrigo me chamou de louca #cancelado

Retweets: 0 • Curtidas: 0 • 30/09/2022, 00:00 • [Link](#)

Simon WTF @feedre

@Flordelav escuchaste al chanchi Estevez en #lpa referiste a la comunidad trans cómo #hibridos merece ser #cancelado y sacado de los medios por #discriminador @Flor_de_P #intrusos pic.twitter.com/GfKb1rXKTO

Retweets: 1 • Curtidas: 6 • 21/09/2022, 00:00 • [Link](#)

Fonte: pesquisa no Atlas.TI

Ser Robles @santirrantis
@montsembunsow Bullying en el día de la salud mental ?
#cancelada

Retweets: 0 • Curtidas: 2 • 10/10/2022, 00:00 • [Link](#)

Ana Flavia @Klakveu
Banco imobiliário mundial é um lixo, primeiro que não tem o Brasil, segundo que os países africanos valem menos que os da Europa, isso é eurocentrismo #Cancelado
#Bancoimobiliario

Retweets: 0 • Curtidas: 1 • 09/10/2022, 00:00 • [Link](#)

CatTheBruh @CatTheBruh1
Mateo de oliveira que vive en salou y va al instituto Marta mata con 13 años q va a 1rESO es un homofobico, odia a los gays y a las lesbianas
ODIA A FERNANFLOO
#DramaAlert #funa #cancelado #salou

Retweets: 0 • Curtidas: 0 • 10/10/2022, 00:00 • [Link](#)

Mars @GermanSein
@CaroCambours No te metas con mi cuerpo #cancelada

Retweets: 0 • Curtidas: 0 • 11/10/2022, 00:00 • [Link](#)

Fonte: pesquisa no Atlas.TI

Existem também aqueles *tweets* que parecem estar num espectro entre a exposição e o desabafo, como esses que, muitas vezes, mesmo denunciando possíveis atos de violência acabam incorrendo em violências de mesma ou de diferente ordem (também revelando a razão por detrás das justificativas de violência):

☆☆ @munvingud
@Villegasalejo @Donizquierdo_ @rcnradio Y quien es ese donizquierdo? Es solo un lenguesopa culicagado que tiene 1 video en Facebook y seguidores falsos en twitter... a quien le interesa lo que opine esa basura? No me den más prensa que no lo vale. #cancelado

Retweets: 0 • Curtidas: 0 • 29/09/2022, 00:00 • [Link](#)

@rodrigomcra
@joaopinho_01 Esta música é só para lésbicas #cancelado

Retweets: 0 • Curtidas: 3 • 10/10/2022, 00:00 • [Link](#)

lay_cassy @Lay_cassy660

Hoje queria fazer um exposed da nikki, que só me trata mal e me xinga...por favor me ajudem compartilhando esse caso...vai se Eu der Nicole #cancelados #pobreza #feia

#bellebelinhamererespeito #cancelamento #odeiopobre #gaytudoigual
pic.twitter.com/fa6WSfOVmGpic.twitter.com/fa6WSfOVmGpic.twitter.com/fa6WSfOVmG

Retweets: 0 • Curtidas: 3 • 20/09/2022, 00:00 • [Link](#)

o sal que falta na tua mãe @salboia
@iara34351653 ela é hetero #cancelada #heterofobico

Retweets: 0 • Curtidas: 2 • 22/09/2022, 00:00 • [Link](#)

anonimo sincero @Moura1Sr
Pedro rascista, nasceu com problema mental (falso) e ainda xinga os outros de macaco perneta de um olho so, e ainda tem o bigode do nazista. #cancelado
Reflexao de Miguel #pedrohenriqueviado

Retweets: 0 • Curtidas: 0 • 26/09/2022, 00:00 • [Link](#)

Não é a Carlyne @naoecarolyne
UM MALUCO IDIOTA, RIDÍCULO, BABACA, ESCROTO, QUE EU E MINHA AMIGA ESTÁVAMOS CONVERSANDO NO OMEGLE DISSE PRA MINHA AMIGA QUE TODA GOSTOSA TEM UMA AMIGA CHATA, OU SEJA, ELE ME CHAMOU DE CHATA NA MINHA CARA!!! #CANCELADO

Retweets: 1 • Curtidas: 0 • 18/09/2022, 00:00 • [Link](#)

Marksj723 @marksj723
Eu odeio a Gabi
#cancelada

Retweets: 0 • Curtidas: 1 • 25/09/2022, 00:00 • [Link](#)

🌙 ☆ @yk2lhy
Gabriella sua cu pobre, me abraçou toda suja vey, mano meu uniforme ta fedeno a ovo, terra, folha, água, gordura e cabelo cancelem ela!! #cancelem #gabriellaevelyn #cancelemagabriella #cancelada

Retweets: 0 • Curtidas: 0 • 03/10/2022, 00:00 • [Link](#)

Fonte: pesquisa no Atlas.TI

Bianca @Doudis7
leticia me usurpa pra fazer compras pra ela, me mela de coco e nn espera meu uber cmg #cancelada

Retweets: 0 • Curtidas: 4 • 29/09/2022, 00:00 • [Link](#)

Ray @Alchemist_Ray
Abro hilo de como Susie me ha ignorado en WhatsApp
#cancelada

Retweets: 0 • Curtidas: 1 • 01/10/2022, 00:00 • [Link](#)

Fonte: pesquisa no Atlas.TI

maddi @maaddii89
@illacahla karlak??? eres hetero y finges ser lesbiana por ganar seguidores?? que fuerte!!!! #cancelada



Retweets: 1 • Curtidas: 3 • 10/10/2022, 00:00 • [Link](#)

Canceladas Sin Sentido @CanceladasS
La cancelada de esta ocasión es dirigida hacia la mamá de mi compañere. Señora déjelo ir al viajesito escolar, él ya esta viejo, peludo y se puede cuidar sólito, aunque tenga esa cara si es de confiar, déjelo ir.

No a la homofobia.



Retweets: 1 • Curtidas: 2 • 09/10/2022, 00:00 • [Link](#)

Fonte: pesquisa no Atlas.TI

Coloco aqui também os *tweets* relacionados às pessoas que se “auto cancelam”, aparentemente como um desabafo satírico, o que demonstra também o alcance que a *cultura do cancelamento* tem através da cultura popular:

Su Ałtezza Serenışunja @su_altezza
Jajajajajaja. Soy la mas cancelada.
Que padre caso.
Aún así me pelas toda la verga.
#cancelada #sisoy

Retweets: 0 • Curtidas: 2 • 25/09/2022, 00:00 • [Link](#)

Andrews Nycollas @andrewsnycollas
E esse artista aqui que jurava que ia poder votar na embaixada e descobri que tinha que ter transferido o título pra cá 5 meses atrás... #Cancelado twitter.com/leandroneko/st...

Retweets: 0 • Curtidas: 0 • 29/09/2022, 00:00 • [Link](#)

Fonte: pesquisa no Atlas.TI

Ainda nesse desdobramento da *cultura do cancelamento* da nossa sociedade, trago um tweet que demonstra explicitamente a complexidade do fenômeno, já que parece ter um caráter de desabafo, usando *hashtags* (#) em tom de grave denúncia; porém, ao ser analisado, o tweet nos revela que a gravidade das *hashtags* (#) não é condizente com o conteúdo que está escrito nele, o que nos permite presumir até mesmo uma banalização de temáticas sérias como a do machismo, da xenofobia e do racismo citados via *hashtags* (#):

Aria Aarseth @Ariashiyo
RAFAEL MACHISTA NAO DEIXOU EU PASSAR SLIDES
#CANCELAMENTO #MACHISTA #XENOFOBICO #RACISTA
#MACHOESCROTO

Retweets: 0 • Curtidas: 1 • 30/09/2022, 00:00 • [Link](#)

Fonte: pesquisa no Atlas.TI

Por conseguinte, outra categoria interessante de se prestar atenção são os *tweets* de pessoas falando sobre a *cultura do cancelamento* indiretamente, o que pode tanto facilitar

a constatação do fenômeno quanto nos ampliar a perspectiva acerca dele, através das opiniões dos próprios internautas, auxiliando-nos a notar que existem pessoas insatisfeitas com os desdobramentos dessa cultura, com uma fala, inclusive, chamando de desocupados aqueles que se propõem ao *cancelamento*, o que também nos revela nesse discurso aquilo que falamos sobre o caráter tecnocrático de nossa sociedade; também encontrei *tweets* que nos assinalam acerca das consequências dessa cultura para as vidas das pessoas *canceladas*:

Amazonas Atual @AmazonasAtual

Apresentador Milton Neves foi criticado pelo namorado da jogadora após publicar vídeo. #miltonneves #jogadora #criticado #cancelamento #video #apresentador #AmazonasAtual

LEIA MAIS abre.ai/e6Nt

Retweets: 0 • Curtidas: 1 • 27/09/2022, 00:00 • [Link](#)

felipinholovesosa @felipesvrt

@rottenrawheart olha o #cancelamento vindo ai Retweets: 0 • Curtidas: 1 • 19/09/2022, 00:00 • [Link](#)

Maria Eugênyia @myapacioni

Tô com pena do guerreiro Adam Levine sendo #cancelado pelos xavecós online, sendo que ele é péssimo nisso.

Retweets: 0 • Curtidas: 3 • 22/09/2022, 00:00 • [Link](#)

Fonte: pesquisa no Atlas.TI

Que no salga de aquí @quenosalga

✘ El huracán Tamara Falcó le ha convertido en el "villano de España".

"Despedido temporalmente" de sus locales, se plantea huir a México con su padre. Su familia aquí, sobrepasada.

#tamarafalcó #InigoOnieva #cancelado #Infidelidad #debate @NiusDiario

niusdiario.es/vida/visto-oid...

Retweets: 0 • Curtidas: 0 • 03/10/2022, 00:00 • [Link](#)

Tiago Reis @tiagoreiscg

Quem se atreve a empreender uma ideia ou um projeto corre sérios riscos de ser "cancelado" por quem nada faz, nada produz [é assim desde que o mundo é mundo].

"O que você faz das consequências de um fracasso hoje determinará o seu êxito amanhã."

#bomdia #cancelamento pic.twitter.com/8IMRmoFrS6

Retweets: 0 • Curtidas: 0 • 23/09/2022, 00:00 • [Link](#)

Necro_Ignaltus2 @Necro_Ignaltus2

Tá chegando filmaço de Hellraiser. E como não devia faltar, já temos cancelamento no twitter.

#hellraiser2022 #Twitter #CANCELAMENTO



Retweets: 0 • Curtidas: 1 • 29/09/2022, 00:00 • [Link](#)

Fonte: pesquisa no Atlas.TI

Outra parte do espectro comum do fenômeno é o *cancelamento* de celebridades, que pode ser visto a partir de *tweets* que apresentarei a seguir (que vão tanto *cancelar*, quanto falar sobre os *cancelamentos*); e que, em análise, permite-nos perceber (que ao menos na

época pesquisada) que se direcionam principalmente para celebridades participantes de um *reality show* específico e uma Telenovela, porém, também aparecem *tweets* voltados a personalidades, geralmente queridas pelo senso comum, como Gilberto Gil e Preta Gil.

Além disso, as *hashtags*, nesse sentido, não são usadas apenas para realizar o *cancelamento*, também são utilizadas para emitir opiniões acerca do fenômeno. Como no caso de um(a) internauta que diz não entender o *cancelamento* de uma das celebridades, e outros(as) que denunciam o racismo e o preconceito sofridos por Karol Conká, comparando seu caso com o de uma celebridade chamada Deolanes que, segundo um(a) dos(as) internautas, não foi *cancelada* apenas por ser “branca, loira, rica e influente”, o que também pode ser configurado como constatação dessa cultura sendo utilizada como tecnologia de violência pelos autoproclamados *sujeitos-hegemônicos* para a opressão das diversidades; confira os *tweets* na íntegra:

Audaz @well_beleuza
@bibidafazenda #cancelada

Retweets: 0 • Curtidas: 0 • 06/10/2022, 00:00 • [Link](#)

Lene @Lene73441711
@cristinananda_ #cancelada

Retweets: 0 • Curtidas: 1 • 05/10/2022, 00:00 • [Link](#)

Fonte: pesquisa no Atlas.TI

Thalita @Thalita191919

Gente como essa mulher ainda não foi #cancelada? Vezes pior que Carol Conka. Vai além de baixaria esse grupo, ameaças pesadas, já falou em bater, atirar, falarem até que tem "DEDO MOLE"? se a #Recordtv não parar esse grupo, pf galera tirem todos! #cancelem #demolandia #AFazenda14 twitter.com/diegoschueng/s...

Retweets: 0 • Curtidas: 1 • 05/10/2022, 00:00 • [Link](#)

Lia Rodrigues ❤️ @ElianeR22189422

#ProvaDeFogo Gentem! Tô a cd dia mais passada!!! Que mulherzinha escrota é essa Deolane e seus baba ovo,a turma da(deoneslandia)a coitadinha foi chorar tô comovida, estão todos contra ela...#saifora! #CANCELADA!!!!#ARROGANTE!

Retweets: 0 • Curtidas: 2 • 27/09/2022, 00:00 • [Link](#)

fernnanndo @fernnanndo32
@PretaGil #cancelada

Retweets: 0 • Curtidas: 0 • 02/10/2022, 00:00 • [Link](#)

Bruno Costa @CostaBruno26

#RedeGlobo ,não vejo graça nenhuma nessa #JadePicon , #cancelamento dela.

Não irei gastar energia assistindo #Travessia por causa desss biscoito #ForaJadePiton

Retweets: 0 • Curtidas: 1 • 03/10/2022, 00:00 • [Link](#)

Thamyres Fernanda @Thamyre13635205

@Dantinhas O Dantas vamos supor

Que a deolane sofre negra

Duvido ela não estaria cancelada né ?

A diferença de cores né

E a diferença do tratamento

Uma branca Rica

Se fosse uma Karol cm o

Da vida!

Tava era #cancelada #Respeito

Retweets: 0 • Curtidas: 0 • 05/10/2022, 00:00 • [Link](#)

Fonte: pesquisa no Atlas.TI

Portal Nation POP @portalnationpop
Qual o seu motivo para ser canceladah hein Nationpoper? Diz ai!

#afazenda14 #afazenda #cancelada #cancelados
#subcelebridades #famososdainternet #DeolaneBezerra
#luisasonza #debora #petala pic.twitter.com/pza7ykVrOZ
Retweets: 0 • Curtidas: 0 • 21/09/2022, 00:00 • [Link](#)

Dai Costa Brasil #powercouple @DaiCostaBrasil1
Para a deolixo o Vini está melhorando como que pode essa mulher é contraditória meu deus...#fazenda14 ninguém tá pegando ranço não deolixo da @OficialDeborahA se manca #cancelada
Retweets: 0 • Curtidas: 2 • 06/10/2022, 00:00 • [Link](#)

yokinho @Yokinho_1
e esse #cancelamento da luisa sonza e so pq ela pediu agua nao entendi
Retweets: 0 • Curtidas: 0 • 24/09/2022, 00:00 • [Link](#)

Mario Sincero @MarioSincero4
#cancelamento ao Gilberto Gil twitter.com/projetochad/st...
Retweets: 0 • Curtidas: 1 • 22/09/2022, 00:00 • [Link](#)

RealitySincero @SinceroReality
Deborah está
DE-SES-PE-RA-DA
#cancelada #RocaAFazenda
Retweets: 1 • Curtidas: 1 • 21/09/2022, 00:00 • [Link](#)

Ana Rodrigues @AnaRodr48796661
@_AFazenda14 Essa fazenda tá errada #Pétala falou com a mãe dela pela a Netflix tem que ser #cancelada #Forapetala
Retweets: 0 • Curtidas: 0 • 07/10/2022, 00:00 • [Link](#)

Lohayne Fantasy @Lolozinha_23
#Foraaa @Dra_Deolane #Rua #JogoSujo #JogoBaixo
#Barraqueira #O_Público_Te_Espera #Cancelada #Personagem
@afazendarecord #Pedi_Pra_Sair #AFazenda14!!
Retweets: 0 • Curtidas: 0 • 28/09/2022, 00:00 • [Link](#)

Área VIP @areavip
A Fazenda 14: Deolane Bezerra expressa preocupação: "eu vou sair #Cancelada" - #AFazenda14 #DeolaneBezerra #RecordTV areavip.com.br/a-fazenda-14/a...
Retweets: 0 • Curtidas: 0 • 27/09/2022, 00:00 • [Link](#)

Fonte: pesquisa no Atlas.TI

Marinho Ferraz @marfeofc
@Dra_Deolanes é MUITO PIOR do que a @Karolconka . Só não é massacrada pelo público por ser BRANCA, LOIRA RICA E INFLUENTE. Eu nunca vi um ser humano tão baixo e podre como esse.
#ForaDeolane #RocaAFazenda #ProvaDoFazendeiro
#AFazenda14 #Cancelado #EliminacaoAFazenda #Rtt #RT



Retweets: 2 • Curtidas: 16 • 05/10/2022, 00:00 • [Link](#)

Fonte: pesquisa no Atlas.TI

Apareceram também em minhas pesquisas outros *tweets*, como os que apresentarei, que reforçam a questão do próprio movimento do *cancelamento*, que surge com a intenção de expor e denunciar crimes e violências invisibilizadas por populações oprimidas, cooptado pelos autoproclamados *sujeitos-hegemônicos* e reproduzido também como violências racionalizadas. Podemos até perceber no primeiro tweet que irei apresentar que uma das

hashtags (#) tenta disfarçar a violência cometida, sinalizando se tratar de uma comédia; outro que ataca a população trans e um último que, chamando uma pessoa que aparece numa foto, de lésbica (em espanhol) em caixa alta, é seguido por *#cancelada* (esse último também pode soar como uma interação entre conhecidos, porém, por revelar um caráter LGBTfóbico, foi apresentado aqui):

TheMalCriado @TheMalCriado

Por que é que as vítimas de violência doméstica nunca sabem escrever? Duvido que levem tanto ao ponto de não saber pôr vírgulas e acentos eu quero apoiar mas foda-se, não me deem trabalho

@frasesdem3rda @@DiogoBataguas @danielcarapeto
#comedia #cancelamento #apav

Retweets: 0 • Curtidas: 0 • 26/09/2022, 00:00 • [Link](#)

Joás da Lílian @joasinacio

E o *#MarkDriscoll* que foi *#cancelado* por dizer que homem não fica grávido... *#TemposSombrios* esses..

Retweets: 0 • Curtidas: 0 • 28/09/2022, 00:00 • [Link](#)

Nacho Chaile @ChaileNacho

Sofia LESBIANA cancelada *#cancelada*



Retweets: 0 • Curtidas: 0 • 29/09/2022, 00:00 • [Link](#)

Fonte: pesquisa no Atlas.TI

Outra categoria relevante de prestarmos atenção nesse momento histórico em que estamos vivendo é a de *cancelamentos* de políticos, ou a que usa da *hashtag* (#) para pronunciar opiniões políticas. Notou-se que aqui (como em outras circunstâncias), as *hashtags* (#) também foram usadas não só para promover *cancelamentos*, mas para anunciar opiniões e até mesmo apenas para gerar engajamento¹⁷ dos *tweets*. *Tweets* esses que demonstram a divisão dicotômica presente no campo político de nossa sociedade brasileira, confira:

talvez o andrey @cashdeyy

EU SOU BOZO 22 *#BrasilDaEsperanca* *#Eleicao2022*
#BrasilVotaBolsonaro22 *#BrasilcomZ* *#Cancelado* *#respeitem*
#minhaopiniao *#Nikolas*

Retweets: 0 • Curtidas: 1 • 03/10/2022, 00:00 • [Link](#)

Junao @JunaoGamer

#LulaNo1ºTurno
E essa doida, espalhando, fake News, faltando algumas dias para eleição essa mulher dá uma dessa *#cancelada*
pic.twitter.com/oe4MaSgTdP

Retweets: 0 • Curtidas: 0 • 27/09/2022, 00:00 • [Link](#)

Fonte: pesquisa no Atlas.TI

¹⁷ Quando utiliza-se uma hashtag em alta, ou seja, que está sendo muito usada, você acaba surfando numa onda de compartilhamentos e de alcance ampliado a mais pessoas. O que faz com que algumas pessoas utilizem certas hashtags apenas para alcançarem mais contas de *usuários*.

Suélida Cavalcanti @Sullkcavalt
Observando esse mimi fulano é MAÇÔNICO.
Pessoal quanta burrice! Quem tem um tiquinho mais de QI sabe que boa parte de quem é envolvido com:

- Política
- Forças militares
- Poder Judiciário
- Tudo que dê para governar e ter poder de lei. 80% é MAÇÔNICO

#maçonaro #cancelado
Retweets: 0 • Curtidas: 0 • 05/10/2022, 00:00 • [Link](#)

Márcia Mourão Abençoada @AbençoadaMarcia
@Carlinhosmaiaof Você que está decepcionando todos que gostam de você!!!!
#CANCELADO
#BolsonaroNoPrimeiroTurno
pic.twitter.com/ZZgwMKgyUf
Retweets: 0 • Curtidas: 0 • 01/10/2022, 00:00 • [Link](#)

baby @LindaBaby_
Só NÃO votem no BOLSONARO pq né o objetivo é tirá-lo da presidência. ✘
#cancelado
#EleNao
Retweets: 0 • Curtidas: 0 • 02/10/2022, 00:00 • [Link](#)

Pseudo Mauromba @MauroPacheco_15
Só pq eu falei que não gosto de falar de política o cara postou um story mandando eu ir estudar e crescer! Sem paciência
#Cancelado
Retweets: 0 • Curtidas: 2 • 30/09/2022, 00:00 • [Link](#)

marcelo miranda @marcelomirandha
@cirogomes Vergonha na cara é artigo de luxo? #mito22
Você é nada mais nada menos que uma vergonha e provou agora mais do que nunca que estava tentando enganar o povo brasileiro pra se beneficiar do mesmo que sempre fez, trabalhar no governo esquerdista e comunista! #cancelado
Retweets: 0 • Curtidas: 0 • 04/10/2022, 00:00 • [Link](#)

Reis Lima Quarteu @reisquarteu
#Cristão, "#cancelado" e anti-#feminismo: quem é #NikolasFerreira, o #deputado eleito com mais votos no #Brasil? observador.pt/2022/10/03/cri...



Retweets: 0 • Curtidas: 0 • 05/10/2022, 00:00 • [Link](#)

Fonte: pesquisa no Atlas.TI

ricardo oliveira @ricabrasileiro
@arthurmoledoval @GuilhermeBoulos #Cancelado
Retweets: 0 • Curtidas: 0 • 07/10/2022, 00:00 • [Link](#)

Horuhe Ruise @Horuhe_
Impressionante que a @StanMilu usa de falsas acusações, gente essa mulher é esquizofrenica !!!
Não deem credibilidade pra gente como ela

#apoiabolsonaro #afavordoolocausto
#faleimesmo #cancelada #familia
Retweets: 0 • Curtidas: 0 • 28/09/2022, 00:00 • [Link](#)

Willzera @Williaan777
@pedroassiis_ Bolsominion. #cancelado gado
Retweets: 0 • Curtidas: 1 • 01/10/2022, 00:00 • [Link](#)

talvez o andrey @cashdeyy
EU SOU BOZO 22 #BrasilDaEsperanca #Eleicao2022
#BrasilVotaBolsonaro22 #BrasilcomZ #Cancelado #respeitem
#minhaopiniao #Nikolas
Retweets: 0 • Curtidas: 1 • 03/10/2022, 00:00 • [Link](#)

Mito 2022 vota 2 2 @mito1000x
O loola #cancelado pelos amiguinhos corruptos após perder vai ser geral ! #lulacancelado pic.twitter.com/BKMallq2w1
Retweets: 0 • Curtidas: 0 • 05/10/2022, 00:00 • [Link](#)

Hellen @hellencostap
Medo de ir dormir e o satanás me visitar
#Baphomet #maçonaro #cancelado #maconaria
Retweets: 0 • Curtidas: 1 • 05/10/2022, 00:00 • [Link](#)

Fonte: pesquisa no Atlas.TI

DANYEL MATYER @ANIMESH59047041

Eu e minhas cachorras auau

#CANCELADO #opt #lula #maconaria



Retweets: 0 • Curtidas: 0 • 05/10/2022, 00:00 • [Link](#)

Fonte: pesquisa no Atlas.TI

Uma categoria de *tweets* também muito relevante na nossa contemporaneidade são aqueles que revelam um caráter religioso atrelado ao *cancelamento*. Nessa pesquisa apenas uma conta apareceu emitindo opiniões com o mesmo cunho, através de dois *tweets*, atrelando o *cancelamento* à fúria de um deus, perceba:

Andreu @andreuofficial

@FarrukoOfficial #Billboards2022 ese farruko es el diablo, no se escapará de la furia de Dios #cancelado #latinbillboards2022

Retweets: 0 • Curtidas: 1 • 30/09/2022, 00:00 • [Link](#)

Andreu @andreuofficial

Por más que @FarrukoOfficial quiera poner a Dios en el marketing, no se escapará de la furia de Dios, ese farruko es el diablo burlándose. #latinbillboards #farruko #cancelado

Retweets: 0 • Curtidas: 1 • 30/09/2022, 00:00 • [Link](#)

Fonte: pesquisa no Atlas.TI

Não obstante a isso, trago também um *tweet* que demonstra que o *cancelamento* não ocorre só pelo posicionamento ou conduta de alguém (ou alguma instituição), mas também pelo não posicionamento, preste atenção:

Diana Ulisses @Dianaulisses
 @GalisteuOficial Depois das ofensas baixo nível que essa Roseane fez fiquei com vergonha de você ser conivente com ofensas a outra mulher uma apresentadora que na hora de se posicionar sobre uma participante ter sido chamado de SENHORA que n é ofensa alguma n pensou 2x mas hj se calou.#CANCELADA
 Retweets: 1 • Curtidas: 5 • 30/09/2022, 00:00 • [Link](#)

Fonte: pesquisa no Atlas.TI

Assim como também um tweet que demonstra o medo de se expressar, reclamado por algumas pessoas em nossa sociedade, que vem surgindo como algo comum, devido ao risco do *cancelamento*. O que revela também que o *cancelamento* surge como uma força de silenciamento de pessoas e opiniões consideradas indesejadas. Bem como com o efeito de provocar medo na expressão livre, sustentado pela razão de que essa expressão pode, na verdade, ser ou incentivar crimes ou a opressão de grupos de pessoas, em nossa sociedade:

 @thailaland
 @pughstwrtr pois eu pensei a mesmíssima coisa mas não falei nada por medo do #cancelamento
 Retweets: 0 • Curtidas: 0 • 10/10/2022, 00:00 • [Link](#)

Fonte: pesquisa no Atlas.TI

Por fim, o último tweet que quero apresentar, é um que poeticamente nos traduz como tem sido a experiência dos usuários da plataforma *Twitter*:

RedGui Nada Sad @RedNadaSad
 Bem-vindo ao Twitter,
 Oque quer encontrar ?
 Pessoas sem roupa,
 Ou uma treta sem lugar,
 Temos flores (venenozas),
 Pessoas (Horrorosas),
 Humanos carecas,
 Homens Astecas sem cueca,
 Bem vindo ao Twitter,
 Oque que você vai ler,
 Temos achismos infinitos para te entreter. #cancelado.
 Retweets: 0 • Curtidas: 0 • 01/10/2022, 00:00 • [Link](#)

Fonte: pesquisa no Atlas.TI

Além do movimento através das redes sociais, a *cultura do cancelamento* parece apenas ser a ponta de um fio que, quando puxado, revela um emaranhamento muito maior do novelo das violências humanas, praticadas pela hiperracionalização, falta de

autorresponsabilidade e falta de *presença compassiva*. E mesmo o fenômeno aqui tendo sido contornado em sua expressão por meio de uma rede social, presente na *tecnosfera*, revela questões da vida prática e cotidiana dos seres humanos.

Movimentos perseguindo pessoas não são incomuns na história humana, por todos os lados, mudam-se as justificativas e permanecem as perseguições. Desde a santa inquisição¹⁸, os movimentos fascistas e nazistas, a perseguição das populações LGBTQIAP+, negras e indígenas (em diversos momentos históricos), até a perseguição pela burguesia dos governantes regentes (rei e rainha, e corte), durante a Revolução Francesa, em nome da *liberdade, igualdade e fraternidade*.

Sendo que essa última é uma conhecida perseguição, que pode nos auxiliar a entender a lógica exposta anteriormente. De que ora oprimidos, esses, quando vencem a guerra contra os opressores, podem acabar instaurando um novo regime de opressões (vide o capitalismo global que vem da vitória da burguesia). Bem como, pode nos auxiliar a compreender que não são apenas os mais oprimidos a lutar contra a opressão, e que, na verdade, se prestarmos atenção, perceberemos que os mais oprimidos costumam investir sua energia em sobreviver ao aniquilamento, e que são geralmente outros(a), nutridos(as) pela razão de que são salvadores(as)¹⁹ dos(as) menos afortunados(as), ou justamente mobilizados por uma compaixão e revolta, aqueles que erguem as bandeiras da guerra contra a opressão dos demais.

Por isso, o chamado à autorresponsabilidade é para todos(as), mas principalmente para aqueles(as) que não estão na luta diária pela sobrevivência. Pois esses últimos, evidentemente, têm algo muito mais urgente a fazer por eles mesmos. Todavia, é um chamado àquelas e àqueles de nós que são de fato mobilizados por uma compaixão e uma revolta justas em nome da *dignidade* e direito à vida de todo ser deste planeta (independente de quem seja). Rogo que tratemos com a devida atenção a questão da hiperracionalização, da autorresponsabilidade e da *presença compassiva* (a primeira combatida e às duas seguintes defendidas); retomando sempre a consciência de que somos *inter-ser*. Para podermos ir além dos ciclos repetitivos de violência, sustentados por apontamentos e projeções acerca daquilo que acreditamos que deve ser mudado fora de nós.

Para se integrar essa disposição aos nossos pensamentos e ações. Pois em nosso planeta ainda é comum que exista a institucionalização de políticas de extermínio engendradas pela lógica colonizadora, para autorizar a morte, perseguição e aniquilação daquelas(es) que não são o autoproclamado *sujeito-hegemônico* (branco-de-classe-privilegiada-heterocisnormativo). Assim como autorizar a devastação ambiental por esse mesmo sujeito. Portanto, faz-se compreensível a mobilização coletiva em nome de todas(os) nós.

¹⁸ Escrevo em minúsculo como discordância e revolta para com o prefixo santa atribuída à inquisição.

¹⁹ Aqui vale lembrar do conceito de salvamento apresentado anteriormente, relacionado a uma crença irreal de benfeitoria, como fuga de perceber a si mesmo de forma vulnerável, para assim poder estabelecer relações de *intimidade* com os demais.

Trago uma experiência²⁰ que tive, para facilitar que percebamos a constatação dessa importância quando, ao conversar com uma mulher e mãe negra de um filho negro, em desabafo, ela me disse que desde cedo ensinou para seu filho que não deveria correr em hipótese alguma se passasse por perto de um policial ou um carro da polícia. O que nos revela o medo de certas populações em nosso país (o Brasil) ao lidarem com uma instituição governamental (como as forças policiais de patrulhamento, por exemplo), devido à institucionalização de políticas de extermínio em nossa sociedade (como o racismo, neste caso, estruturado por um projeto genocida de Estado, endossado pela lógica da democracia racial), que pinta um alvo nas costas de certas populações, marcadas pela cor de sua pele, ou em outros casos até mesmo pelas roupas e pelas expressões ou modificações corporais (por exemplo, como quando isso ocorre com populações de pessoas LGBTQIAP+), etc. Daí, uma das grandes importâncias de nos mobilizarmos pelo fim dessas mazelas; lembrando que o movimento social pelo fim desses sofrimentos é uma responsabilidade coletiva, ainda mais, das pessoas que fazem parte das populações falso-hegemônicas que devem se empenhar em combaterem as violências criadas pelas mesmas crenças que as permitem usufruir de seus privilégios sociais.

Porém, volto a ressaltar, diante dessa complexidade, que apenas frente à *presença compassiva* é que compreendo que podemos reduzir a reprodução das violências perpetradas, também, pelos próprios movimentos sociais. E que o ódio, enquanto afeto, pode ser uma estratégia de sobrevivência (como defendido por alguns movimentos sociais), mas não parece que ele possa nos conduzir a uma transcendência dos circuitos de violência. É comum que se fale do ódio quando se tenta falar da raiva e da revolta; porém, defino que o primeiro está para um sentimento (ódio), o segundo para uma emoção (raiva) e o terceiro para um *estado de ânimo* (revolta). Aqui, gostaria de sugerir que entendamos as emoções como *estados psico-químicos* que não duram mais do que alguns instantes, e que são acionadas por acontecimentos externos que ativam gatilhos internos em nós (e que essas devem ser vividas sempre que surgem). Por conseguinte, também sugiro que compreendamos os sentimentos enquanto uma espécie de *estado mental-emocional* (psíquico), que nos fazem reviver emoções, devido a gatilhos afetivos, sustentados por cenas mentais repetitivas que carregamos na memória (consciente ou inconscientemente). Bem como compreender a revolta, como um *estado de ânimo*, que está entre os dois anteriores, pois surge de um evento afetivo-emocional (geralmente mobilizado pela raiva), mas que não dura tempo o suficiente em nosso sistema psíquico para que se torne um sentimento como o ódio. Portanto, facilitando com que, ao senti-la, não caiamos na monstrificação dos sujeitos; algo que pode ser recorrente quando cultivamos o estado sentimental do ódio.

Voltando aos *tweets* de *cancelamento*, algo que conversando com minha orientadora nos perguntamos, frente ao contato com eles, foi acerca de como em nossa sociedade parece se estar banalizada a exposição de opiniões, da vida privada, de pessoas e de

²⁰ Essa experiência é trazida com a autorização e incentivo das pessoas envolvidas.

níveis da vida, ainda por muitos considerados como íntimos. O que me faz recordar de um neologismo: a palavra extimidade. Num sentido de tornar pública a vida íntima. Quase como uma espetacularização da esfera pessoal ou como uma atualização sobre o que é íntimo e o que é público em nossa contemporaneidade.

Esta questão pode nos revelar uma derrocada dos muros que separam até então o pessoal do coletivo; o que, ao meu ver, pode fazer parte de um período de adaptação a uma nova forma de relacionarmos-nos uns(umas) com os(as) outros(as). Muito mais conectados(as) com a consciência de nosso caráter de *inter-ser*. Todavia, como pontuei, parece que ainda estamos compreendendo coletivamente o que significa essa queda dos muros e desmarcação²¹ das fronteiras coletivas, no que talvez esteja nos sinalizando a importância de que nos reconheçamos não mais separadamente (em Nações geopoliticamente definidas), mas enquanto *inter-seres* planetários.

Esse mesmo movimento planetário, acelerado pela globalização e pela popularização da *internet*²², parece estar vindo nos convidar a uma nova possibilidade de autoconsciência, auxiliando-nos a sofisticar a autopercepção de nós mesmos dentro da *teia da vida*. Convidando-nos também a repensar nossas bordas e *vulnerabilidades* relacionais.

Por sua vez, retornando ao fenômeno da *cultura do cancelamento* para além das telas que nos revelam as redes sociais, penso que é relevante também que se fale sobre os desdobramentos do fenômeno na vida cotidiana dos sujeitos; e para isso irei pontuar brevemente acerca de minha própria experiência com o *cancelamento*. Doravante, aqui, relembro que se trata de um relato pessoal sobre esses acontecimentos em minha vida, com o intuito de dar acesso a você um pouco de minha jornada através dessa experiência.

Eu fui *cancelada*; e meu *cancelamento*, ao menos para mim e para aquelas pessoas próximas a mim, não foi declarado como tal por meus/minhas *canceladores(as)*. Na verdade, o não-dito²³, e a perseguição indireta era o operativo comum dessas pessoas. O que interpreto ser, tal como acontece no *cancelamento* pelas redes sociais, em que as pessoas costumam usar do distanciamento (espacial e simbólico) da *internet*, para se posicionarem com a sensação de que não serão responsabilizadas por seus atos. Em minha experiência, aquilo que soou para mim como ódio a minha pessoa, a meu ver, parece ter unido as pessoas em volta da causa comum de me *cancelar*. O motivo de meu *cancelamento* foi baseado em calúnias e difamações, geradas por questões pessoais de uma pessoa para comigo. Como minha intenção aqui não é explicar o ocorrido, e sim, apenas relatar minha experiência de *cancelamento*, limitar-me-ei a essas colocações, também porque hoje interpreto que o que estava sofrendo advinha de uma exceção, derivada da banalização de pautas sérias (em minha opinião), e não tenho o interesse em corroborar com essa banalização.

No início de minhas perseguições eu não entendia de fato o porquê estava sendo

²¹ Retirada das marcas.

²² Mesmo que ela ainda não esteja presente em muitos cantos do planeta.

²³ Aquilo que está implícito, que não é dito diretamente.

perseguido²⁴. Pois, o *cancelamento* que sofria, estava sendo baseado em mentiras inventadas por uma pessoa. De fato, descobri o real motivo de estar sendo *cancelado* apenas tempos depois (da constante vivência das perseguições que sofri), por meio de uma pessoa que, ao saber do que se passava, veio questionar-me sobre aquilo que estava sendo dito a meu respeito. Nesse ponto (já bem adiantado no decorrer dessa história), considero que foi quando pude, realmente, viver um grande alívio. Lembro-me que ao descobrir do que de fato se tratava, chorei. Quase como se tivessem tirado o peso do planeta de cima de minha cabeça! Minha vontade de autorresponsabilidade, somada a minha autocrítica, tirou-me a paz por muito tempo, afinal, não sabia de fato, até aquele momento, o porquê estava sendo perseguida. E talvez por não ter uma boa relação com a exclusão (ao longo da história de minha vida); lidar com violências justificadas por um não-dito que pareciam comumente dar razão para que as pessoas cometessem as mais variadas agressões para comigo, fez-me sofrer muito. Porém, também ao descobrir o que estava por trás do meu *cancelamento* compreendi o tamanho da dor real que possivelmente foi ou é experienciada coletivamente pelas demais pessoas que estavam me cancelando, aquelas que realmente acreditavam na história propagada pelo *cancelamento*. Entendi que essa dor gerava um sofrimento que poderia estar relacionado com suas próprias histórias pessoais, e aprendi a compreender que nem tudo que o(a) outro(a) acredita ser verdade sobre nós, de fato o é (e isso foi muito importante no processo de transcender meu próprio sofrimento).

Considero o ocorrido enquanto um *cancelamento* devido à perseguição organizada que visou impedir-me de frequentar locais variados, públicos, privados e comunitários, desde lugares seguros para a comunidade LGBTQIAP+, eventos de cultura e arte, até ambientes universitários; tudo realizado (como chegou até o meu conhecimento na época) por meio da articulação virtual através de grupos em um mensageiro instantâneo (o popular *WhatsApp*).

Do meu ponto de vista, essa perseguição articulada parece ter sido fundamentada em razão de imagens atribuídas às ideias feitas sobre a minha pessoa e personalidade, que por sua vez, foram baseadas nos já citados boatos e mentiras contados sobre mim. Porém, mesmo que no meu caso essas imagens tenham sido construídas a partir do que eu considero serem calúnias, é importante recordarmos que toda e qualquer imagem que tente cristalizar alguma pessoa a um momento de sua existência, a um comportamento tido em seu dia a dia ou, mais grave, a ideias advindas de julgamentos moralizantes feitos por nós a seu respeito, advém, respectivamente, do não reconhecimento da liberdade dessa pessoa de mudar, e da ideia egocêntrica e ilusória de que possuímos a capacidade de saber quem é o(a) outro(a) (confinando-o(a) e restringindo sua autenticidade *performativa*). Aqui podemos perceber novamente a razão servindo como instrumento para a perseguição.

Por conseguinte, voltando à questão do meu *cancelamento*, trago a respeito de um dos momentos mais difíceis que vivi durante seu decorrer, que foi quando já perseguida

²⁴ Na época apenas sabia que se tratava de algo relacionado a essa pessoa em questão.

por algum tempo, fui *cancelada* de um evento em que eu e um amigo, íamos realizar um trabalho voluntário com foco na promoção de uma *cultura de paz*. Lembro que na ocasião, minha ídole foi questionada por uma das organizadoras do evento, que persuadida por meus/minhas *canceladores(as)*, questionou minha integridade sem dizer nitidamente o porquê estava fazendo isso. Mesmo sem quaisquer provas, respaldo legal, ou, talvez, até conhecimento mais profundo da situação, acusou-me não apenas de ter feito coisas que não fiz, mas também de ser uma má pessoa; e depois, além desses julgamentos e condenações morais, num tom irônico, zombou de mim, satirizando meu *cancelamento*, enviando uma imagem com a foto de nosso trabalho com uma grande tarja vermelha em cima, em que estava escrito: CANCELADO. Eu tive que lidar com isso instantes antes de ter que dirigir na BR 101, e esse foi um dos momentos mais desesperadores de meu processo depressivo, quando em uma crise, eu quase invadi a contramão com meu carro enquanto passava um caminhão. Falar disso hoje, após tanto tempo e psicoterapia, ainda me gera alguma angústia, porém, sou grata por estar viva e ter sobrevivido a esse momento difícil de minha vida.

Outros acontecimentos, como quando fui impedida de apresentar minha arte num sarau cultural, constrangida no local, por uma mobilização feita por meus/minhas *canceladores(as)*, não da mesma forma, mas também me marcaram. Bem como, deixaram marcas, outras violências que chegaram até o ponto desse grupo de pessoas mobilizadas buscar me expulsar ativamente dos únicos espaços em que eu ainda conseguia me sentir segura e pertencente (os ambientes universitários). Tudo isso acabou, infelizmente, me levando até uma difícil depressão (como já citei), de onde consegui sair com o auxílio das psicólogas acolhedoras e potentes que encontrei pelo caminho, e da Sagrada Medicina da Floresta Amazônica, Ayahuasca; que me ensinou (e me ensina) muitas lições sobre a *liberdade do puro ser*, a *presença compassiva* e o amor, enquanto ação atenta e disciplinada em minhas relações comigo e com o mundo. Descobri que *abrir nosso coração dói*, mas que ao experienciar grandes sofrimentos como esse, exercitando a *desidentificação* daquilo que vivemos e até que pensamos que somos, podemos nos tornar mais *presentes compassivamente*.

Nisso tudo, aprendi muito sobre mim, descobri quem realmente fui até ali, libertando-me da sombra das imagens que foram atreladas a mim por essas pessoas. Descobri também, a partir disso, quem queria me tornar dali em diante; e como já mencionei, aprendi sobre a potência transformadora da *presença compassiva*, seja de nós conosco, com o(a) outro(a) ou com o meio em que vivemos. Visitar aquelas que chamo de *minhas sombras* (numa reverência à tradição xamânica), que conheci vivendo a dor de pensar que, se nem num espaço que visa acolher o diverso eu poderia ser, talvez não haveria lugar para mim no mundo, sinto que me fez renascer mais forte e em paz, e que esse renascimento tem sido algo constante desde então. Ali, nessa travessia pelas *sombras*, aprendi a abrir meu coração para a compaixão, de um modo que jamais tinha feito antes; ali transcendendo as minhas dores pessoais, da sensação de ser injustiçada, aprendi a ter compaixão de um outro modo,

mesmo por aquele(a) que me perseguia; aprendi que todos(as) temos uma justificativa para fazermos o que fazemos, e para cometer violências (mesmo que inconscientes), seja tentando nos proteger ou, em níveis mais mesquinhos, dar prazer para nosso próprio ego²⁵. Assim como, ali, compreendi, mais nitidamente, que só abrindo-mão das ideias de certeza sobre as coisas que a razão geralmente nos induz a ter, é que podemos conhecer algo mais próximo da Verdade (que entendo que só é percebida na disposição a uma *presença compassiva*). Desde ali, sinto que fui convidada a uma *visceralidade* frente à busca pela paz comigo mesmo!

Talvez minha história de *cancelamento* não seja uma clássica história, ou quem sabe histórias clássicas sejam só aproximações universais daquilo que nunca se repete de fato, porém, além de fazer parte do caminho que me traz até aqui, ela também serve para me lembrar acerca da importância de encontrarmos direções para além dos ciclos de violência repetitivos que experimentamos diariamente em nossa sociedade. Afinal, quanto tempo mais iremos acreditar que temos o direito de violentar, pela crença de que nossa dor justifica a violência que cometemos? Já é chegado o tempo de pensarmos nisso coletivamente; e para isso é que eu decidi falar sobre a questão da ética, devido à centralidade de sua importância no envolvimento humano rumo a uma relação de paz com o(a) outro(a), pois como já mencionei antes, é a articulação de uma *ética planetária* (BOFF, 1999) que irá nos permitir construir bases sólidas o suficiente para o advento da paz em nossas vidas cotidianas.

²⁵ Aqui falo de ego como um senso que temos de eu.

4 Norte: Esperança Ancestral de uma Ética-Decolonial

Como já mencionei, compreendo que a paz se dá na boa dinâmica de uma tríade relacional de nós conosco, com o outro e com o meio ambiente. Logo, por entender a ética como uma força que nos conduz à paz com o outro e com o meio ambiente, quero antes de falar a respeito dela, anunciar aquelas que são as minhas principais *chaves para a paz* comigo mesma (BABA, 2013): silêncio, honestidade, *ação correta*¹, não violência, *amor consciente*, serviço desinteressado, lembrança constante daquela que chamo de *centelha divina* (que sinto presente em tudo e me enche de esperança), que costuma me facilitar a experiência de paz diante do Mistério da Vida, e a já mencionada *presença compassiva*.

Para nos livrarmos dos pensamentos compulsivos que nublam a interpretação que fazemos das percepções que temos da realidade, o silêncio é uma poderosa *medicina*². No caminho espiritual sério, fala-se do silêncio como um dos cultivos mais essenciais que precisamos ter em nossa vida cotidiana, pois é só ali que podemos perceber o som do nosso coração; que além de uma poética para falar acerca de percebermos nosso próprio ritmo, também é uma alegoria para representar o contato com nossa própria *centelha divina* (com o Mistério da Vida em nós). Aqui, é o lugar em que podemos aprender a *alquimizar*³ nossa solidão, em solitude; ou seja, nossa sensação de isolamento e individualidade, em uma consciência de *inter-ser* capaz de reconhecer o seu próprio papel *pulsante*⁴ na *teia da vida*.

A prática do silêncio em nosso cotidiano traz-nos infinitos e inumeráveis outros benefícios, todos relacionados à paz e à saúde (GOLEMAN; DAVIDSON, 2017). Quando em forma de prática, esse silêncio também pode ser compreendido como *meditação*, e é a principal conduta que penso ser interessante de se adotar rumo à *paz do puro ser*. Para aquelas(es) de nós atentas(os), é fácil perceber frente aos falatórios incessantes e às verborragias opiniosas tão presentes nos meios intelectuais, nas redes sociais, e basicamente em todo e qualquer local hoje em dia, a urgência da *medicina* do silêncio devido ao caráter de hiperracionalização e externalização-projetiva⁵ de nossa sociedade. Enfatizo também, que quando falo desse silêncio, estou falando de um silêncio de nós conosco, e não frente a outra pessoa.

A honestidade, por sua vez, não tem a ver com sair falando por aí sobre o que acreditamos ou nossas pequenas opiniões pessoais para o outro. Nem com uma característica que podemos ter ou deixar de ter. Essa *chave* nos ensina sobre uma postura que devemos

¹ Também pode ser tratada nos termos das principais tradições budistas, como o seguir do caminho do meio; que fala de uma conduta pautada no Nobre Caminho Óctuplo ensinado por Sidarta Gautama (o Buda histórico), que visa à libertação do sofrimento.

² No sentido de uma terapêutica.

³ Forma poética de falar da transformação de algo em outra coisa a partir da relação e das reações provocadas pela interação.

⁴ Relaciono essa palavra com a ideia de movimento e dinâmica.

⁵ Falo da característica de projeção dos conflitos internos e questões pessoais no coletivo, no outro ou em algo que seja externo a nós, como forma de fuga da nossa autorresponsabilidade.

adotar frente a nós mesmas, a de ter coragem para admitir em quais situações da nossa vida não estamos conseguindo ser verdadeiramente honestas conosco frente à nossa *vontade de ser*, pois esse é o primeiro movimento antes de termos condição de perceber onde não estamos conseguindo ser honestos com os demais. Conforme vamos aprendendo a não abdicar dessa postura, começamos a perceber quantas *máscaras*⁶ precisamos vestir, principalmente para termos a sensação de que estamos seguras, o que nos afasta da sabedoria de que está tudo bem simplesmente sermos quem somos. De que temos o direito de viver, de errar e de aprender.

Praticar a honestidade, é ter coragem para encarar nossas próprias mazelas, incoerências, medos e desesperos; ao navegar por essa *chave*, busco lembrar de ser paciente e compassivo comigo mesmo, para não arriscar cair no uso de outras *máscaras* como, por exemplo, a da autocrítica e do vitimismo. Procuo me recordar que somos seres em eterno aprendizado frente ao *dever* da existência e, por isso, vamos precisar praticar a *desidentificação* frente àquilo que estamos conhecendo, seja de nós mesmos(as) ou do que nos rodeia. Pois, de fato, nós não somos o que conhecemos, apenas *estamos*⁷ e, lembrar disso, nos potencializa à liberdade do *poder-ser*.

A *ação correta* e a não violência se complementam, enquanto a primeira presume a disposição pelo *bom senso* interno, que não depende de condições externas (como no seguimento de uma *moral restritiva*, por exemplo), e sim, que está relacionada com aquilo que transborda para nossas relações com o mundo, derivado da prática do silêncio e da honestidade conosco mesmo; a segunda, por sua vez, aparece como uma disposição à compassividade e à prática de condutas orientadas pelo altruísmo e pela autorresponsabilidade de nós conosco, com o outro e com o meio ambiente. Pontos fundamentais e interdependentes, quando queremos começar a refletir a respeito de uma ética que possa atuar como antídoto ao veneno da violência.

Logo, é relevante destacar que se queremos ir além da violência, precisamos também estar dispostas(os) a *limpar* nossas expressões de toda brutalidade (consciente ou inconsciente) que possa gerar sofrimento em nossas relações, bem como, que podemos fazer isso orientadas(os) pela *ação correta*. Desse modo, por meio da busca dessa *ação correta*, tendemos a nos tornar mais conscientes dos condicionamentos normatizadores, através dos quais reproduzimos as violências do nosso cotidiano (as tais brutalidades).

O *amor consciente* e o serviço desinteressado também são, para mim, *chaves* fundamentais para a paz comigo mesma. Compreendo esse *amor consciente*, tal qual nos diz bell hooks (2021) quando fala de um amor prático, enquanto verbo, diferenciando-o de um amor passivo, cuja ideia é demasiadamente difundida pelos roteiros românticos através da mídia. Um amor que nos evoca à responsabilidade frente à vida.

⁶ Aqui me refiro às interpretações de papéis sociais e identidades ilusórias que acreditamos serem nós, as quais podem ter uma força maior na frente dos demais, e também podem ser usadas para fugir dos desconfortos da relação.

⁷ Referenciando o caráter de vir a ser que nos é inerente.

Compreendo que nossas mágoas surgem quando ficamos presas(os) em cenas mentais não resolvidas, revisitadas constantemente e energizadas por nossa razão (que através de suas justificativas e crenças, faz-nos ficar capturadas em circuitos fechados de emoções). Entendo que elas são os principais empecilhos, na prática do *amor consciente* (ou do amor prático e político). Bem como, são a principal dificuldade na vivência do serviço desinteressado, já que seu conceito perpassa por uma ideia desse amor em movimento, onde não há a intenção de agradar ou fazer a coisa certa (segundo alguma norma externa, ou externamente aprendida), e sim de se doar verdadeiramente (na sua própria e honesta condição) para facilitar que as necessidades (reais) do outro sejam atendidas (sem tentar *salvá-lo*⁸).

Portanto, às duas últimas *chaves* que compartilho com você vêm também nesse sentido de facilitar a *purificação de nossas mágoas*⁹. A primeira tem que ver com a potência da lembrança constante do Grande Mistério da Vida de nos permitir (cada vez mais) ver o outro e às próprias circunstâncias do real para além de suas aparências situacionais. O que interpreto que tende a nos conduzir a uma postura de maior humildade e reverência frente à vida. Pois quando lembramos que as formas são transitórias e que se revelam apenas no (e em cada) encontro, tiramos a razão do seu lugar de pensar que, sozinha, é capaz de entender o que o ser está experienciando.

A segunda é a já citada *presença compassiva*; que nos permite ir além da identificação com nossos *traumas*¹⁰ e com os *jogos psicológicos* (WOOLLAMS, 1999), e que deve ser exercitada a partir do silêncio. A presença, como já mencionado, é a característica de estar disposta(o), atenta, compassiva e *cuidadosamente* no agora e aqui do *devir*, e é um pilar fundamental da prática do *cuidado*.

Aqui, decidi apresentar essas que são as principais *chaves* que encontrei na senda da paz comigo. Por ser a paz consigo o pilar para a paz com o outro e com o meio ambiente (volto a frisar repetidas vezes acerca disso, para podermos assentar essa questão com calma e firmeza).

Fenomenologicamente, curar é mover-se! Portanto, arriscando um paralelo poético, eu anuncio que se queremos curar-nos do veneno da violência, que está *curtido*¹¹ nas nossas *vísceras*, como esteve na de nossos ancestrais por gerações e gerações, precisamos mover nossas percepções para além da idolatria da razão. Pois nossas crenças e moral são fundamentadas pela razão e acabam determinando nosso modo de perceber o mundo e até a nós mesmas.

⁸ Lembrando novamente do conceito de *salvador* advindo da Análise Transacional.

⁹ Falo de forma poética acerca da transcendência da prisão dessas cenas repetitivas, justificadas pela razão, que nos prendem em acionamentos emocionais constantes devido à interpretação que temos de algo que vivemos.

¹⁰ Aqui me refiro a experiências de aprendizado tal qual as mágoas, porém, mais abrangentes, relacionadas a circuitos de memória que são repetidamente vivenciados em níveis mais ou menos conscientes, e que nos conduzem à reprodução de padrões de comportamento derivados de cenas interpelativas primárias.

¹¹ Que está entranhado, habitado.

Diferente do que o senso comum pode nos ensinar sobre o que é a razão, como já apresentei, ela não tem que ver apenas com pessoas que falam difícil, ou contas matemáticas complexas, a razão é um dos mecanismos básicos do funcionamento humano, que utilizamos para nos relacionar com a realidade dos fenômenos da vida (como bem falamos no primeiro capítulo).

O problema em si não é sua existência, mas que se acredite que apenas aquilo que ela pode compreender, perceber e até mesmo aceitar, seja o real. Pois, sim, a razão está por detrás da ideia que temos daquilo que é o real; e essa é uma de nossas maiores limitações contemporâneas. Pelo medo do desconhecido, e para não precisarmos lidar com as angústias da liberdade¹², terceirizamos, através da razão, aquilo que não pode ser transferido sem graves consequências, nossa *presença compassiva*. Desse modo, acabamos abdicando da consciência de nossas emoções, sensações, intuições e de todas as outras fâscias da nossa experiência humana, e acreditamos numa interpretação rasa que nossa razão faz a partir do breve e *ausente*¹³ contato que estabelece com os fenômenos do dia a dia.

Como se não bastasse... não é como se nossa própria razão, nossas crenças, noção de eu, etc., fossem livres e independentes do meio. Não. Nós somos *inter-ser*, lembra? Isso significa que estamos em constante relação com tudo e todos(as) ao nosso redor. Bem como, aquilo que, por contato e influência a partir do *dever*, é ensinado de geração em geração, deixado tal como registros ou marcas, na nossa forma de ser, pensar, sentir e agir. O fato é que viemos de uma história colonial, nossos antepassados fizeram-nos herdeiras(os) de suas tradições, essas, por sua vez (entranhadas por formas morais coloniais), visavam a hegemonia do povo branco e europeu e, por consequência, de seu sistema de crenças sobre os demais povos e sistemas de crenças do Planeta Terra. Nossos ancestrais sofreram com a violência da *monologia*¹⁴, e esse sofrimento foi herdado por nós.

Daí surge o grito da *decolonialidade*, que aparece quando, após termos nos livrado do colonialismo propriamente dito, percebemos que precisamos nos “desintoxicar” da ideia de universalidade atrelada à maneira de existir europeia, e que, entranhada em nós através da linguagem, dos costumes, dos hábitos, da cultura, etc., faz-nos suspender a *presença compassiva* das próprias cenas e circunstâncias reais de nossas vidas e acreditar em ideias implantadas a partir da razão, de como a vida realmente é, ou deve ser.

¹² Liberdade essa, composta pelas diferentes relações interseccionais humanas. Não presume-se aqui uma homogeneidade de liberdades, pelo contrário (como dito no capítulo anterior), deve-se levar em consideração a realidade contextual de cada pessoa. Porém, em última instância, todas(os) estamos frente a nossa liberdade existencial.

¹³ Utilizo essa palavra aqui em itálico para referir-me a uma espécie de antítese da presença compassiva supracitada.

¹⁴ Ideia relacionada ao monólogo, que anuncia o silenciamento das diversidades, com o privilégio de uma narrativa central que é ouvida, em detrimento das demais. aplicada a cultura, é a retórica cultural colonizadora que se põe como real e verdadeira em detrimento de todas as outras. Essa retórica contemporaneamente é advinda da Europa (popularizada por todos os continentes na globalização), carregada de um sistemas de crença baseados no privilégio do homem-cis-branco-capitalista-burguês.

Esses universais são responsáveis por normatizar quais tipos de corpos, peles, cores, línguas, saberes, crenças, roupas, orientações sexuais, compreensões de *gênero*, enfim, quais formas são aceitas e consideradas como ideais, e quais não. O que não é novidade para ninguém que esteja vivendo a par das problemáticas contemporâneas de nosso mundo globalizado, que isto está diretamente relacionado com os maiores sofrimentos humanos que estamos experimentando no último século gregoriano.

Portanto, venho aqui nos lembrar que esse *mito do universal* (KILOMBA, 2019), que sustenta o *mito da objetividade* e da *neutralidade do conhecimento*, está por trás das maiores violências e mazelas experienciadas coletivamente. Essa obra que vos escrevo busca justamente atuar em subversão a essa ilusão canônica de que o modo de se fazer ciência mais aceito em nossa sociedade Ocidental parte de um posicionamento objetivo e neutro, quase como se não fosse fundamentado por uma *percepção de mundo*¹⁵ ideológica e racional.

Vale também ressaltar que não há problema em tecer uma percepção de realidade a partir da razão, porém, ressalvo que acreditar que qualquer noção de real que tenhamos a partir de nosso aparato racional se trata de algo mais do que apenas uma pequena tentativa de elucidação da verdade, parece ser uma tremenda ingenuidade e imaturidade científica. Com isso, evoco que lembremos de exercitar nossas *humildades catedráticas*¹⁶! Principalmente para que as *populações não-científicas* não vivam sob a sombra de se sentirem desautorizadas pelo *status quo* de existirem a partir de suas sabedorias cotidianas.

Logo, venho nos convidar (já que somos tão atraídos(as) pela razão), que repensem ao menos nosso sistema organizado de mundo. Para se transcender a *racionalidade econômica* por uma *racionalidade ecológica* (WAHL, 2020). A lógica colonial por uma lógica *decolonial*. Para que, assim, possamos ir além da *moral restritiva* (TEIXEIRA, 2021), por meio de uma *ética da diferença* que questione em quais valores estamos baseando os nossos modos de conduta. Caso contrário, seguiremos iludidos(as), acreditando que conhecemos o real. Justificando, a partir de nossas *crenças preconceituosas*¹⁷, nossas condutas de violência, alienados(as) das diversidades e da realidade inegavelmente sistêmica e interconectada da vida.

É preciso também enunciar que, aqui, estou diferenciando a ideia de ética da ideia de moral. Pois a ética, por excelência, tem um caráter insubmisso. Já a moral, como demonstrarei, por ter uma integração muito próxima com a realidade social, acaba sendo modelada e influenciada pela cultura (TEIXEIRA, 2021); portanto, ser um agente moral, é seguir as normas de condutas, valores e representações que a sociedade dita como

¹⁵ Ou como a cosmogonia europeia nos ensina a chamar, uma “visão de mundo”. O que revela-nos o quão arraigado está, na perspectiva europeia de compreender a realidade, a idolatria da razão, já que é esta função a que parece estar principalmente conectada com o sentido da visão (ao menos para o ser humano que não vive em presença contemplativa e por isso a partir da visão, tudo racionaliza).

¹⁶ Aqui utilizo um termo comum nos meios universitários para referir-me à(ao) cientista, doutor(a), docente.

¹⁷ Falo nesses termos para nos lembrar que toda crença é apenas uma suposição do real, baseada nas pré-concepções que temos ao nos relacionarmos com a vida.

adequadas.

A ética, por sua vez, em suas reflexões e práticas, têm um papel fundamental na promoção de uma nova moral; e por isso tem a potência de nos orientar no *entre* de nossas relações, dando-nos suporte para questionar as morais que autorizam os seres humanos (em vários níveis de relação interseccional) a violentarem as diversidades da vida.

Certamente podemos dizer que a moral é pedagógica, pois ela possui instrumentos que nos ensinam a lidar com o mundo (TEIXEIRA, 2021). Porém, simultaneamente, é ela a responsável por gerar uma sensação de ordenamento (compulsório) que nos aliena da nossa liberdade e da nossa *presença compassiva* e que acaba produzindo a falso-hegemônica *moral restritiva*, mobilizando-nos a um funcionamento automatizado e mecânico frente a cada relação que temos com o outro, autorizando condutas resguardadas por meio dos juízos de valor, os quais são julgamentos que se aplicam quase irrefletidamente na autorização de comportamentos aceitos socialmente de discriminação das pessoas (por aqueles que compactuam com essa moral). Daí, uma *ética da diferença* vem nos convidar à *presença compassiva* diante das diversidades da vida.

Diante do diverso em nossa sociedade, as pessoas são programadas para reagir de duas típicas maneiras: *ignorar* ou *perceber* (TEIXEIRA, 2020 apud LORDE, 2020). Quando *ignoram*, geralmente assumem o lugar de negar o que seus sentidos registram, não levando certos dados ao nível da interpretação por serem filtrados e descartados diante de suas crenças (sobre isso falaremos mais adiante através da *escada de inferência*). Já a segunda, referente ao *perceber*, divide-se em duas reações comuns, primeiramente caso a diversidade em questão tenha sido valorada como boa (no sentido da preservação do *status quo*), será geralmente perpetuada a partir da cópia, no sentido de dar continuidade ao mito da homogeneidade, incorporada pelo sujeito; caso seja valorada como ruim (por ser entendida como ameaçadora do *status quo*), então é comum que se tente destruí-la, mobilizando-se até mesmo forças coletivas para impedir aquilo que se acredita “ameaçar” a “estabilidade social”.

No Ocidente a *moral restritiva* (TEIXEIRA, 2021) encapsula a liberdade de *poder-ser*, suspendendo a *presença compassiva* e autorizando as pessoas à *ausência* de suas escolhas, já que estas podem ser rapidamente justificadas pela moral. Com isto quero dizer que a *moral restritiva* nos afasta do contato real com as pessoas que cruzam nossos caminhos, aproximando-nos da relação com as ideias que fazemos delas a partir dos sistemas de crenças que adotamos. Tal qual se faz com o paciente psiquiátrico, visto como a ideia que o representa, e não como o sujeito real que é (SZASZ, 1994). A moral (que no Ocidente “civilizado” é restritiva), portanto, tende a nos suspender para o mundo das ideias, afastando-nos do contato das relações no *dever*, pois sua composição se dá a partir do imaginário social. Funcionando tal como uma tecnologia de colonização, por esse imaginário social advir de um povo colonizador (o europeu), estruturando modos de conduta, de pensar, sentir e ser que autorizam a *violência da iniquidade*, por validar universais atrelados ao

imaginário individualista, egocentrado¹⁸ e *monológico* europeu.

Portanto, por ser produzida politicamente, essa *moral restritiva*, aceita pelo falso e autoproclamado *sujeito-hegemônico*, acaba autorizando as já tão citadas condutas de violência, por normas sociais que querem se apresentar para nós como neutras e até naturais. Porém, é preciso relembrar que essa moral é produzida por uma estrutura colonial-cultural, o que, sem demora, a revela alinhada às políticas de continuidade do *status quo* (TEIXEIRA, 2021), operando como um sistema de normas de conduta que são restritivas e que autorizam a *violência da iniquidade* ao tentarem criar normativas fundamentalistas sobre como se deve viver, sobre como se deve ser, pensar, sentir, etc.

Quando ao longo da obra estou falando desse falso *sujeito-hegemônico*, quero falar justamente da reprodução dessa perspectiva de um projeto político de poder, que através da moral, autoriza a demarcação das diferenças e a sua hierarquização (TEIXEIRA, 2021), ilusoriamente colocando como normal o sistema de crenças do colonizador, referindo-se a sua cultura e modos de comportamento como naturais. Desse olhar extremamente individualista e alienado da realidade sistêmica e *afirmativa*¹⁹ que se é compilada a noção de verdadeiro e falso, real e irreal, bem e mal, aceitas coletivamente no Ocidente.

Vale aqui lembrar que essa é a mesma cultura que tem uma estrutura racista, LGBTfóbica, misógina, capacitista, que autoriza a devastação do meio ambiente em nome do “progresso” do capital-tecnológico e é viciada em uma egolatria do eu-individual que levanta muros e mais muros para criar fortalezas para os mais ricos se “protegerem” dos mais pobres; justificados por essa mesma força cultural que faz com que as pessoas projetem, costumeiramente, o mal e a violência fora de si, geralmente nessas populações diversas que são marginalizadas. Cultura que, desse modo, incentiva a dissolução do senso de responsabilidade sistêmica, e que muitas vezes autoriza resistências quando tenta-se falar de algo tão simples, como os direitos da Terra, direitos humanos, direitos dos animais e do meio ambiente; direitos da vida, que englobam não só os biomas naturais, mas todas(os) nós.

Ao explicitar que nossas perspectivas são marcadas pela noção de normalidade e naturalidade, que lê certos corpos e subjetividades como mais públicos que outros, a depender de sua cor de pele, classe social, acúmulo de capital, orientação sexual, *gênero*, modificações corporais, etc; também quero assinalar que todas as pessoas tornam-se reféns da *moral restritiva* que nos limita a seguir um roteiro de vida e de *performance* que está diretamente atrelada às limitações do projeto de humanidade europeu colonizador. Só que algumas pessoas têm maior chancela dessa mesma moral, para serem violentadas, exterminadas e para que a sociedade sinta-se no direito de opinar e invadir suas existências, corpos, *modos de ser*, etc.

Um exemplo fácil para prestarmos atenção nisso é o quanto é comum que as

¹⁸ Centrado em si mesmo, egoísta, individualista.

¹⁹ Que confere o mesmo grau de realidade a todo o mundo.

peçoas sintam-se no direito de opinar se casais homoafetivos podem ou não demonstrar afeto e carinho em público, tal como os casais heteronormativos, algo comumente repudiado pelos(as) defensores(as) da “moral e dos bons costumes”²⁰, sob o discurso de defesa de seus próprios ideais, que são postos como universais. Inventam-se as mais escabrosas ideias para justificar, através da razão, as violências que visam eliminar as diversidades (por menos lógica que possa ser seu operativo aqui, ou por mais fundamentalista).

Todas essas pessoas que fogem das normas impostas revelam-se em diversidades interseccionais, e são muito mais numerosas sobre o planeta do que as que vivem conformadas e na centralidade dos privilégios da norma, e mesmo nós nos realizando em infinitas experiências, temos algo muito nítido em comum, nossa luta por existir, por não nos conformar, por não nos limitar, por não nos restringir a esses produtos da memória colonial.

Tem sido algo muito comum em nossa sociedade brasileira, nos últimos anos²¹, que escutemos pessoas justificando seus comportamentos, ou até mesmo valorando positivamente suas ações, com base nesta que chamam de “moral e bons costumes”. Frases como “ajo de acordo com a moral e com os bons costumes, por isso sou bom” (TEIXEIRA, 2021), são exemplos expressos disso, que podem ser facilmente constatados por aquelas e aqueles que vivem no Brasil, nesse mesmo período histórico, de onde eu falo para você. A moralidade, enquanto sistema simbólico, condiciona-nos a perceber o mundo a partir dessa compreensão falso-hegemônica, que nos aliena de reconhecer como verdadeiro ou bom aquilo que perante esse sistema de designação é considerado como irreal, inumano ou errado (TEIXEIRA, 2021).

Devido a tudo isso é que falo de uma substancial diferenciação entre moral e ética; o que nos permite evidenciar que não necessariamente a moral irá nos fazer éticos. Daí também surge a relevância de pensarmos numa *ética da diferença* que vise nos *sulear* (orientar) para além dos circuitos fechados da moral que nos torna reféns das inconsciências culturais modeladas pelas memórias coloniais.

Para refletirmos acerca das crenças que podem estar nos limitando de realizar uma adequada aferição dos fenômenos da realidade, gostaria de apresentar o modelo da *escada de inferência*, pensada primeiramente pelo professor de Harvard, Chris Argyris (WAHL, 2020), que nos revela sete degraus da nossa relação com os fenômenos, para recordarmos acerca da não neutralidade de nossa razão, e muito menos de nossa moral.

Inicialmente na *escada* temos os *dados e experiências observáveis*, que são aqueles dados de realidade tais quais seriam gravados em um vídeo. Em seguida, os dados que serão escolhidos por nós (escolha essa influenciada por nossas crenças). Por conseguinte, os significados pessoais e culturais que são adicionados na realização da análise dos dados, para que, na sequência, se realizem nossas suposições que, por sua vez, nos permitirão alcançar certas conclusões; estas irão influenciar as crenças que temos sobre o mundo e,

²⁰ Frase comum em nossa contemporaneidade, que explicita a *moral restritiva* sendo usada para autorizar comportamentos de violência.

²¹ Escrevo no ano de 2022 datado pelo calendário gregoriano.

assim, autorizar nossas condutas e ações. Vale ressaltar novamente que essas crenças que autorizam nossas ações são as mesmas que restringem quais dados da realidade que experienciamos serão ou não observados verdadeiramente no momento em que formos fazer nossas análises racionais sobre algo. Trago a imagem da *escada de inferência* com finalidade de ilustração:

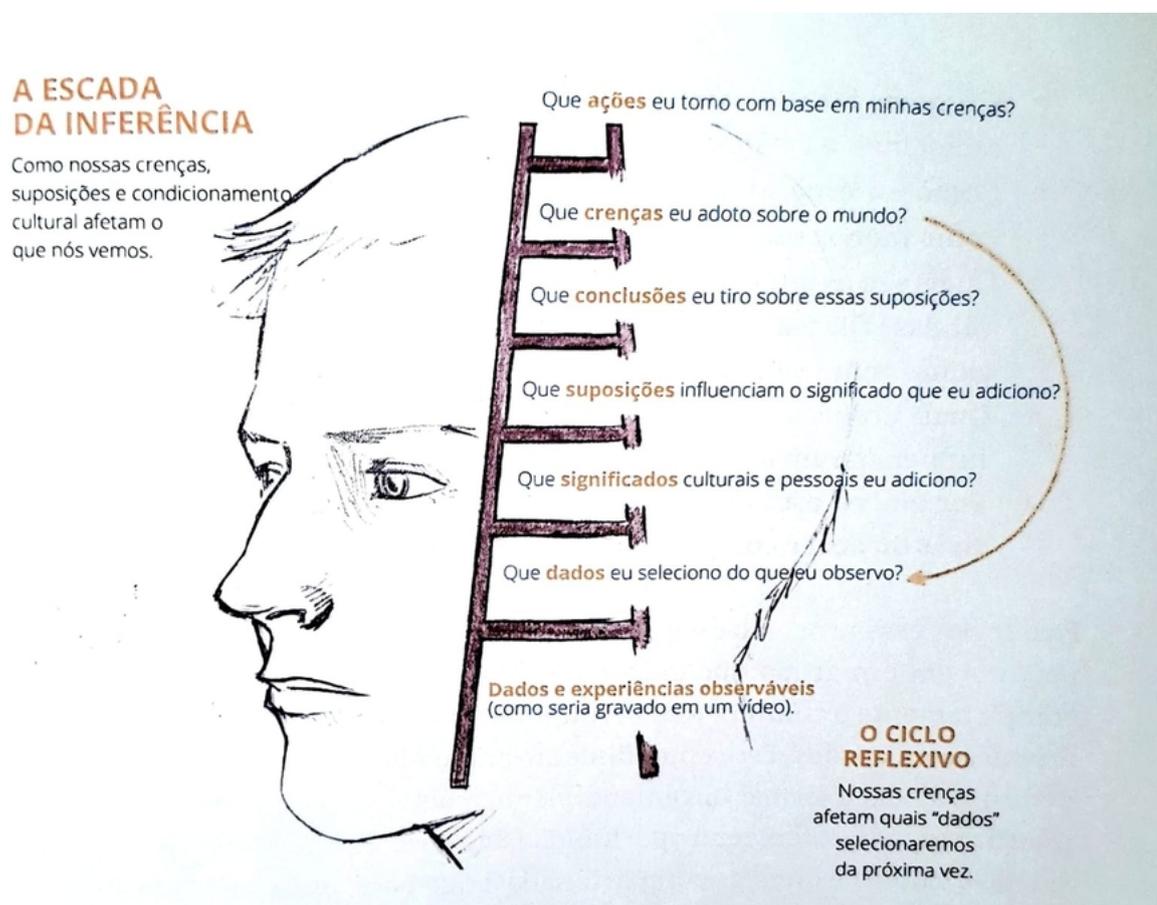


Figura 1 – A Escada da Inferência
 WAHL, 2020, p. 97

Logo, quando se diz aqui de uma *ética da diferença* (TEIXEIRA, 2021), estou falando de uma ética que, rompendo com as bases ideológicas dominantes, firma-se num compromisso com a transgressão. O que, por sua vez, significa que para sermos éticos(as), precisamos transgredir os valores que nos formaram enquanto sujeitos, salientando acerca de uma formação que nos restringe a não perceber a existência do outro (das diversidades), daquelas e daqueles que não estão dentro do espectro autoproclamado *hegemônico* de ser, e por isso têm suas vidas subalternizadas e violentadas.

Doravante, é necessário dizer que a ética não se trata apenas de uma operação da razão, e sim, talvez ainda mais, de uma questão dos afetos. Pois, para uma acertada conduta ética, não nos basta (como já explicitado) tentar conceber uma análise racional que embase nossas condutas, já que nossa razão, como visto no decorrer dessa obra, é a

principal responsável pela reprodução da *violência da iniquidade*. Doutro modo, precisamos reconhecer que para sermos éticos é importante nos afetar no sentido da compaixão e da revolta (CABRAL, 2021); e vale também lembrar que quando falamos de compaixão não estamos sugerindo aquilo que pode supor o senso comum de uma tentativa de se colocar no lugar do outro (uma espécie de empatia), já que isso seria impossível, tão mais fala-se aqui, de uma característica de nós-conosco-mesmo, uma disposição solidária frente às diversas dores e sofrimentos do mundo.

Diante disso, quero falar de algo fundante dessa *moral restritiva*: o individualismo, que é uma característica antiética (na perspectiva de uma *ética da diferença*), já que nos submete a ilusões que potencializam crenças que nos afastam da nossa consciência de *inter-ser*, impedindo que vivamos vidas comunitárias baseadas na não-violência, tanto com o outro, quanto com o meio ambiente. Dessas crenças colonizadoras parece surgir a tendência à *monologia* em nossa cultura, que reduz as multidimensionalidades a um único eixo central enunciado como verdade, esterilizando as cenas complexas e cheias de vida e diversidades dos nossos cotidianos, buscando condicioná-las a um projeto de poder que é reproduzido em todas as nossas telas (e pelas mais variadas formas de entrarmos em contato com a informação), tantas e repetidas vezes, que em certo momento da vida dos sujeitos, parece que começam a soar como plausíveis de serem reais. Porém, também, ao negar a ordem estrutural das violências em nossa sociedade, como nos diz Thiago (2021), as pessoas querem seguir com suas vidas da forma mais confortável possível, sem precisar lidar com seus privilégios e vantagens sociais, pois isso faria com que tivessem que ver o mundo fora de sua egocentralidade (individualista).

Nossa cultura nos ensina desde nossa educação básica, daquilo que assistimos na mídia, do que ouvimos junto a nossa famílias, etc., a perceber a realidade a partir de um conjunto de normatizações que, por serem aceitas e reproduzidas pela maioria, são tidas como realidade. Porém, quando revisadas atentamente, mostram (no geral) que suas reais intenções são a perpetuação de dispositivos de controle, violência e poder que são utilizados em nossa relações de modo interseccional, para o manutenção das lógicas coloniais que se recusam à diferença e incentivam o individualismo e a disputa.

A diferença no Ocidente colonial é desprezada e pensada como algo que deve ser controlado ou destruído e, para isso, a *moral restritiva* funciona como uma tecnologia dessa violência. Assim como a própria linguagem, quando essa visa descaracterizar as diversidades invisibilizando-as a partir da homogeneização, como quando ao falar das diversas etnias existentes de povos originários na *América Latina*, alguns ainda utilizam o termo *índio*, pejorativamente reduzindo e restringindo uma vasta gama de cosmopercepções, crenças, *modos de ser* coletivamente, etc., a uma única e homogeneizante representação linguística (diferente da palavra indígena, que surge como uma *identidade* de resistência política para algumas pessoas dessas etnias). Ou quando, de modo binário, naturaliza-se a

questão do *gênero*²² a certos papéis sociais, reduzindo nossa linguagem ao nível do ser homem ou ser mulher, ignorando todas as diversidades de expressões e *modos de ser* que existem.

Essa lógica perversa produz *corpos públicos* (TEIXEIRA, 2021), como o corpo das pessoas negras, das pessoas LGBTQIAP+, das pessoas com deficiência e das mulheres, violentado e invadido ao ser tratado e percebido de maneira desumanizada, seja o compreendendo como um objeto ou como algo abjeto. Essa demarcação da distinção e hierarquização dos corpos faz parte da estrutura de nossa sociedade sendo corroborada pela *moral restritiva* que naturaliza a ilusão de centralidade e de norma colonial; e é um *fractal* do problema maior da hierarquização das diferenças da vida (sob o modelo de crenças coloniais). Por isso, é extremamente importante que compreendamos que habitamos um *corpo político* (TEIXEIRA, 2021) que é atravessado e atravessa a realidade; e que somos responsáveis coletivamente por cada violência sofrida por esses corpos, que sofrem, por ainda serem lidos como *públicos* e não serem respeitados enquanto *políticos*.

Pelo fato da nossa razão ser tão facilmente sequestrada em nome da reprodução da violência é que precisamos compreender que nossas vidas (assim como nosso fazer científico) precisam de uma ética que não se realize apenas no operativo da razão, e sim, que tenha como aliada a dimensão do afeto, numa direção da compaixão e da revolta. Para podermos construir uma ciência, por exemplo, que se sabe subjetiva e que não finge ser neutra, que seja completa e inteiramente (em todas as suas áreas) comprometida com o bem-estar social, orientada por uma *ética planetária* (BOFF, 1999).

A *ética da diferença* (TEIXEIRA, 2021) surge para nós como uma possibilidade de um comprometimento com uma ética que acontece a partir da relação, do ouvir, enxergar, tocar e ser tocado, diante do outro e de sua realidade. Pensar em uma ética desse modo é refletir acerca de novos modelos de encontro. Aqui coloco que não só é relevante ressaltar a importância do encontro, como também, de que mediante a esse encontro nos *suleemos* (orientemos) em direção de uma *ética do amor* (hooks, 2021), para rompermos com a reprodução de costumes cruéis da *moral restritiva* diante da presença das diversidades em nosso dia a dia.

Pois um dos principais problemas da *moral restritiva* é o de que ela tenta encaixar em suas *molduras pré-definidas* as circunstâncias e pessoas da realidade, restringindo-as aos moldes, assumidos como possíveis; o que acaba gerando a *violência da iniquidade*.

Por isso, proponho um modo distinto de compreendermos a ética, não só como algo que irá nos permitir transcender os velhos modelos de reconhecimento e de compreensão da *moral restritiva* (TEIXEIRA, 2021), mas como aliada da prática da *presença compassiva*. Para não arriscarmos ser cooptados por mais abstrações metafísicas que nos afastem do

²² Conceito que relaciono à performatividade da expressão espontânea de uma pessoa em suas relações com o mundo, o que inclui seu modo de ser e sua maneira de se expressar, através de roupas, gestos, expressões artísticas, modificações corporais (como tatuagens, piercings, cirurgias de redesignação sexual), etc..

contato do dia a dia, proponho que essa ética seja vivida como um compromisso ao *cuidado* e à *compaixão* atenciosas para com tudo e todas(os) com quem nos relacionamos em nosso cotidiano, como um esforço consciente e consistente de praticar nossa autoconsciência de *inter-ser*. Entendo que isso é o que irá nos permitir, verdadeiramente, habitar na presença do diverso a partir de um humanizado (na melhor acepção da palavra) modo de nos relacionarmos. Permitindo-nos caminhar na direção de realizar a esperança de paz da maioria dos nossos ancestrais, atormentados pelas guerras sem fim da história! Por isso, rogo que nos revoltemos com nossas mazelas e sofrimentos, porém, sem que mais nos permitamos racionalizar sobre quais seres humanos merecem pertencer e serem percebidos compassivamente.

Considerações Finais

A *cultura do cancelamento*, como você pode ter percebido ao longo da obra, é apenas um dos fios de um emaranhado carretel complexo e dinâmico da violência. No momento em que escrevo essas considerações, acabamos de passar por uma eleição²³ que, democraticamente, decretou o fim de um governo (presidencial) extremamente atrelado a essa temática; nos últimos anos, parece-me ter desmoronado, no Brasil, a fachada do *mito da não-violência* (CHAUI, 2018) que imperava em nossa sociedade, de que somos um povo cordial e gentil, onde não há violência e todas(os) vivem em harmonia; já que inúmeras pessoas sentiram-se mais e mais autorizadas a expor opiniões que revelaram a concordância de certas populações com ideias racistas, LGBTfóbicas, misóginas, machistas, capacitistas, elitistas, justificadas racionalmente por um lema comum “a moral e os bons costumes”, conhecida por nós como *moral restritiva*.

O desafio parece continuar, pois, para além de explicitar essa violência nos surge também a problemática de como iremos lidar com ela; e não só com a violência que brutalmente se apresenta, ou com a chancela que ela tem de certos governantes para existir, mas com a questão fundamental da violência: a razão.

Como iremos lidar com nossa razão? Eu quis tornar perceptível, ao longo dessa obra, que a razão está por detrás da violência, e que se definirmos nossa cosmopercepção da realidade aos moldes de nossa racionalidade, iremos continuar justificando nossas violências, chamando-as de outros nomes, ou até ignorando que existem. A lógica racional não está mais livre das ilusões do que nossas outras maneiras de nos relacionarmos com a vida.

Por isso, a *presença compassiva* é sugerida como uma maneira de que possamos transcender nossa apatia racional, tocadas(os) pela força do *cuidado* na tessitura de uma ética que reconheça as diferenças como essenciais para a existência da vida. Uma *ética da diferença* (TEIXEIRA, 2021) aliada a uma *ética do amor* (hooks, 2021) no movimento de uma *ética planetária* (BOFF, 1999) me parecem os melhores e mais belos caminhos que se abrem diante de nós, para pensarmos novos modos de nos relacionarmos que estejam alinhados com a paz.

Como expliquei ao longo da obra, a tríade da paz (que permite o equilíbrio fino da existência da *paz real*): paz consigo, paz com o outro e paz com o meio, vem nos lembrar que não existem tecnologias capazes de criar uma relação de paz entre nós e Gaia (VERNADSKY, 2019), nem entre nós e o outro (nas mediações), sem que nos dediquemos conjuntamente à paz conosco mesmo. Tudo isso *suleado* (orientado) pela *presença compassiva*, agindo através dela com uma disciplina constante e consistente de memória da sabedoria sistêmica que há no *cuidado*.

Escrever essa obra foi uma jornada fantástica, emocionante e organizadora; às duas

²³ Eleição federal brasileira do ano gregoriano de 2022.

últimas, nos piores e melhores sentidos, já que para haver organização precisamos nos defrontar com a desordem, assim como, por sua vez, às fortes emoções podem ser tanto fascinantes quanto aterrorizantes, dependendo da nossa capacidade em cada situação de nos *desidentificar* diante (ou depois) de cada experiência. Relembrar das experiências de violência, sofrimento e angústia que vivi mobilizaram em mim *forças adormecidas*, quase que como se ao ser dito o não-dito perdesse o poder que tinha de me sufocar e reprimir. Ao mesmo tempo, praticar a *desidentificação* diante dessas memórias parece ter me potencializado a transcender os sofrimentos ainda conectados a elas, sem perder às valiosas lições afetiva-racional-espiritualmente aprendidas diante dessas experiências.

Confirmou-se para mim que não precisamos de mais razão, e que a idolatria dessa irá nos levar mais rapidamente para um colapso em todos os níveis (pessoal, social e ambiental); precisamos urgentemente do afeto para suscitar nossa revolta e também nossa compaixão! Assim como, é necessário praticar nossa consciência de *inter-ser* diante dos conflitos e violências que vivenciamos no dia a dia, aliada a uma forte vontade de *cuidado* para que não caiamos na métrica do ódio como uma solução. Pois, senão, ficaremos sempre presas numa lógica maniqueísta de *nós contra eles(as)* (eu contra o(a) outro(a)), que nos afastará da paz.

A cosmopercepção de mundo materialista e individualista não dá conta epistemologicamente de nos dar suporte para ir além dos ciclos de violência na realidade, pois tende a negar o sutil, o subjetivo, o *entre* das relações (que possibilita a consciência de *inter-ser*) e os conhecimentos ecológicos e sistêmicos que nos permitem *pulsar* nossas vidas num sentido *regenerativo* (WAHL, 2020).

Daí, as memórias dos povos-originários de nossa Terra, suas cosmopercepções alinhadas ao que chamo carinhosamente de *sonho de Gaia*, nos ensinam algo diferente do que nos foi condicionado pela teoria darwiniana (a qual presume uma evolução individualista das espécies), ao nos colocar que, na verdade, é toda a *biosfera* (VERNADSKY, 2019) que passa por ciclos epocais diversos coletivamente (conectando-nos a uma consciência ecológico-sistêmica). Por isso essas memórias surgem para mim como uma sabedoria indiscutivelmente necessária para transcendermos nossas mazelas ambientais, sociais e pessoais. Digo isso, pois pelo breve contato que pude ter com esses povos, bem como com aquilo que chega a mim de seus *modos de ser* a partir de estudos com pensadores como Ailton Krenak²⁴, percebo que aquela que descrevo como *presença compassiva* parece ser uma qualidade incentivada por suas culturas, devido à maneira como seus modos de convivência, tanto com os demais quanto com a floresta (e toda a natureza), se dão. Porém, compreender possibilidades insubmissas de educação a partir de cosmopercepções para além da Ocidental falso-hegemônica é uma jornada para uma próxima obra.

Aqui, fica-nos a esperança de horizontes decoloniais e insubmissos a serem trilhados;

²⁴ O autor já foi citado anteriormente, porém aqui, devido à relevância discursiva de sua identificação, trago que Ailton é um líder indígena, filósofo, poeta e escritor ambientalista brasileiro da etnia indígena krenak.

com a forte lembrança de que tudo é feito de uma determinada forma, até que mude! E acredito que já temos indícios suficientes da emergência da questão da violência, por meio das devastações objetivas e subjetivas que enfrentamos diariamente em nossa sociedade. Por isso, rogo profundamente que *abramos nossos corações* (mesmo que, a princípio, doa abrir mão da vaidade e do egoísmo em nome do *cuidado*), que nos disponhamos por amor e ética a nos *desidentificar* das mazelas que sofremos, para termos condição verdadeira de transcendê-las, para não ficarmos presas(os) na busca racional por vingança que nos afasta da sabedoria do *inter-ser*, para que o *encantamento do sonho de Gaia* nos faça *despertar* desse pesadelo de desunião; rogo que pratiquemos a *presença compassiva* conosco e com todo o planeta Terra, em nome da paz!

REFERÊNCIAS

- ACOSTA, Alberto. **O bem viver**: uma oportunidade para imaginar outros mundos. São Paulo: Elefante, 2016. 264 p.
- AGUIAR, Odílio Alves. **A Propósito da problemática do mal em Hannah Arendt**. Revista Grifos (Dossiê Hannah Arendt — Org. Silvana Wincler), Chapecó (Editora Argos), n.13, p. 87–98, Nov. 2002.
- AKOTIRENE, Carla. **Cruzando o atlântico em memória da interseccionalidade**. In: AKOTIRENE, Carla. Interseccionalidade: feminismos plurais. São Paulo: Pólen, 2019. Cap. 1. p. 13-33.
- BABA, Sri Prem. **Transformando o sofrimento em alegria**: construa relacionamentos íntimos e harmoniosos. Rio de Janeiro: Sextante, 2017. 176 p.
- BASTOS, Aguinaldo de; CABRAL, Alexandre Marques; REZENDE, Jonas. **Ontologia da Violência**: o enigma da crueldade. Rio de Janeiro: Mauad X, 2010. 260 p.
- BERTUCCI, Pri; ZANELLA, Andrea. **Manifesto Ile para uma Comunicação Radicalmente Inclusiva**. 2014. Disponível em: <https://diversitybbox.com/pt/manifesto-ile-para-uma-comunicacao-radicalmente-inclusiva/>. Acesso em: 29 jun. 2022.
- BOFF, Leonardo. **Saber cuidar**: ética do humano - compaixão pela terra. Petrópolis: Vozes, 1999. 199 p.
- BÍBLIA, N.T. **Gênesis**. Português. In: Bíblia sagrada. Reed. Versão de Antonio Pereira de Figueiredo. São Paulo: Ed. Das Americas, Cap. 9, vers. 2-3.
- BUTLER, Judith. **Relatar a si mesmo**: crítica da violência ética. 4. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2019. 198 p.
- CABRAL, Alexandre Marques. **Compaixão e Revolta**: sobre sofrimentos e corpos vulneráveis no mundo da iniquidade. Rio de Janeiro: Via Verita, 2021. 176 p.
- CESCON, Everaldo. Fenomenologia da consciência e da mente. Caxias do Sul: EducS, 2013. 215 p.
- CHALMERS, David John. **Enfrentando o problema da consciência**. Prometheus. Baltimore, p. 319-352. ago. 2020.

- CHAUI, Marilena. **Sobre a violência**. Belo Horizonte: Autêntica, 2018. 317 p.
- FIORIN, José Luiz et al. **Introdução à linguística: objetos teóricos**. 6. ed. São Paulo: Contexto, 2019. 227 p.
- FORGHIERI, Yolanda Cintrão. **Psicologia Fenomenológica: fundamentos, métodos e pesquisas**. 1. ed. São Paulo: Cengage Learning, 2021. 81 p.
- FOUCAULT, Michel. **História da loucura na idade clássica**. 10. ed. São Paulo: Perspectiva, 2014. 551 p.
- FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir: nascimento da prisão**. 41 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013. 291 p. ISBN 9788532605085 (broch.).
- FROMM, Erich. **O medo à Liberdade**. 14. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1983. 235 p.
- GOLEMAN, Daniel; DAVIDSON, Richard J. **A ciência da meditação: como transformar o cérebro, a mente e o corpo**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2017. 287 p.
- HOOKS, bell. **Tudo sobre o Amor: novas perspectivas**. Rio de Janeiro: Elefante, 2021. 272 p.
- HOFFER, Eric. **Fanatismo e movimento de massas**. Rio de Janeiro: Lidador, 1968. 166 p.
- KANT, Immanuel. **Resposta à pergunta: que é o iluminismo?**. Covilha: Lusosofia, 1784. 12 p.
- KILOMBA, Grada. **Quem pode falar?: falando do centro, descolonizando o conhecimento**. In: KILOMBA, Grada. Memórias da Plantação: episódios de racismo cotidiano. Rio: Cobogó, 2019. Cap. 2. p. 47-69.
- LIVRE, Catraca. **Globo se manifesta sobre intervalo comercial na eliminação de Karol Conká**. 2021. Disponível em: <https://catracalivre.com.br/entretenimento/globo-se-manifesta-sobre-intervalo-comercial-na-eliminacao-de-karol-conka/>. Acesso em: 17 set. 2022.
- MAGALHÃES, Dulce et al. **A paz como caminho**. 2. ed. Rio de Janeiro: Qualitymark, 2007. 240 p.

MUHR, Thomas. **Atlas.ti**. In: ATLAS.ti : Scientific Software Development GmbH. Versão 1.0. Berlin, Alemanha: Think Tank, 1993. Disponível em: atlasti.com. Acesso em: 14 set. 2022.

NIETZSCHE, Friedrich. **Verdade e mentira no sentido extramoral**. *Comum*, Rio de Janeiro, v. 17, n. 6, p. 5-23, jul. 2001.

SANTOS, Silvio Matheus Alves. **O método da autoetnografia na pesquisa sociológica: atores, perspectivas e desafios**. *Plural: Revista do Programa de Pós-Graduação em Sociologia da USP, São Paulo*, v. 1, n. 24, p. 214-241, 2017.

SÁ-SILVA, Jackson Ronie; ALMEIDA, Cristóvão Domingos de; GUINDANI, Joel Felipe. **Pesquisa documental: pistas teóricas e metodológicas**. *Rbhcs: Revista Brasileira de História e Ciências Sociais, Rio Grande*, v. 1, n. 1, p. 1-15, 7 jul. 2009.

STEINER, Claude; PERRY, Paul. **Educação Emocional: um programa personalizado para desenvolver sua inteligência emocional**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001. 199 p.

SOUSA, Angélica Silva de; OLIVEIRA, Guilherme Saramago de; ALVES, Laís Hilário. **A pesquisa bibliográfica: princípios e fundamentos**. *Cadernos da FUCAMP, Monte Carmelo/MG*, v. 20, n. 43, p. 64-83, fev. 2021.

SZASZ, Thomas. **Cruel Compaixão**. Campinas: Papyrus, 1994. 352 p.

TEIXEIRA, Thiago. **Decolonizar Valores: ética e diferença**. Salvador: Devires, 2021. 108 p.

VERNADSKI, Vladimir. **Biosfera**. Rio de Janeiro: Dantes, 2019. 238 p.

WAHL, Daniel Christian. **Design de Culturas Regenerativas**. 2. ed. Rio de Janeiro: Bambual, 2020. 376 p.

WEIL, Pierre. **A arte de viver a vida**. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2017. 237 p.

WOOLLAMS, Stan; BROWN, Michael. **Manual Completo de Análise Transacional**. São Paulo: Cultrix, 1999. 256 p.

APÊNDICE A

Bren @bbrendacristal

@FranChagnier hoy le hizo bullying a un perro con 3 patas
[#cancelado](#) [#franisoverparty](#)

Retweets: 0 • Curtidas: 0 • 19/09/2022, 00:00 • [Link](#)

tallinho @thpontes13

Sir Criston totalmente homofóbico [#cancelado](#)

Lector twTV @lectortwtv09

@loderaulo No es que habló mal. Mintió. [#cancelado](#)

Retweets: 0 • Curtidas: 5 • 18/09/2022, 00:00 • [Link](#)

Almendra @almond12

@juanp_noriega @JURIOBOLUDO Cancelado por mentir
[#Cancelado](#) [#CastilloLaPrisionTeEspera](#) [#MeDueleLaPancita](#)
[#Ayuda](#) [#QuieroIrAlBaño](#)

Retweets: 0 • Curtidas: 0 • 21/09/2022, 00:00 • [Link](#)

Janna banana @YanzhyZ

Carlos es un grosero, abusa de su autoridad, y me habla feo,
en verdad me cae mal, es el peor compañero de trabajo, ojalá
lo corran

[#YaNoMás](#) [#Cancelado](#) [#Malo](#) [#HombresMalos](#)

Retweets: 0 • Curtidas: 2 • 20/09/2022, 00:00 • [Link](#)

anonimo sincero @Moura1Sr

Pedro rascista, nasceu com problema mental (falso) e ainda xinga os outros de macaco pernetta de um olho so, e ainda tem o bigode do nazista. [#cancelado](#)

Reflexao de Miguel [#pedrohenriqueviado](#)

Retweets: 0 • Curtidas: 0 • 26/09/2022, 00:00 • [Link](#)

rachel @Rachel__7_

@soliz_manu WTF manu como la vas a llamar sinegrina [#manuisoverparty](#) [#cancelado](#) [#racism](#) [#noteenojesmanu](#) [#sinegrina](#) pic.twitter.com/exgWfNRmVX

Retweets: 0 • Curtidas: 0 • 24/09/2022, 00:00 • [Link](#)

Dr0wnb0y @nachota31040724

El @santi_mcqueen es un violador [#cancelado](#) [#puto](#) [#gay](#)

Retweets: 0 • Curtidas: 2 • 22/09/2022, 00:00 • [Link](#)

Maria Eugênyia @myapacioni

Tô com pena do guerreiro Adam Levine sendo [#cancelado](#) pelos xavecós online, sendo que ele é péssimo nisso.

Retweets: 0 • Curtidas: 3 • 22/09/2022, 00:00 • [Link](#)

tua mãe é minha @alessascl

@nseicomousaiss0 é homofóbico de acordo com matéria publicada de leo dias [#cancelado](#)

Retweets: 0 • Curtidas: 0 • 21/09/2022, 00:00 • [Link](#)

Simon WTF @feedre

@Flordelav escuchaste al chanchi Estevez en #lpa referiste a la comunidad trans cómo #hibridos merece ser #cancelado y sacado de los medios por #discriminador @Flor_de_P #intrusos pic.twitter.com/GfKb1rXKTO

Retweets: 1 • Curtidas: 6 • 21/09/2022, 00:00 • [Link](#)

JP Souza @jpedroosouza

Sim, o Danilo Gentili está certo. #cancelado twitter.com/DaniloGentili/...

Retweets: 0 • Curtidas: 0 • 20/09/2022, 00:00 • [Link](#)

leø @trashyle0

@adryi333 al bazar ***** leo racista #cancelado

Retweets: 0 • Curtidas: 1 • 19/09/2022, 00:00 • [Link](#)

Shady @shalvsldr

Diego misogino machista ódienlo Diego #cancelado

Retweets: 0 • Curtidas: 0 • 19/09/2022, 00:00 • [Link](#)

Miguel Angel @mydirtyangel

#CANCELADO #SALITREMAGICO El peor lugar para eventos, #DuaLipa dio el mejor show que un artista pudo dar, pero créanme cuando les digo que fue el PEOR SONIDO DE CUALQUIER CONCIERTO, era tan nefasto el sonido que su voz casi ni se escuchaba. Decepcionado total! @musictrendscol

Retweets: 0 • Curtidas: 48 • 19/09/2022, 00:00 • [Link](#)

madu do 011 | árvore do tt @blondedmadu
@itsgioagain isso é homo e emofobia [#cancelada](#)

Retweets: 0 • Curtidas: 0 • 25/09/2022, 00:00 • [Link](#)

_climentt @hug_me_ifuseeme
LA AVRIL ME HACE BULLYING CANCELARLA [#STOPBULLYING](#)
[#CANCELADA](#)

Retweets: 0 • Curtidas: 1 • 23/09/2022, 00:00 • [Link](#)

Marksj723 @marksj723
Eu odeio a Gabi
[#cancelada](#)

Retweets: 0 • Curtidas: 1 • 25/09/2022, 00:00 • [Link](#)

euu_zadoraa @Euuu235678
Naelly errou o pronome da ana clara [#cancelada](#)

Retweets: 0 • Curtidas: 0 • 25/09/2022, 00:00 • [Link](#)

Ryce @DaLaryce
@brudg07 estou mt decepcionada contigo agr 🤔 triste
[#nãoparaahomofobia](#) [#cancelada](#)

Retweets: 0 • Curtidas: 1 • 24/09/2022, 00:00 • [Link](#)

cs.ss @Blondbitter

Natália oprimindo as minorias

[#cancelada](#)

Retweets: 0 • Curtidas: 0 • 23/09/2022, 00:00 • [Link](#)

mufina @on_melodrama

@Vanessaalb2000 bifobica [#cancelada](#)

Retweets: 0 • Curtidas: 0 • 23/09/2022, 00:00 • [Link](#)

Maryoris Báez | 1M Eres mía @maryoris_baez

Por si no me conocen tengo un cambiaformas de 580 años con una de 21.

Me pueden cancelar, pero sin olvidar que la de 21 es la que manipula al de 580 e hizo que este se arrodillara delante de todo el clan.

[#HoraDeLaFuna](#) [#cancelada](#)

[#Wattpad](#) twitter.com/Anns_yn/status...

Retweets: 0 • Curtidas: 3 • 23/09/2022, 00:00 • [Link](#)

glopeeta @Gloriaguidap1

@fjqv1 @chulachulitas Espero que sea sarcasmo porque sino

[#Cancelada](#) @chulachulitas

Retweets: 0 • Curtidas: 1 • 23/09/2022, 00:00 • [Link](#)

Noe (#Vexus) @NoeliaMoras

Por si no me conocen tengo un cambiaformas de 2,5k años con una de 21.

Me pueden cancelar, pero sin olvidar que la de 21 arrojó al de 2,5k por la ventana en más de una ocasión y su niñera casi lo cocina por Navidad

[#HoraDeLaFuna](#) [#cancelada](#) [#wattpad](#)
twitter.com/Anns_yn/status...

Retweets: 0 • Curtidas: 6 • 23/09/2022, 00:00 • [Link](#)

Ann Rodd♥ #HodeskalleMiVarón @Anns_yn

Por si no me conocen tengo un vampiro de 3k años con una de 21.

Me pueden cancelar pero sin olvidar que la de 21 esta a un paso de nalguear al de 3k.

[#HoraDeLaFuna](#) [#cancelada](#) [#wattpad](#)

Retweets: 3 • Curtidas: 66 • 23/09/2022, 00:00 • [Link](#)

Portal Nation POP @portalnationpop

Qual o seu motivo para ser canceladah hein Nationpoper? Diz aí!

[#afazenda14](#) [#afazenda](#) [#cancelada](#) [#cancelados](#)
[#subcelebridades](#) [#famososdainternet](#) [#DeolaneBezerra](#)
[#luisasonza](#) [#debora](#) [#petala](#) pic.twitter.com/pza7ykVrOZ

Retweets: 0 • Curtidas: 0 • 21/09/2022, 00:00 • [Link](#)

Marcela Fernandez @heter2022

@yanilatorre Claro xq diacriminaste a una mujer "prostituta" sos un asco de persona. Igualmente la vida ya se encargó se darte tu merecido. Tu marido ama a las prostis y a las trans. No tiene nada de malo. Lo malo es tu postura [#cancelada](#)

Retweets: 0 • Curtidas: 1 • 21/09/2022, 00:00 • [Link](#)

RealitySincero @SinceroReality

Deborah está

DE-SES-PE-RA-DA

[#cancelada](#) [#RocaAFazenda](#)

Retweets: 1 • Curtidas: 1 • 21/09/2022, 00:00 • [Link](#)

mar @MLaraaaaa

[#cancelada](#) por traidora pic.twitter.com/EZJkOnziWu

Retweets: 0 • Curtidas: 2 • 21/09/2022, 00:00 • [Link](#)

TheMalCriado @TheMalCriado

Por que é que as vítimas de violência doméstica nunca sabem escrever? Duvido que levem tanto ao ponto de não saber pôr vírgulas e acentos eu quero apoiar mas foda-se, não me deem trabalho

@frasesdem3rda @@DiogoBataguas @danielcarapeto

[#comedia](#) [#cancelamento](#) [#apav](#)

Retweets: 0 • Curtidas: 0 • 26/09/2022, 00:00 • [Link](#)

yokinho @Yokinho_1

e esse [#cancelamento](#) da luisa sonza e so pq ela pediu agua
nao entendi

Retweets: 0 • Curtidas: 0 • 24/09/2022, 00:00 • [Link](#)

Tiago Reis @tiagoreiscg

Quem se atreve a empreender uma ideia ou um projeto corre sérios riscos de ser "cancelado" por quem nada faz, nada produz [é assim desde que o mundo é mundo].

"O que você faz das consequências de um fracasso hoje determinará o seu êxito amanhã."

[#bomdia](#) [#cancelamento](#) pic.twitter.com/8IMRmoFrS6

Retweets: 0 • Curtidas: 0 • 23/09/2022, 00:00 • [Link](#)

Otávio Augusto da DZ7 @otavioagr0

@_alinepato [#cancelamento](#) neles

Retweets: 0 • Curtidas: 0 • 23/09/2022, 00:00 • [Link](#)

Mario Sincero @MarioSincero4

[#cancelamento](#) ao Gilberto Gil twitter.com/projetochad/st...

Retweets: 0 • Curtidas: 1 • 22/09/2022, 00:00 • [Link](#)

JAROM Music @JaroMMusic

Que es eso de Joan Simo y @Jaumedelaiguana entrevistando y trabajando con el bastardo @3gerardpique ? #levandowski ? Por que seguir trabajando e idolatrando a un ser despreciable que piensa primero en su autosatisfacción que en lo que fue su propia familia #cancelado pic.twitter.com/XsRaMXa1dA

Retweets: 0 • Curtidas: 1 • 08/10/2022, 00:00 • [Link](#)

ricardo oliveira @ricabrasileiro

@arthurmoledoval @GuilhermeBoulos #Cancelado

Retweets: 0 • Curtidas: 0 • 07/10/2022, 00:00 • [Link](#)

viralnews @viralnewsarg

Tendrá miedo a la cancelación la sra de las plantas que tanto la preocupa ?

#cancelada #gossip

@NachoRodriOk @MTelevisor @teleavisador
#DebateDelViernes



Retweets: 0 • Curtidas: 0 • 07/10/2022, 00:00 • [Link](#)

Ana Rodrigues @AnaRodr48796661

@_AFazenda14 Essa fazenda tá errada #Pétala falou com a mãe dela pela a Netflix tem que ser #cancelada #Forapetala

Retweets: 0 • Curtidas: 0 • 07/10/2022, 00:00 • [Link](#)

Dai Costa Brasil #powercouple @DaiCostaBrasil1

Para a deolixo o Vini está melhorando como que pode essa mulher é contraditória meu deus...#fazenda14 ninguém tá pegando ranço não deolixo da @OficialDeborahA se manca #cancelada

Retweets: 0 • Curtidas: 2 • 06/10/2022, 00:00 • [Link](#)

Thalita @Thalita191919

Gente como essa mulher ainda não foi #cancelada? Vezes pior que Carol Conka. Vai além de baixaria esse grupo, ameaças pesadas, já falou em bater, atirar, falarem até que tem "DEDO MOLE"? se a #Recordtv não parar esse grupo, pf galera tirem todos! #cancelem #demolandia #AFazenda14 twitter.com/diegoschueng/s...

Retweets: 0 • Curtidas: 1 • 05/10/2022, 00:00 • [Link](#)

Tiffany O... @TiffiSs

@iamsroque Comió sin mi? [#cancelado](#)

Retweets: 0 • Curtidas: 1 • 23/09/2022, 00:00 • [Link](#)

kita lvs lu -2 KISCARA 600 DAYS @dainsleifly
NO ME VA A AMAR AUNQ FUERA UN PEZ

[#cancelado](#) twitter.com/noviodeyuji/st...

Retweets: 0 • Curtidas: 0 • 22/09/2022, 00:00 • [Link](#)

sofi | @princehs_

Mi papá hace facturas cuando no estoy en casa, todo MAL
MIGUEL >:(

[#cancelado](#) pic.twitter.com/GIFVMQjwMI

Retweets: 0 • Curtidas: 0 • 20/09/2022, 00:00 • [Link](#)

ali @aaaalinnnaa

merli no se quiere poner la mascara de messi conmigo
[#cancelado](#)

Retweets: 0 • Curtidas: 0 • 19/09/2022, 00:00 • [Link](#)

Não é a Carlyne @naoeacarolyne

Uma criança no omegle me chamou de "carinha chifrudo"

[#CANCELADO](#)

Retweets: 0 • Curtidas: 0 • 18/09/2022, 00:00 • [Link](#)

Não é a Carlyne @naoeacarolyne

UM MALUCO IDIOTA, RIDÍCULO, BABACA, ESCROTO, QUE EU E MINHA AMIGA ESTÁVAMOS CONVERSANDO NO OMEGLE DISSE PRA MINHA AMIGA QUE TODA GOSTOSA TEM UMA AMIGA CHATA, OU SEJA, ELE ME CHAMOU DE CHATA NA MINHA CARA!!! [#CANCELADO](#)

Retweets: 1 • Curtidas: 0 • 18/09/2022, 00:00 • [Link](#)

b i @marthaagbb

queria ser rica pra gastar metade do salário em coisa da shein

[#cancelada](#)

Retweets: 0 • Curtidas: 0 • 20/09/2022, 00:00 • [Link](#)

A @Alexia_alc

Le dedico a @astridsmendes este tweet.

PERDÓNNNNNNNAMEEEEE. [#cancelada](#) [#lamentosreal](#) [#triste](#)

[#malaamiga](#)

Retweets: 0 • Curtidas: 1 • 20/09/2022, 00:00 • [Link](#)

Su Aιtezza Serenίσιμα @su_altezza

Jajajajaja. Soy la mas cancelada.

Que padre caso.

Aún así me pelas toda la verga.

[#cancelada](#) [#sisoy](#)

Retweets: 0 • Curtidas: 2 • 25/09/2022, 00:00 • [Link](#)

ray @rayyanecheirosa

gnt, cancelem minha prima pq ela tá fazendo bullying comigo por ser alta e ter as canela fina [#cancelada](#)

pic.twitter.com/RBc8MfNQkJ

Retweets: 0 • Curtidas: 1 • 23/09/2022, 00:00 • [Link](#)

Grace lvs Gaby | always belieber @jusprinceofpopp

@justinnteamooo @pureluvfeels Ayer m diste bloq por unos segundos [#cancelada](#)

Retweets: 0 • Curtidas: 1 • 23/09/2022, 00:00 • [Link](#)

Ray @Alchemist_Ray

Abro hilo de como la Yasmín me ha traicionado fuertemente ya que no ha recogido mi estuche del suelo [#cancelada](#)

[#abrohilo](#) [#muymal](#)

Retweets: 0 • Curtidas: 2 • 23/09/2022, 00:00 • [Link](#)

Shant @shantmoragil

@marivi_seijas @sebastiaanmora De verdad perdón pero es que estoy haciendo cosas no tengo tiempo para snap

[#cancelada](#)

Retweets: 0 • Curtidas: 2 • 22/09/2022, 00:00 • [Link](#)

biilorivee @biilorivee

@_nairaacosta hablas así de mi novio? hate a Naira

[#cancelada](#)

Retweets: 0 • Curtidas: 0 • 22/09/2022, 00:00 • [Link](#)

o sal que falta na tua mãe @salboia

@iara34351653 ela é hetero [#cancelada](#) [#heterofobico](#)

Retweets: 0 • Curtidas: 2 • 22/09/2022, 00:00 • [Link](#)

. @GabiDoArrasca_

Esse sid interage com todos menos cmg

[#cancelada](#) [#faleitoleve](#)

Retweets: 0 • Curtidas: 1 • 22/09/2022, 00:00 • [Link](#)

Clara★ @yaayaayyyyyyy

Professora de matemática [#cancelada](#)

Retweets: 0 • Curtidas: 0 • 22/09/2022, 00:00 • [Link](#)

eva @romcomholic

que bulliyng selena [#cancelada](#) twitter.com/biebslegend/s...

Retweets: 0 • Curtidas: 5 • 21/09/2022, 00:00 • [Link](#)

brey @brey_bernardo

vim expor minha raiva, lá estava eu no insta dboa quando vejo um stories de @Joao_98765 querendo fazer novas amizades perguntei como q faz pra parar de ser amigo e ele debochou da minha cara e ainda falou pra eu vir aqui no tt
[#cancelamento](#) [#hablomesmo](#)

Retweets: 0 • Curtidas: 1 • 24/09/2022, 00:00 • [Link](#)

lay_cassy @Lay_cassy660

Hoje queria fazer um exposed da nikki, que só me trata mal e me xinga...por favor me ajudem compartilhando esse caso...vai se Eu der Nicole [#cancelados](#) [#pobreza](#) [#feia](#)
[#bellebelinhamerecerespeito](#) [#cancelamento](#) [#odeiopobre](#)
[#gaytudoigual](#)
pic.twitter.com/fA6WSfOVmGpic.
twitter.com/fA6WSfOVmG

Retweets: 0 • Curtidas: 3 • 20/09/2022, 00:00 • [Link](#)

felipinholovesosa @felipesvrt

@rottenrawheart olha o [#cancelamento](#) vindo ai

Retweets: 0 • Curtidas: 1 • 19/09/2022, 00:00 • [Link](#)

싸가지, @kimchikadukao

@DavidKhaledG yo no vi ninguna teta [#cancelado](#)

Retweets: 0 • Curtidas: 5 • 02/10/2022, 00:00 • [Link](#)

Thati_silvaz @silvaaz_02

Gente rodrigo me chamou de louca [#cancelado](#)

Retweets: 0 • Curtidas: 0 • 30/09/2022, 00:00 • [Link](#)

فلورنسا @_floralcaraz

Mi perro inventa que hay alguien para ir a ladrarle cuando no quiere que me acerque a besuquearlo [#cancelado](#)

Retweets: 0 • Curtidas: 0 • 29/09/2022, 00:00 • [Link](#)

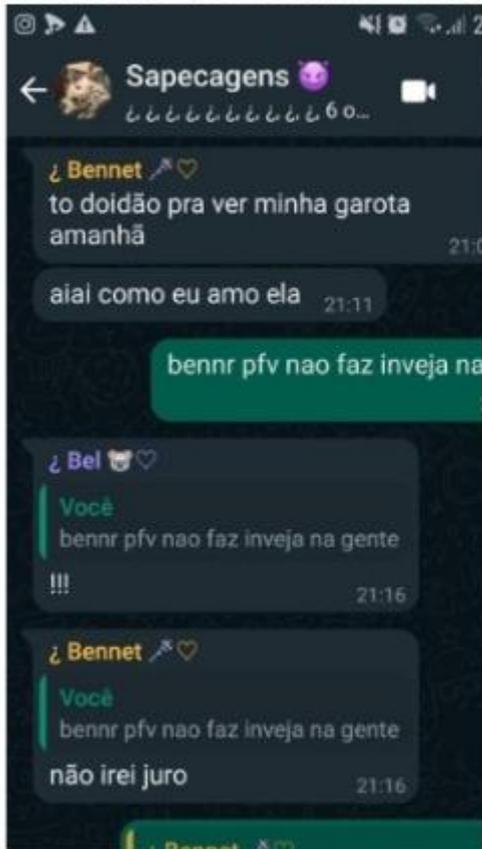
Andrews Nycollas @andrewsnycollas

E esse artista aqui que jurava que ia poder votar na embaixada e descobri que tinha que ter transferido o título pra cá 5 meses atrás... [#Cancelado](#) twitter.com/leandroneko/st...

Retweets: 0 • Curtidas: 0 • 29/09/2022, 00:00 • [Link](#)

iza. @iifmoura

vontade de catar o benne no tapa #cancelado



Retweets: 0 • Curtidas: 0 • 29/09/2022, 00:00 • [Link](#)

secai ama mulheres @secaislay

o roblox tem preconceito contra contas jovens #cancelado

Retweets: 0 • Curtidas: 0 • 28/09/2022, 00:00 • [Link](#)

China @Torressagus

@Wannlove @gallojared9 No puedo entender como tas con alguien que tiene una foto de Maradona #cancelado

Retweets: 0 • Curtidas: 0 • 28/09/2022, 00:00 • [Link](#)

SOFIA @yujinnoviareal

LE DIGO GRACUAS POR SER MI AMIGO Y ME DICE ESTO

#cancelado



Retweets: 1 • Curtidas: 0 • 27/09/2022, 00:00 • [Link](#)

Piro©eta @pirocetamol

@juliankaper Porque no se van a indignar con George Lucas que le cambio la voz sin avisar a David Prowse y en el retorno del Jedi trajo a un injunable para que se saque la mascara.

#cancelado star wars

Retweets: 0 • Curtidas: 0 • 26/09/2022, 00:00 • [Link](#)

Lya ☆ @yk2lhy

Gabriella sua cu pobre, me abraçou toda suja vey, mano meu uniforme ta fedeno a ovo, terra, folha, água, gordura e cabelo cancelem ela!! #cancelem #gabriellaevelyn #cancelemagabriella #cancelada

Retweets: 0 • Curtidas: 0 • 03/10/2022, 00:00 • [Link](#)

Ray @Alchemist_Ray

Abro hilo de como Susie me ha ignorado en WhatsApp #cancelada

Retweets: 0 • Curtidas: 1 • 01/10/2022, 00:00 • [Link](#)

descontrolada @eiRodriiigo

@Bruna_almeid1 Mentira, ela me deu um isqueiro apenas

#cancelada #exposed

Retweets: 0 • Curtidas: 2 • 30/09/2022, 00:00 • [Link](#)

Bianca @Doudis7

leticia me usurpa pra fazer compras pra ela, me mela de coco e nn espera meu uber cmg #cancelada

Retweets: 0 • Curtidas: 4 • 29/09/2022, 00:00 • [Link](#)

Paulan't @pauu_porta

@AgosBautista TE AGARRE HIJA DE MIL ya sabía que la veías sin mi [#cancelada](#) nuestra amistad

Retweets: 0 • Curtidas: 0 • 29/09/2022, 00:00 • [Link](#)

Marksj723 @marksj723

Eu odeio a Gabi

[#cancelada](#)

Retweets: 0 • Curtidas: 1 • 25/09/2022, 00:00 • [Link](#)

Aria Aarseth @Ariashiyo

RAFAEL MACHISTA NAO DEIXOU EU PASSAR SLIDES

[#CANCELAMENTO](#) [#MACHISTA](#) [#XENOFOBICO](#) [#RACISTA](#)

[#MACHOESCROTO](#)

Retweets: 0 • Curtidas: 1 • 30/09/2022, 00:00 • [Link](#)

Pessimista Schnoor @MarinaSchnoor

@lalimols Você não pensa nos artistas de pano de prato que podem ter seu ganha-pão prejudicado por essa ""tendência minimalista"", não, miga???w [#cancelada](#)

Retweets: 0 • Curtidas: 1 • 04/10/2022, 00:00 • [Link](#)

flor @florbdiaz_

@milesereyy @LouuFerrara_ es de piscis. [#cancelada](#)

Retweets: 0 • Curtidas: 1 • 04/10/2022, 00:00 • [Link](#)

Sabri Sosa @sabriss_s

@DieDilorenzo Igual me están acusando de traición jjajaj [#cancelada](#)

Retweets: 0 • Curtidas: 1 • 02/10/2022, 00:00 • [Link](#)

Winston Villamil @WistonVillamil

La gente que se cree con derecho a opinar sobre ti o tus cosas que les pasa, ubicate por favor [#cancelado](#)

Retweets: 0 • Curtidas: 1 • 08/10/2022, 00:00 • [Link](#)

El Profe Otaku @ElProfeOtaku

Que pensa, justo hace unos meses terminé su anime y si bien no era la gran obra maestra, su concepto sí que engancha y está para entretenerse un rato

F por los pauer rengiers

[#PowerRangers](#) [#anime](#) [#cancelado](#)
twitter.com/somuskudasai/s...

Retweets: 1 • Curtidas: 2 • 07/10/2022, 00:00 • [Link](#)

ash es adicto a los flips @fresitaash

@luanqremorir es puto [#cancelado](#) [#polemica](#) [#ozuna](#)

Retweets: 2 • Curtidas: 4 • 05/10/2022, 00:00 • [Link](#)

dairus @dayra2359

Ten amigas para esto... en fin, [#cancelada](#) @paulamonux02



Retweets: 0 • Curtidas: 0 • 07/10/2022, 00:00 • [Link](#)

Vlada⁷ @Vladanivr

#cancelado #funado #outtheparty @Barrafa_

Replied to your Close Friends story



Las voy a asesinar

Te voy a cancelar en Twitter

Hágalo pues



Mucha perra

Retweets: 0 • Curtidas: 1 • 10/10/2022, 00:00 • [Link](#)

Duda do wsc @cambduda

@Tulhex Ou seja você veio do meu lado e não me visitou
#cancelado

Retweets: 0 • Curtidas: 1 • 09/10/2022, 00:00 • [Link](#)

CAPTAIN SPAULDING ⚡. @sergiogarcia00
[#cancelado](#)

Retweets: 0 • Curtidas: 0 • 21/09/2022, 00:00 • [Link](#)

Nandoh_ryques surtei #BBB22 @NRyques
@tvlizando [#cancelado](#)

Retweets: 0 • Curtidas: 0 • 21/09/2022, 00:00 • [Link](#)

Adri Cerati Grohl Cuomo @yojodoportodo
@oskar767 [#Cancelado](#)

Retweets: 0 • Curtidas: 1 • 21/09/2022, 00:00 • [Link](#)

1 9 0 6 @mil9zeroseis
@agitaquesumol [#cancelado](#)

Retweets: 0 • Curtidas: 0 • 21/09/2022, 00:00 • [Link](#)

mis @misteke3
@Artthuritto [#cancelado](#)

Retweets: 0 • Curtidas: 2 • 21/09/2022, 00:00 • [Link](#)

purple @kethsaraca
[#cancelado](#)
@FelipeN2702

Retweets: 0 • Curtidas: 0 • 20/09/2022, 00:00 • [Link](#)

m @mraddiictedd

#cancelado pic.twitter.com/MaZ5tcHbMH

Retweets: 0 • Curtidas: 0 • 20/09/2022, 00:00 • [Link](#)

PsicoSarcasmo @PsicoSarcasmo

@donfelixSPM Esos son tres #Karen

#CANCELADO #cancel #CANCELADOS

Retweets: 0 • Curtidas: 0 • 20/09/2022, 00:00 • [Link](#)

Croc @Don_Cr0c

se te acaba el chollo jesucristo

#cancelado

Retweets: 0 • Curtidas: 2 • 20/09/2022, 00:00 • [Link](#)

thedripsinyourwindow_ @thedripsinyour1

Nicolás #cancelado

Retweets: 0 • Curtidas: 0 • 20/09/2022, 00:00 • [Link](#)

Juliana @julianaabril_

@CamiHerrera73 #cancelado

Retweets: 0 • Curtidas: 1 • 19/09/2022, 00:00 • [Link](#)

NAUTBOL @NAUTBOL

#Kenia - Burundi ★ #Cancelado ★ by #SofaScore

Retweets: 0 • Curtidas: 1 • 19/09/2022, 00:00 • [Link](#)

paula andrea jimenez @paulamaglieri
@loderaulo Y el es un panqueque.

#cancelado

Retweets: 0 • Curtidas: 0 • 19/09/2022, 00:00 • [Link](#)

Braga ✂ @Mn_Braga

@Jamalzin_87 @bxg027 Achei, #cancelado

Retweets: 0 • Curtidas: 1 • 19/09/2022, 00:00 • [Link](#)

Rosasamarillas @rosasblancassi

Al final Baby es un arrastrado lo tienen agarrado por la causa
Por eso Si no tenes el culo limpio sos eso un pobre tipo

#cancelado

Retweets: 0 • Curtidas: 0 • 18/09/2022, 00:00 • [Link](#)

Vuestro Lugar Favorito @VLFavorito

Piden la CANCELACIÓN de La Isla de las Tentaciones 5 por
"AGRESIÓN"

youtube.com/watch?v=wQEsCw... #LalslaDeLasTentaciones

#LalslaDeLasTentaciones5 #cancelado #telecinco

pic.twitter.com/6aeiQvkX12

Retweets: 0 • Curtidas: 0 • 26/09/2022, 00:00 • [Link](#)

@yun0_oh

@jxm72 y no invitó [#cancelado](#)

Retweets: 0 • Curtidas: 1 • 24/09/2022, 00:00 • [Link](#)

kevön © @rubiusfake

quackity manipulador [#cancelado](#)

Retweets: 0 • Curtidas: 0 • 24/09/2022, 00:00 • [Link](#)

@EliseoRicardoP1

@PazHG30 [#cancelado](#)

Retweets: 0 • Curtidas: 0 • 24/09/2022, 00:00 • [Link](#)

João Bernardo @atuasombra_1

@almeiduu Vais ser totil [#Cancelado](#)

Retweets: 0 • Curtidas: 0 • 23/09/2022, 00:00 • [Link](#)

loquita como Candy @OohSofi

@eduardoyscs [#cancelado](#)

Retweets: 0 • Curtidas: 1 • 23/09/2022, 00:00 • [Link](#)

Meeh-dA-XORALIXO @LoudMeeh

@loud_leozin1 @loud_mito10 [#cancelado](#)

Retweets: 0 • Curtidas: 0 • 23/09/2022, 00:00 • [Link](#)

Pana fresco @YaFuePes

@Imfuckingsmoker [#cancelado](#)

Retweets: 0 • Curtidas: 2 • 23/09/2022, 00:00 • [Link](#)

gabriela_cobon @CobonGabriela

El vape esta pero [#cancelado](#) por mi

Retweets: 0 • Curtidas: 2 • 23/09/2022, 00:00 • [Link](#)

Tiny Bell ✨ @bgcbel

@gcamposto @ladylagrimitas Gran Gera aka Farmer no more

♀ [#cancelado](#)

Retweets: 0 • Curtidas: 2 • 23/09/2022, 00:00 • [Link](#)

ElRisas @elrisas_3

@AngelNsQpA eso es porque eres muggle [#sangresucia](#)
[#cancelado](#)

Retweets: 0 • Curtidas: 0 • 23/09/2022, 00:00 • [Link](#)

nolan :p @souldls

@kihyunlolero yo no lo hubiese hecho [#cancelado](#)

Retweets: 0 • Curtidas: 0 • 22/09/2022, 00:00 • [Link](#)

Mailo @_emiliojose

@Ralfee88 [#cancelado](#)

Retweets: 0 • Curtidas: 0 • 22/09/2022, 00:00 • [Link](#)

Mangel mad @Mariang31553298

gigael [#cancelado](#)

Retweets: 2 • Curtidas: 1 • 22/09/2022, 00:00 • [Link](#)

mapache :) @_nairaacosta

Hate al Alex [#cancelado](#)

Retweets: 0 • Curtidas: 3 • 22/09/2022, 00:00 • [Link](#)

yoyo @rorroyporro
@solnerix #cancelado

Retweets: 0 • Curtidas: 0 • 22/09/2022, 00:00 • [Link](#)

rebecca @rebeccafdeez
@fercastrorojas0 @marycasablancas fernando vas a acabar
#cancelado

Retweets: 0 • Curtidas: 0 • 22/09/2022, 00:00 • [Link](#)

Tatii @staylondra
@NALovesHS @lovscafecito nico #cancelado ahre

Retweets: 0 • Curtidas: 2 • 22/09/2022, 00:00 • [Link](#)

MOR. @_ARTMOR
P.D. Pato se burló #cancelado

Retweets: 0 • Curtidas: 1 • 22/09/2022, 00:00 • [Link](#)

YinYin @yinyin_rifa
@cuzexo @Dan_yc #cancelado

Retweets: 0 • Curtidas: 1 • 22/09/2022, 00:00 • [Link](#)

Magalu @malusxavier
@Wallyso25065686 #cancelado

Retweets: 0 • Curtidas: 0 • 22/09/2022, 00:00 • [Link](#)

melasa.  @melasa_4everr
@CamiloTirana ño. #cancelado

Retweets: 0 • Curtidas: 0 • 21/09/2022, 00:00 • [Link](#)

@_hellosara_

@macarenaa_st #cancelada

Retweets: 0 • Curtidas: 1 • 25/09/2022, 00:00 • [Link](#)

Runa @RunaXD69

@your_soulkk #cancelada pic.twitter.com/TP6iQ8Dfzp

Retweets: 0 • Curtidas: 1 • 25/09/2022, 00:00 • [Link](#)

Jake ♥'s Hanako (-3) @film__1999

@ratontinn #cancelada

Retweets: 0 • Curtidas: 0 • 24/09/2022, 00:00 • [Link](#)

chris @delucapeach

@thespanishgirl #cancelada

Retweets: 0 • Curtidas: 0 • 24/09/2022, 00:00 • [Link](#)

Manel Gaborra @ManelGaborra

@raquelatfcosta #Cancelada

Retweets: 0 • Curtidas: 0 • 23/09/2022, 00:00 • [Link](#)

helena salada de fruta @dainezhelena

@marioliveirx_ @_ann1nha #cancelada!!

Retweets: 0 • Curtidas: 0 • 23/09/2022, 00:00 • [Link](#)

vale lvs bri & cathia @lilfreeakluvr
@ale_kiss__ briana nuestra bestie [#cancelada](#)
Retweets: 0 • Curtidas: 1 • 23/09/2022, 00:00 • [Link](#)

COco | RUSH HOUR★ @jmin_amor
@MoonWorld__94 [#cancelada](#)
Retweets: 0 • Curtidas: 0 • 22/09/2022, 00:00 • [Link](#)

mv @marivi_seijas
@shantmoragil @sebastianmora ok shantal [#cancelada](#)
Retweets: 0 • Curtidas: 1 • 22/09/2022, 00:00 • [Link](#)

Hello my name is Suzy @buonejita
@isamuse10 @girlplastic31 floricienta fue la manzana de la
discordia entre el frizer y delfina :v [#cancelada](#)
Retweets: 0 • Curtidas: 1 • 22/09/2022, 00:00 • [Link](#)

WAITIN' FOR #K5 @cloveonlyc
@melodramamx [#cancelada](#)
Retweets: 0 • Curtidas: 0 • 22/09/2022, 00:00 • [Link](#)

XIUOLO - MAXIDENT @Sanchezz_2403
[#Cancelada](#) pic.twitter.com/9PMkzVH4oF
Retweets: 0 • Curtidas: 0 • 22/09/2022, 00:00 • [Link](#)

Troncoox @Troncoox
@staryuukiii @Martinpdialvo [#Cancelada](#)
Retweets: 0 • Curtidas: 2 • 21/09/2022, 00:00 • [Link](#)

thedripsinyourwindow_ @thedripsinyour1

Ruby [#cancelada](#)

Retweets: 0 • Curtidas: 0 • 21/09/2022, 00:00 • [Link](#)

Sona @val_s0nka

@d_dreamingmar Nmms mari, tu privacidad como quieras pero la de tu kk? Y si se incomoda? [#cancelada](#)

Retweets: 0 • Curtidas: 0 • 21/09/2022, 00:00 • [Link](#)

愛 @_hinky

@falsinho44 @Tenshi_ily CANCELADA [#cancelamento](#)
[#cancelada](#) [#cancelar](#) [#cancela](#)

Retweets: 0 • Curtidas: 0 • 20/09/2022, 00:00 • [Link](#)

Dr. Lucas Sahium @LucasSahium

S Ú M U L A n. 497 STJ

Os créditos das autarquias federais preferem aos créditos da Fazenda estadual desde que coexistam penhoras sobre o mesmo bem. [#CANCELADA](#)

Retweets: 0 • Curtidas: 0 • 20/09/2022, 00:00 • [Link](#)

Dr. Lucas Sahium @LucasSahium

S Ú M U L A n. 212 STJ

A compensação de créditos tributários não pode ser deferida em ação cautelar ou por medida liminar cautelar ou antecipatória. #CANCELADA

Retweets: 0 • Curtidas: 0 • 20/09/2022, 00:00 • [Link](#)



au's @Scenerykmth

@NiaEuphoria_Kth #cancelada

Retweets: 0 • Curtidas: 0 • 20/09/2022, 00:00 • [Link](#)

victor 13 @mypridesflav

#cancelada twitter.com/luisasonza/sta...

Retweets: 0 • Curtidas: 0 • 20/09/2022, 00:00 • [Link](#)

Isabel cascabel @celemartaa

#celemartapartyisover #cancelada #fueracachacos

Retweets: 0 • Curtidas: 2 • 26/09/2022, 00:00 • [Link](#)